FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

QUINTA-FEIRA, 21 DE JULHO DE 1966

ANO 46.º — NÚMERO 15658

Diario de Lisbôa

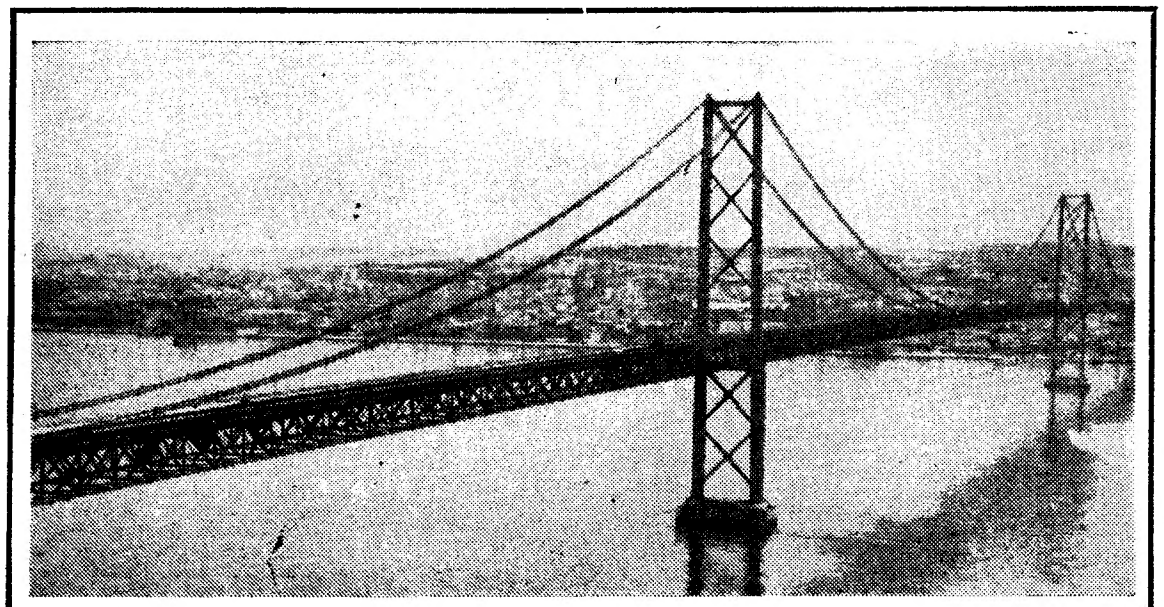
DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

END. TEL.: D I B O A — TELEX.: 363
TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA

NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO
EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SÁ



PARA ATRAVESSAR A PONTE VAI PAGAR-SE

Classe 1	10$00
Classe 2	15$00
Classe 3	20$00
Classe 4	25$00
Classe 5	40$00
Classe 6	60$00
Classe 7	70$00
Classe 8	80$00
Classe 9	100$00

(Ver discriminação das classes na página 10)

Das 13 e 30 do dia 6 até às 0 horas do dia 8, a passagem na ponte é isenta de pagamento

Reacções desfavoráveis às disposições de austeridade anunciadas por Wilson

LONDRES, 21 — (F. P.) — As severas disposições de austeridade, anunciadas ontem pelo primeiro-ministro Harold Wilson, foram recebidas, em geral, bastante desfavorávelmente.

Criticadas pelos círculos financeiros e a oposição conservadora, enquanto que os sindicatos fazem sérias reservas, antes de se pronunciarem definitivamente, as disposições parece terem provocado fortes reacções no próprio Partido Trabalhista. Porém, na Bolsa de Londres, como na de Nova York, a cotação da libra melhorou francamente.

Ausente do Parlamento quando o primeiro-ministro apresentou as disposições de austeridade, George Brown, chefe adjunto do Partido Trabalhista, vice-primeiro-ministro e titular da pasta da Economia, era, ontem á noite, tido por demissionário. Com efeito, soube-se depois que Brown havia entregue a Harold Wilson o pedido de demissão, mas que este o convidara a reflectir um pouco mais antes de levar por diante uma decisão que ameaçaria abrir crise grave no partido, do qual Brown anima a ala direita, ao mesmo tempo que exerce grande influência nos sindicatos.

Mais tarde, certo numero de deputados do Labour exortaram-no igualmente a conservar-se no cargo que desempenha no Gabinete. Depois de uma entrevista com o primeiro-ministro, o próprio Brown anunciou que havia retirado o pedido de demissão.

A PROPÓSITO DO PROJECTO DO NOVO CÓDIGO CIVIL — 33

Os problemas do divórcio debatidos em sessão da Ordem dos Advogados

Prosseguiu ontem, na Ordem dos Advogados, e em mais uma sessão promovida pelo prestigioso Instituto da Conferência, a discussão do projecto do novo Código Civil, livro do «Direito da Família», títulos e capítulos respeitantes a «divórcio, separação e anulação de casamento».

Falou em primeiro lugar o sr. dr. Miguel Pereira da Costa, que discordou de afirmações feitas na sessão anterior pelo sr. dr. Francisco de Sousa Tavares e defendeu que a definição do casamento dada

(Continua na página seguinte

32 PÁGINAS

HOJE

VIDA LITERÁRIA E ARTÍSTICA

Mais aviadores americanos aprisionados no Vietnam do Norte

HONG KONG, 21. — (R.). — Segundo a agência noticiosa Nova China, o Vietnam do Norte abateu ontem nove aviões e capturou alguns pilotos americanos.

A agência disse que esse numero elevara para 21 o total de aviões americanos abatidos sobre o Vietnam do Norte em 19 e 20 de Julho.

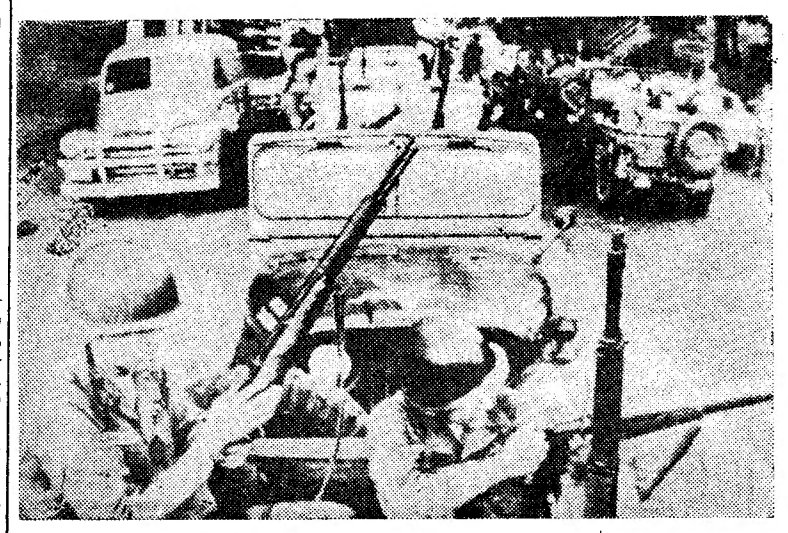
BAIXAS SUL-COREANAS

SEUL, 21 — (F. P.) — O general Chi-Myng-Shin, comandante das forças sul-coreanas no Vietnam, anunciou noje que, desde a chegada do contingente daquele país, 367 soldados foram mortos e 33 feridos. O contingente conta 45 mil homens.

APREENDIDO O JORNAL «ABC» DE MADRID

MADRID, 21 — (F. P.) — O diário monárquico «ABC» foi apreendido esta manhã, quando já se encontrava á venda, nesta cidade.

A medida parece relacionada com a publicação, na primeira página do jornal, de um artigo do escritor e jornalista monárquico Luís Maria Anson, com o título «A monarquia de todos».



UMA COLUNA DE TROPAS patrulha um bairro do West Side de Chicago, uma das cidades americanas onde, nos ultimos dias, se têm verificado distúrbios raciais. Em Cleveland, verificaram-se novos recontros entre a Polícia e multidões de negros (Pág. 14)

COMENTÁRIO INTERNACIONAL de CARLOS FERRÃO

A OPINIÃO AMERICANA

Para a execução da sua política, susceptivel de acarretar gravissimas consequências que em Washington não ignoram, conta o presidente com o apoio da opinião pública do seu país? Os inquéritos realizados antes dos bombardeamentos acusavam nitida perda de popularidade para Johnson. Posteriormente, porém, em virtude dos bombardeamentos, a popularidade do presidente conheceu uma nova e impressionante ascensão. Na Imprensa, os artigos de cronistas políticos e militares favoráveis ao endurecimento da linha americana, como Joseph Alsop, têm o favor do público, enquanto as vozes que aconselham prudência, e mesmo o abandono do empreendimento militar, como Walter Lippmann, são relegadas para segundo plano. Na importante reunião de governadores estaduais que teve lugar em Los Angeles, em 8 do corrente, apenas um dos presentes, o governador Hatfield, votou contra a moção de confiança na política do presidente, moção que, apesar de revista antes de terminar a reunião, foi considerada por muitos dos que a aprovaram como um cheque em branco.

No Congresso registou-se fenómeno idêntico. Deixaram de se ouvir os criticos da politica de guerra do presidente. Senadores, como Wayne Morse e Fullbrigth, remeteram-se a um prudente silêncio esperançados em que os acontecimentos lhes dêem razão. Em contraste com essa atitude, aproveitando a oportunidade oferecida pela ameaça que impende sobre os prisioneiros de guerra em poder do Vietnam do Norte, os «leaders» dos dois partidos no Senado, secundados por outros senadores de reconhecida influência, fizeram declarações de caloroso apoio á decisão de bombardear Hanói e Haiphong e destruir os depósitos e instalações nelas situados.

VISADO PELA CENSURA

• • • TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA TAP • • • •

De ontem para hoje

OVAR AGRADECIDA

A vila de Ovar tem agora o seu Palácio da Justiça, recentemente inaugurado em acto solene que o sr. ministro da Justiça aproveitou para proferir discurso de importantes afirmações. O edifício mostra quanto os srs. ministros das Obras Publicas e da Justiça têm a peito os interesses dessa vila e, por isso, uma comissão numerosa e representativa de Ovar meteu-se a caminho e veio a Lisboa para agradecer áqueles membros do Governo e comunicar-lhes que a Câmara Municipal os nomeara cidadãos honorários de Ovar, entregando-lhes também a medalha de ouro do concelho. A Lisboa vieram o presidente, o vice-presidente do município e vereadores bem como deputações de instituições e actividades económicas, políticas e sociais, morais e recreativas. Eram acompanhados do governador civil de Aveiro, dr. Manuel dos Santos Lousada. Estiveram ontem nos gabinetes respectivos onde foram recebidos pelos srs. prof. Antunes Varela e eng.º Arantes e Oliveira, estando presente na audiência deste o eng.º Tarujo de Almeida, subsecretário de Estado do Orçamento, natural de Ovar. Um e outro ministro ao testemunharem aos visitatnes o agradecimento pela deferência de que foram alvo, puseram em relevo a actuação dos serviços dos respectivos Ministérios, a cujos funcionários dedicaram em muito as distinções recebidas, como elementos esforçados que são de equipas de trabalho dedicadas ao progresso do País e consideram-se excepcionalmente emocionados com a sua eleição como cidadãos honorários de Ovar e, portanto, agora, conterrâneos de quantos aos seus gabinetes se dignaram deslocar-se para confirmarem e concretizarem com a entrega dos diplomas e das medalhas de ouro tão elevada distinção.

[P]ASSAGEM DE NÍVEL [S]EM GUARD[A]

Até quando essas ratoeiras espalhadas pelo País fora continuarão a ceifar vidas e haveres? Até quando se deixarão passagens de nível prontas a triturar homens e carros? Ontem foi a passagem de nível da Gelfa, naquele pinhal denso mesmo á beira-mar, acima de Viana do Castelo. Um carro com «roulotte» parou porque uma peça desta se prendeu á via e saiu do carro a sr.ª D. Else Gerda Henriksen, de 43 anos, dinamarquesa, para reparar a avaria. Marido e filha ficaram dentro do carro. Iam acampar o casal e a filha perto do mar. Nisto surge o pior, que foi a morte sob a forma do comboio-guilhotina. O carro foi atirado longe e, no caminho, colheu a senhora, tendo esta morrido quando era conduzida ao hospital.

CONSELHO DE MINISTROS PARA OS ASSUNTOS ECONÓMICOS

Sob a presidência do ministro de Estado, dr. Mota Veiga, reuniu-se ontem á tarde, no Palácio de S. Bento, o Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos. O Conselho apreciou o andamento dos trabalhos preparatórios do III Plano de Fomento e ocupou-se ainda de outros assuntos correntes da sua competência.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu, em audiência, no Palácio Nacional de Belém, os srs. prof. Adriano Moreira, comandante Pedro Correia de Barros, Luís Lupi, deputado José Vicente de Abreu e dr. J. A. Correia de Barros.

Duas comunicações à Academia das Ciências

Na reunião da Classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa, efectuada esta tarde foram apresentadas duas comunicações importantes, atentamente escutadas pelos académicos presentes.

Uma comunicação do prof. Aurélio de Quintanilha, lida pelo prof. J. Vieira Natividade, sobre o «Problema algodoeiro português e a actividade do Centro de Investigação Científica Algodoeira». A outra comunicação foi apresentada pelo prof. Sebastião Silva, sob o título de «Sobre uma axiomática das ultradistribuições».

Ao fim da tarde efectua-se uma reunião plenária da Academia das Ciências para a entrega dos prémios académicos de 1965.

[INSPE]CTOR-CHEFE DOS ESPECTÁCU[LOS]

Vai ser nomeado inspector-chefe dos Espectáculos, o dr. José Maria Alves, na vaga resultante da exoneração a seu pedido, do dr. João Neves Duque, que recentemente assumiu as funções de presidente da R. T. P.

[ACIDE]NTE FATAL

Foi em Daivões, nas terras altas de Ribeira de Pena, vivia o agricultor sr. Manuel Meireles, de 53 anos, que sofria de mal intestinal. Causava-lhe dores horríveis. Ontem sentiu-se mal e pediu á esposa que lhe preparasse o remédio o que ela solicitamente foi fazer. Ingeriu o marido o remédio e o sofrimento foi verdadeiramente atroz. Verificou, então, mas muito tarde, que a esposa lhe dera o remédio contra o escaravelho da batata. Ainda, perante verdadeira loucura da esposa, o sr. Meireles chamou um automóvel para o levar ao hospital. Mas morreu dentro do carro.

A PROPÓSITO DO PROJECTO DO NOVO CÓDIGO CIVIL

Continuação da página anterior

pelo art.º 1577 (e que é a seguinte: «Casamento é o contrato celebrado entre duas pessoas de sexo diferente que pretendem constituir legitimamente a família, mediante uma comunhão plena de vida que tem como fim primário a procriação e a educação da prole») está de acordo com a doutrina da Igreja, lendo algumas frases de textos aprovados pelo Concílio Vaticano II.

Usou em seguida da palavra o sr. dr. José Magalhães Godinho, que pôs em relevo corresponder o divórcio á solução necessária de um problema sociológico. Referindo-se á Concordata, considerou-a inconstitucional e disse que se põe, além disso, a duvida sobre se teria sido a Igreja a impor a renuncia forçada ao divórcio, na ordem civil já se vê, ou se teria sido o Estado a defendê-la ou adoptá-la.

Exemplos de direito comparado apresentados pelo dr. Magalhães Godinho

Entrando no campo do direito comparado, o sr. dr. Magalhães Godinho rebateu asserções produzidas também na sessão anterior pelo sr. dr. José H. Saraiva, expondo as soluções adoptadas em alguns países, especialmente nos países socialistas, e nomeadamente na U. R. S. S. — a que aquele advogado se tinha referido concretamente.

Realçou que, ao contrário do que tinha sido dito, o divórcio é amplamente admitido em todos eles, e todos permitem o divórcio por mutuo consentimento. Citou o caso, talvez «sui generis», da Polónia, onde se estatui que o divórcio pode não ser concedido quando se considere que prejudica altamente a situação dos filhos. No que respeita á Russia notou que a tendência para se restringir o divórcio era condicionada por uma certa evolução sociológica e não por um apriorismo ideológico.

A solução original do Código Brasileiro invocada pelo dr. José H. Saraiva

O sr. dr. José Hermano Saraiva, entrando no debate, reafirmou e esclareceu algumas das suas posições tomadas na ultima sessão, nomeadamente no tocante á separação. Depois de louvar a «extraordinária clareza» do sr. dr. Magalhães Godinho, afirmou que em seu entender a indissolubilidade do casamento canónico decorria da própria Constituição, e que a discussão devia centrar-se no casamento civil.

Falou da forma original que se projecta para o Código Brasileiro — no qual, em vez do divórcio, se faculta largamente a anulação do casamento, ficando os cônjuges, depois dela, não como divorciados, é claro, mas como solteiros — e opinou que as soluções do direito russo são ditadas só por princípios de utilidade social, enquanto entre nós há uma longa tradição romanista.

Uma longa intervenção do dr. Humberto Lopes

O sr. dr. Humberto Lopes fez depois uma longa intervenção, em que começou por se referir á vivacidade e ao interesse com que estes debates têm decorrido, e ás exposições, de uma perspectiva católica, feitas na sessão anterior, pondo em relevo a sua autenticidade e honestidade intelectual, sem ofender quem quer que fosse, desde a delicadeza e boas maneiras do sr. dr. Ferreira Gomes — para além do total desacordo com o seu pensamento «integrista» — até ao sr. dr. José H. Saraiva, já mais liberal, e ao admirável contributo do sr. dr. Francisco de Sousa Tavares.

Quanto aos argumentos, de ordem comparatista, aduzidos pelos dois primeiros para demonstrar que o divórcio ainda é admitido no projecto com mais larqueza do que em vários outros países, afirmou não parecer válido irem buscar-se quatro exemplos, dois deles de legislações fora do «circuito normal»: a espanhola e a italiana. No que respeita á espanhola notou, aliás, que no período republicano sempre houve divórcio (e ainda nos dois primeiros anos do actual regime — acrescentou, trazendo uma achega, o sr. dr. Heliodoro Caldeira), e no que concerne á Itália informou de uma iniciativa parlamentar actualmente em curso. Em qualquer dos casos, disse, são preconceitos ideológicos que impedem o divórcio.

Novos elementos de direito comparado trazidos à discussão

Os outros dois países — França e Alemanha — aceitam o divórcio, e o numero de divórcios é muito maior que entre nós. Mas, de qualquer forma, estes quatro exemplos não permitem uma visão panorâmica — pois não se pode esquecer a Inglaterra, a Bélgica, os países escandinavos, etc., etc.

O sr. dr. Humberto Lopes falou depois das soluções consagradas nos países socialistas, refutando também as afirmações feitas anteriormente pelos srs. drs. Ferreira Gomes e José H. Saraiva em termos de induzir em erro: soluções que se coligem de trabalhos publicados na revista do centro internacional francês de pesquisas científicas do direito. No caso concreto da Russia, longe de se dificultar extremamente o divórcio, o que se procura é um justo equilíbrio. De facto, num primeiro momento, depois da revolução de 1917, do que se tratou foi de libertar a família, especialmente a mulher, de uma série de peias que a mantinham ainda em regime patriarcal, quase em escravidão — e onde eram frequentíssimos os casamentos ditados só por interesses patrimoniais.

Com esta liberdade dos primeiros tempos criou-se uma irresponsabilidade que levou á desagregação familiar. Ora, quando há todo um processo de consolidação da sociedade socialista — que se traduz nomeadamente na protecção aos jovens, a maior de todas as riquezas — procurou-se, ao mesmo tempo, consolidar a família: não á custa de leis e decretos, mas de alterações da própria realidade social correspondendo a fases diferentes de desenvolvimento. E hoje o divórcio é admitido com uma certa latitude, apesar da sua percentagem ser só de 10 %, contra 26 % nos Estados Unidos.

Uma assembleia vivendo sob o espírito da liberdade e da tolerância

Referindo-se outra vez aos oradores com quem está em desacordo, realçou tê-los ouvido com todo o respeito, com o que, aliás, só tinha cumprido a sua obrigação. E acrescentou, numa conclusão que julga, aliás, desnecessária: «esta assembleia tem de viver sob o espírito da liberdade, e tem de respeitar todos os pontos de vista. É por ela, pela tolerância, e não por uma unanimidade fictícia que poderemos influenciar quem precisa de o ser». Disse, porém, que não lhe parecia certo trazer discussões de teologia para a Ordem dos Advogados.

O sr. dr. Humberto Lopes apresentou depois mais uma série de argumentos em defesa do divórcio, tendo em conta especialmente a situação dos filhos, e o grave problema social emergente do numero cada vez maior de ligações ilegítimas.

Chegando ao problema fulcral da Concordata, afirmou que, se é exacto que os tratados são para ser cumpridos, também não é menos certo que eles podem ser revistos — e o Estado poderá abrir negociações com a Santa Sé nesse sentido, como entende deveria fazer.

Pois, acrescento o sr. dr. Humberto Lopes, todos os cidadãos se devem poder divorciar. Se não o fizerem, sendo casados catolicamente, muito bem — cumprem, se continuam a ser católicos, o seu dever. Mas, se quiserem divorciar-se, não deve ser o Estado a impedi-lo. De resto, parece-me que há países onde há cocordatas e onde se segue este regime, admitindo o divórcio, na ordem civil, para

(Continua na 23.ª página)

Ora, diga-nos...

—Que pensa das pessoas subservientes?

● *Uma pergunta inesperada como esta causou certa surpresa a qualquer dos entrevistados. Um deles é agente da P.S.P. e a sua opinião expressa um ponto de vista importante: o do indivíduo que, pelas funções que desempenha, pode deparar (e realmente depara) com pessoas subservientes. Os outros dois entrevistados completaram o quadro, afirmando a pés juntos que não são subservientes. «O homem não tem nada que se encolher», exclamou o sr. Manuel Marques, padeiro. E acrescentou:*

— Não me sinto inferiorizado nas minhas relações com ninguém. Os homens são todos iguais. Menos no dinheiro, bem entendido.

— Trata de igual para igual as pessoas de categoria social mais elevada, sr. Marques? (Se é que concorda com a expressão).

— Vamos lá a ver: todo o homem deve ter direitos iguais. Se há pessoas mais bem instaladas, com mais estudos, não fica mal um certo respeito. Daí até um homem se encolher... Olhe, esse respeito é o mesmo que os rapazes devem ter aos homens feitos. Eu, como lhe digo, estou sempre à vontade. Também não sou vaidoso. O homem que tem vaidade não é nada.

● *Um estudante do quarto ano comercial, o jovem Vítor Manuel dos Anjos Cabral, disse-nos seguidamente:*

— Essas pessoas têm medo. Ora o medo só estraga a vida... Por exemplo na Escola: alguns professores são autoritários de mais, tratam-nos como se fôssemos criancinhas.

— O Vítor Manuel que atitude adopta para com esses professores?

— Respeito-os, são professores. Mas trato com eles normalmente, sem medo. Se calho discutir, subalinho a minha opinião. Não sou impulsivo, não senhor. Mas acho que só há pessoas subservientes porque outras pessoas se sentem superiores, acima do vulgar. Não lhe parece?

● *Por último o sr. Manuel Cardoso Castela, agente da P.S.P., disse-nos com sobriedade:*

— Pessoas subservientes? Tenho-as encontrado no exercício da minha profissão. Estão erradas. Não meto medo a ninguém... Pretendo ser respeitado tanto como respeito toda a gente. Fardado ou à paisana, é o mesmo. Às vezes há tipos com culpas no cartório, e esses fogem a sete pés. Mas o mais habitual é aquela pessoa que sente medo não se sabe bem porquê... E porque será?

Morreu um soldado e outro ficou ferido num desastre de viação perto de Leiria

LEIRIA, 21 — Próximo de Ponte da Pedra, na estrada para a Figueira da Foz, uma moto conduzida por António Lopes da Silva, soldado do Regimento de Artilharia Ligeira 4, desta cidade, natural de Oliveira do Hospital, e em que viajava também o colega dele José Freire Barbosa, natural do lugar de Pinhel, Alverca da Beira, foi embater com uma camioneta pertencente á firma Manuel Gomes de Carvalho, Lda., conduzida por Armindo Marques, de 54 anos, casado, residente em Monte Redondo. Do acidente resultou a morte do soldado António Lopes da Silva. O seu camarada, que sofreu fractura dupla de uma perna, recebeu os primeiros socorros no Hospital de Leiria, de madrugada, transitou para o Hospital Militar de Coimbra. A P. V. T. de Leiria tomou conta da ocorrência.

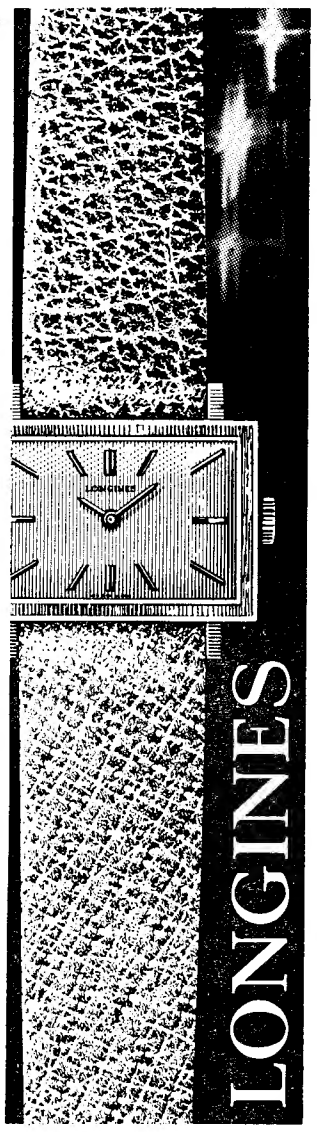
A CIDADE

RESENHA DE FACTOS QUOTIDIANOS

Piscina do Areeiro

Na piscina municipal do Areeiro, são agora aplicadas as taxas de Verão: ingresso com utilização, sete escudos; visitantes, três escudos.

Entretanto, começaram naquele recinto as aulas de natação, durante três horas por dia.



FERIMENTOS MORTAIS

No Sanatório do Lumiar, onde entrara no passado dia 29 de Junho, por ter sido vítima de acidente de viação, faleceu a sr.ª D. Maria Margarida Nolasco da Silva Leal Gonçalves, de 40 anos, que residia na Rua Sampaio Bruno, 8T, r/c., dt.º. O cadáver foi removido para o Instituto de Medicina Legal.

QUEM PERDEU?

Relação dos objectos achados ontem e entregues na P. S. P. (Governo Civil»: três quantias (notas do Banco de Portugal); relógio de senhora; pulseira de prata tendo gravado o nome de António Pedro e M. Rosa; boné; óculos graduados; bilhetes de identidade de Eduardo Almeida da Silva e José Artur Ferreira Cardoso; chapa de registo automóvel BL-56-50; tampão de depósito de gasolina; e argolas com chaves.

FOGO EM CEREAL

S. MIGUEL DE ACHA, 21. — No sítio do Samalhão, limite desta freguesia, manifestou-se violento incêndio, que consumiu grande quantidade de rostolho, onde se encontravam ainda as cabeceiras com os molhos de trigo, ardendo quatro deles, calculando-se que viessem a produzir 60 a 70 alqueires de trigo. Era proprietário o sr. José da Costa Pires, casado, ganhão, que não tinha a seara no seguro.

O fogo foi extinto por trabalhadores, que se encontravam perto, supondo-se que tenha sido ateado por qualquer fósforo ou ponta de cigarro, que algum fumador tenha atirado fora distraidamente, pois que o rostolho fica á beira da estrada.

A energia eléctrica no concelho de Silves

Foram hoje publicadas no «Diário do Governo» as condições de venda de energia eléctrica em baixa tensão no concelho de Silves, incluindo as tarifas domésticas e outras

PELOS HOSPITAIS

TÓXICO MORTAL — O electricista José dos Santos Ernesto Serra, de 41 anos, morador na Praça Guilherme Gomes, 5, cave, na Amadora, foi conduzido, por uma ambulância do 115, ao Hospital de São José, por ter ingerido um tóxico no jardim da Avenida das Descobertas, em Belém. Faleceu pouco depois de ter dado entrada na sala de observações.

COLHIDO POR UM AUTOMÓVEL — Deu entrada na sala de observações do Hospital de São José, ferido na cabeça e com fractura duma perna, o corticeiro Jorge Francisco Pé Leve, de 47 anos, residente no Casal do Marques, no Seixal, que, naquela vila, foi colhido por um automóvel.

COM A MÃO ESMAGADA — O jornaleiro João dos Santos Lobo, de 63 anos, morador em Fóros dos Campos da Rainha, em Vendas Novas, ficou com a mão direita esmagada, por a ter entalado na engrenagem duma nora. Recolheu á sala de observações do Hospital de São José.

Presentes

Nas férias...

Os mais apreciados e económicos para parentes e amigos é a oferta dos produtos d'A MARIAZINHA.

Vale a pena ir um pouco mais longe para o obter, pois

Nada existe de igual, em:

Cafés, Chás, Cevadas, Farinhas, Chocolate em pó, Cacau, Leite creme, Pudins

Rua Barros Queirós, 28 — Lisboa-2
Aven. Rio de Janeiro, 25-B (Frente à Igreja) — Lisboa-5

...bronzeamento digno de inveja

Piz Buin

Creme • Óleo • Spray

anti-solares austríacos de prestígio internacional

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

IMPOSTO DE TRANSACÇÕES

LEMBRAMOS AOS NOSSOS ESTIMADOS CLIENTES QUE O PAGAMENTO DESTE IMPOSTO PODERÁ SER FEITO TRIMESTRALMENTE, EM LUGAR DE TODOS OS MESES, PRESTANDO O BANCO PARA TANTO A NECESSÁRIA GARANTIA EM CONFORMIDADE COM O DISPOSTO NO § 1.° DO ART. 41 E ART. 42 DO DECRETO-LEI N.° 47066 DE 1 DE JULHO CORRENTE E QUE ENTRA EM VIGOR NO PRÓXIMO DIA 1 DE AGOSTO.

O ASSUNTO PODE SER TRATADO NA SEDE, NA FILIAL DO PORTO E EM TODAS AS AGÊNCIAS E DEPENDÊNCIAS DO BANCO.

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR - PORTUGAL -

COLÉGIO DA CIDADELA

Estrada da Boca do Inferno (Internato) — 28 00 74
Rua Dr. A. Dias Pinheiro — 28 19 05 — PPC — CASCAIS

INTERNATO — Semi-internato — Externato

ENSINOS LICEAL, PRIMÁRIO E INFANTIL (ambos os Sexos)

Estão abertas as inscrições até ao dia 15 de Agosto

DIVERSÕES

TEATRO • CINEMA • CIRCO • VARIEDADES • ÓPERA • BAILADO • TV • RÁDIO

ATRAS DO REPOSTEIRO

- *O actor Vasco de Lima Couto voltará a fazer parte da Companhia Nacional de Teatro, na próxima temporada.*
- *Regressa em breve a Lisboa, vinda do Brasil, onde, no Rio de Janeiro e S. Paulo, tem trabalhado na Rádio, TV e casas de espectáculos a actriz cançonetista Manuela Novais.*
- *Deve estrear-se em breve, no Teatro Vasco Santana, a peça «A Família Sam», de Peter Ustinov, que o Teatro Estúdio de Lisboa está a preparar.*
- *O actor Assis Pacheco, que deixou de fazer parte da Companhia Nacional de Teatro trabalhará provàvelmente, na próxima temporada, numa companhia a formar por Ribeirinho.*
- *O bailarino alemão Klaus Gotze, que está a trabalhar entre nós, será, a partir da próxima temporada, primeiro bailarino do «Verde-Gaio».*

TEATRO VILLARET

Uma comédia hilariante

Um homem prestes a divorciar-se da mulher, para casar com a noiva, e vivendo numa casa de campo, é de repente surpreendido pela chegada da mulher e do noivo da mulher... Este é o resumo da história, ou mais pròpriamente, da confusão hilariante da peça, em cena no moderno e confortável Teatro Villaret, representada pela companhia de Raul Solnado. São intérpretes, além de Raul Solnado, Maria Paula, Cortez, Isabel de Castro, Nicholson, Maria Laurent e Glória de Matos. «Quando é que tu casas com a minha mulher?», que Francisco Nicholson encenou, é um espectáculo de gargalhada, recomendado pelo «Comité» Internacional do Riso e em cena todas as noites, em duas sessões, ás 21 e ás 23 horas, no Teatro Villaret, com ar refrigerado.

CAPITOLIO

Um novo espectáculo

Vasco Morgado tinha, na sua programação, para inauguração da temporada 1966-67, que se inicia em Setembro, uma extraordinária comédia, grande êxito nos palcos mundiais, original inglês de Ted Willis, com o título em português «A Mulher de Roupão». Para que Lisboa tenha os seus teatros a funcionar em plena época estival, e principalmente na altura da inauguração da Ponte «Salazar», resolveu Vasco Morgado apresentar, em sensacional reaparição nos palcos de Lisboa, Laura Alves, numa nova criação do seu incomparável talento, ao interpretar a protagonista de uma peça que nos foca um assunto sério, sobre a história de um amor ilícito, disputado por duas mulheres. Trata-se de um tema empolgante que o público vai julgar. A encenação deste espectáculo foi confiada a Manuel Santos Carvalho, o mesmo encenador de «Criada para todo o serviço», «Meu amor é traiçoeiro», «A Rapariga do Apartamento» e «O Comprador de Horas», os grandes êxitos teatrais dos ultimos cinco anos, pois que cada uma destas peças tem permanecido no cartaz quase um ano. Assim, teremos, brevemente, no palco do Capitólio a grande artista eleita pelo povo Laura Alves e a sua novo com-

(Continua na 7.ª página)

A FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

Continua a ser o passatempo predilecto da cidade de Lisboa

MUITAS ATRACÇÕES — DIVERTIMENTOS PARA TODOS OS GOSTOS — RESTAURANTES COM EMENTAS PARA TODOS OS PALADARES — BOTEQUINS — CERVEJARIAS — FARTURAS

Um mundo de coisas lindas de atractivo irresistível

UMA FEIRA PARA TODOS

TRANSPORTES FACEIS, DIRECTOS E ASSEGURADOS

ABERTURA AS 19 HORAS

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa
TELF. 53 85 86

ADULTOS

2 sessões às 21 horas e às 23 horas

TEMPERATURA DA SALA: 18°

Bilhetes desde 15$00

UMA GARGALHADA PEGADA encenada por FRANCISCO NICHOLSON

COM AR REFRIGERADO E COM

RAUL SOLNADO — MARIA PAULA, CORTEZ, ISABEL DE CASTRO, NICHOLSON, MARIA LAURENT e GLÓRIA DE MATOS

o êxito de gargalhada

QUANDO É QUE TU CASAS COM A MINHA MULHER?

PELA PRIMEIRA VEZ NO CINEMA A VERDADEIRA HISTÓRIA DO GRANDE MASSACRE EFECTUADO PELOS ÍNDIOS SIOUX!

A MAIS SELVAGEM BATALHA NA CONQUISTA DO OESTE!

com JOSEPH COTTEN / DARREN McGAVIN / PHILIP CAREY

JULIE SOMMARS / NANCY KOVACK e MICHAEL PARE Argum. de FRED C. DOBBS

Prod. de LEON FROMKESS Realiz. de SIDNEY SALKOW Hist. de SIDNEY SALKOW MARVIN GLUCK

MAIORES DE 12 ANOS

COLUMBIA COLOR CINEMASCOPE

HOJE GRANDE ESTREIA POLITEAMA

NO CICLO antologia do CRIME

SÃO JORGE PROGRAMAÇÃO

APRESENTA HOJE ÀS 21.30 UM FILME FORA DE SÉRIE!

JACK HAWKINS

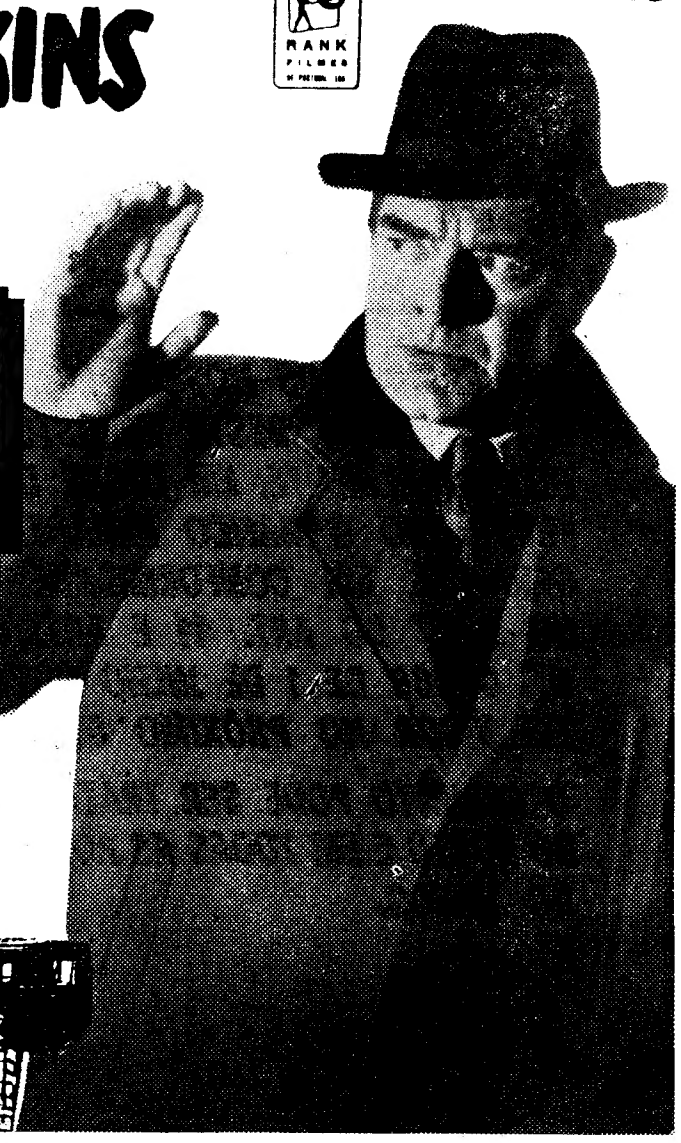
PRÉMIO DO FESTIVAL DE BERLIM, EM

O SEGREDO E A CHAVE

(THE LONG ARM)

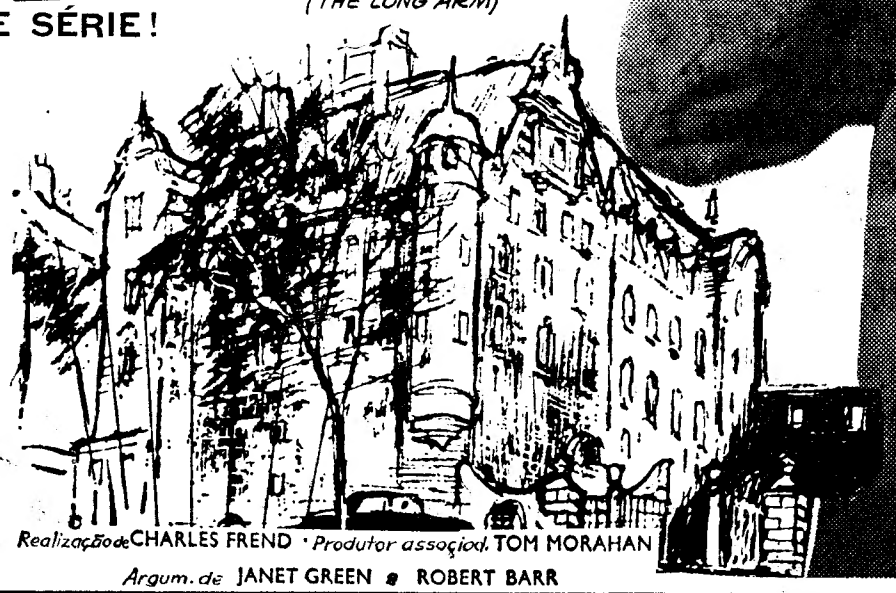
Adultos

RANK FILMES



«...seguem-se com interesse e ansiedade as diligências policiais, respira-se a atmosfera de enervante expectativa criada pelo realizador Charles Frend, neste preto e branco, premiado no Festival de Berlim, que deve um dos seus aliciantes atractivos à soberba interpretação de Jack Hawkins...

Do «Diário de Notícias»



Realização de CHARLES FREND · Produtor associado TOM MORAHAN

Argum. de JANET GREEN e ROBERT BARR

TV DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

TV MOTOR — ENTREVISTA NA INGLATERRA —

Temporada de corridas de automóveis em Portugal. Toda a atenção para eles. Pois. Vila Real e Cascais. Vila Real: 5 automóveis para aquela pista de 7 quilómetros. Diz quem sabe: das três melhores pistas da Europa. Mini-saia ondulante como imagem na água. E que bem que os automobilistas bebiam laranjada!

Antes passarmos ás corridas de Cascais, entremez cómico em Santo Tirso, com as D. Elviras em compita. Cómico, não. Terno, comovedor isso sim. Perdoai, avòzinhas. Mas lá que já não tínheis idade para tais manobras, é verdade...

A propósito do circuito de Cascais, entrevista com o eng.º Ribeiro Ferreira e dr. Ortigão Ramos. Um aviso: como no dia do circuito se realiza o Portugal - Coreia do Norte, o circuito principia mais tarde. Bola avança, automóvel recua.

Quanto a Manuel Gião, foi na realidade desclassificado. Qualquer coisa que não estava de acordo com o «Anexo J». Mais sanções? Não. Para moralização do automobilismo, basta.

As referências desportivas na programação de ontem não ficariam por aqui. Havia entrevistas com Torres («Ambições? Claro que sim. As pessoas ricas sonham sempre ter mais dinheiro»...) **e Fernando Mendes** («A condição físico-técnica não é tudo; importa também a condição moral»...). **Acontece, no entanto, que essas entrevistas se efectuaram antes do Portugal-Brasil, o que lhes retira todo o interesse de reportagem. Também há jornalismo ruminante?**

Mais uma vez se falou em «humildade». E' rara a declaração, a entrevista, em que se não faça gala da nossa humildade, somos humildes, não queremos nada, não pretendemos nada, somos alunos, viemos aqui para aprender...

Humildade? Não, não gosto da palavra. Essencialmente quando participa em negócios de mentalização.

NOITE DE TEATRO O pequeno funcinário publico sonha com a taluda. Ei-la que surge, envolta em mistério, em bruma, em loucura. Ei-la que chega. Não uma, mas duas. Dois primeiros prémios para um homem só, parece exagerado. Mas não. Particularmente quando se é pequeno funcionário publico ao longo de muitos anos e se cruzaram meses e se moeram dias no almofariz da rotina...

Claro que há engano. Claro que o Destino não colabora. Claro que o pequeno funcionário não manda a carta cheia de gozo ao chefe. Claro que ele vai continuar a entrar ás 9 — e quem sabe lá se com relógio de ponto!

É isto a peça que Yves Péneau adaptou do conto de Caragiale e que Virginia Ramos traduziu e adaptou para a Televisão.

Não estamos em presença de uma obra-prima do teatro. Apenas (e este «apenas» ocupa um vastíssimo território) não falseia a realidade, não lhe empasta tintas cor-de-rosa; vê-se sem o permanente desejo de voltar a cara para a banda; os actores conheciam muito bem a matéria: a intenção do autor de mostrar a importancia que o dinheiro ocupa na sociedade. E quando se sabe, não se anda á deriva.

Como estamos em época de exames, «os dois primeiros prémios» leva o dézinho para passar. Em tempo de tanta caça, é uma sorte.

TOURADA Continuam as apresentações dos artistas que colaboram hoje na corrida da TV.

José Samuel Lupi: «*Lavrador, com vastas herdades espalhadas nas cercanias do Montijo... São as grandes criações pecuárias o que mais o preocupa neste momento. Os cavalos, os touros, as grandes manadas de vacas, os rebanhos de ovelhas, as varas de porcos, surgem-nos a cada passo... Trabalha como um gigante... Confiante na bondade de Deus, exultante com a prodigalidade do chão que afeiçoa em cada dia...*

Amadeu dos Anjos: o braço engessado. A rica banhoca no Atlantico. Que tal estará o braço? Suspense. A radiografia. O foco aproxima-se, lentamente, á Ingmar Bergman. Clima de angustia. Mas... «*a esperança vence os fantasmas. O toureiro não pode acreditar em fantasmas... O toureiro é uma ciência exacta...*». O sorriso radioso. As grandes tardes de glória. Depois da radiografia ao braço, a radiografia ao Campo Pequeno. Multidões frenéticas aplaudem. Uma mulher sorri.

Exagero de palavras. Inundação. Uma quase embriaguez. Quase delírio. E para quê, para quê nestes tempos de mini-saia? Eu até sugiro que, para a outra vez apaguem as imagens, cortem a garganta — e deixem ficar sómente o «concerto de Aranjuez» que ontem serviu de fundo musical...

HOJE PODE VER...

● **Ás 22 horas: Corrida da TV**

Depois do Telejornal, será transmitida a reportagem directa da IV Corrida da TV, no Campo Pequeno, anunciada como «um acontecimento mundano». Serão lidados 7 touros da ganadaria de Oliveira (Irmãos), com os cavaleiros Manuel Conde, Mestre Baptista, José Lupi e Joaquim Correia e os espadas José Julio, Armando Soares e Amadeu dos Anjos. Grupo de forcados Amadores de Montemor-o-Novo.

TV MUNDO — NOTAS DE MÚSICA SOBRE BRUXELAS

As variedades são um problema. Não apenas nosso, mas geral. O publico telespectador gosta mas vai-se tornando cada vez mais exigente. Há constantemente que variar as variedades.

Diz-se que o sabor do peixe está no molho. Cuide-se do molho, pois. O de ontem chamava-se Bruxelas. No final do TV Mundo de ontem, o espectador não saberia onde estava o pretexto: se em Bruxelas, se nas canções. Terá achado óptima ideia aquela de viajar através da cidade na companhia de meia duzia de cicerones tão... amáveis. Ao pé delas, é certo, as estátuas ficavam um tanto na sombra e custavam muito a passar.

Fantasia. Sobre Bruxelas, a musica faz rom-rom. Montras, jardins, luzes á noite. Espuma de «champagne». A cabeça levemente á roda. Indiferente, só o papagaio diante do qual a cançonetista chora:

Il faut bien
que je trouve
ma raison...

cabeça á roda. Turbilhão. Ninguém perceberá nada do alemão e do francês, das histórias romanticas ou graciosas — mas há o sorriso, o seio apontado como uma seta, o corpo flexível como a negaça do toureiro. Há, de qualquer modo, uma linguagem universal...

Num prefácio sibilino, perfeitamente despropositado, o apresentador da rubrica comunica que é um folião, não tem azedumes e que gosta muito de viver. A História, sentada á maneira do escriba egípcio, tomou nota. — M. C.

A Guerra dos Mundos
(The War of the Worlds)

com
GENE BARRY · ANN ROBINSON
Produção de GEORGE PAL Realização de BYRON HASKIN
Um filme Paramount TECHNICOLOR MAIORES DE 12 ANOS

AMANHÃ SENSACIONAL REPOSIÇÃO NO EUROPA

TEATRO DA TRINDADE
(F. N. A. T.)

TRIUNFO DE UMA ÓPERA PORTUGUESA

INÊS PEREIRA

de Ruy Coelho

ÚLTIMAS RÉCITAS
dias 21, 23 e 26 de Julho

— MAIORES DE 12 ANOS —

CRISTINA CASTRO
na protagonista

(Espectáculo subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian)

JAZZ!

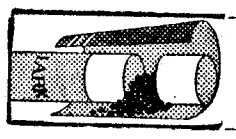
A «LUISIANA» EM CASCAIS

APRESENTA DIA 21 E 22 PELAS 23 HORAS O QUARTETO DO FABULOSO SAXOFONISTA AMERICANO

«CHARLES LLOYD»

(M. 17 ANOS)

"Não há nada que satisfaça mais do que Lark."



O único cigarro com três filtros, sendo o intermédio de puros grânulos de carvão activado

FUME LARK: O NOVO CIGARRO MAIS POPULAR NA AMÉRICA

À VENDA EM TODO O PAIS

Representante: TABACARIA INGLESA — LISBOA

Em BEJA o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na PRAÇA DOS DUQUES, NA AGÊNCIA DE EDUARDO & ÁLVARO.

Os espectáculos a cargo da Companhia de Teatro Popular

As representações pela Companhia de Teatro Popular, inteiramente subsidiada pelo Município de Lisboa, prosseguem este mês, com dez espectáculos, na Estufa Fria. É levada á cena, a partir desta noite, a peça «O grande advogado», em três actos, de Sabino de Sousa, com orientação artística e ensaios do director do conjunto, Augusto de Figueiredo.

Constituem o elenco Adelina Campos, Beatriz de Almeida, Ivone de Moura, Vasco de Lima Couto, Andrade e Silva e António Machado, com Madalena Sotto e Augusto de Figueiredo.

A distribuição gratuita de bilhetes faz-se nas condições habituais.

O ÊXITO NÃO PÁRA...

ATÉ DOMINGO NO MONUMENTAL

e a partir de 2ª-feira NO VARIEDADES

RIBEIRINHO na comédia

A CIDADE NÃO É PARA MIM

13.ª SEMANA TRIUNFAL

TODAS AS NOITES AS 21.45 H.

12 ANOS

Sempre Balcão Popular a 2$50

TEMPORADA SUSPENSE!

ARRASANTE DE EMOÇÃO!

UMA ESPECTACULAR ODISSEIA DA GUERRA NO PACÍFICO COM TODO O SEU VIOLENTO REALISMO NUM FILME DE FLAGRANTE ACTUALIDADE!

ROBERT MITCHUM · ANN BLYTH

WILLIAM TALMAN · CHARLES McGRAW · MARGARET SHERIDAN

MISSÃO NA COREIA

NOVAMENTE... AVIS HOJE ÀS 21.45

DOPERFILME M/ 12 ANOS

TEATRO DA TRINDADE (F.N.A.T.)

ÓPERA

HOJE — ás 21.15 horas

6.ª REPRESENTAÇÃO

INÊS PEREIRA

de Ruy Coelho

(Espectáculo subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian) com Maria Cristina de Castro, Guilherme Kjölner, Luís França, Hugo Casaes, Armando Guerreiro, Helena Barros, Maria Teresa de Almeida, João Veloso, Mário de Oliveira, Maria Cecília Correia e Carlos Fonseca

Direcção: Maestro Jaime Silva (Filho)

Encenação: António Manuel Couto Viana

ORQUESTRA DE ÓPERA DA EMISSORA NACIONAL

CORO DO TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

Bailados por elementos do CENTRO DE ESTUDOS DE BAILADO, do Instituto de Alta Cultura, dirigido por Ana Ivanovna.

PREÇOS POPULARES

PLATEIA — 15$00

Espectáculo para maiores de 12 anos

PAVILHÃO DOS DESPORTOS

SÁBADO, 23 DE JULHO, AS 21.30 HORAS

Grandioso espectáculo internacional de folclore

PROMOVIDO PELA

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Santa Marta de Portuzelo
Pauliteiros de Miranda
Grupo de Pias — Cinfães
Grupo de Esgueira — Aveiro
Casa do Povo da Luz de Tavira
Rancho de Silvares
Sargaceiros da Apúlia
Lavradeiras de S. Martinho
Regional de Gulpilhares
Groupe Folklorique «Chelitzrrak» de Biarritz (França)

FESTIVAL DE VERÃO

Venda de bilhetes a partir de 6.ª feira nos Restauradores

(Maiores de 12 anos)

AMANHÃ — ESTREIA

MONUMENTAL

COM A PRESENÇA DE SUA EX.ª O CHEFE DO ESTADO

A CO-PRODUÇÃO LUSO-FRANCESA

FELIPE SOLMS - LES FILMS DE L'OLIVIER

INTEIRAMENTE FILMADA EM PORTUGAL

ROGER HANIN

ANNA GAEL • FRANÇOISE PRÉVOST

Um filme de JEAN LEDUC

Participação dos artistas portugueses

VARELA SILVA

PAIVA RAPOSO • BAPTISTA FERNANDES • RUI FURTADO • PEDRO NAVARRO • JÚLIO CLETO • LICÍNIO SENA, etc.

AMÁLIA RODRIGUES

canta «Le Premier Jour Dumonde»

Distribuição INTERNACIONAL FILMES

(Maiores de 12 anos)

A RECEITA DO ESPECTÁCULO DESTINA-SE À AQUISIÇÃO DE MATERIAL PARA RECUPERAÇÃO DE MILITARES FERIDOS NO ULTRAMAR

EVA (NOVA)

R. CAMILO CASTELO BRANCO, 23

ESPECIALMENTE IDEALIZADA PARA AS SENHORAS QUE NÃO QUEREM GASTAR MUITO DINHEIRO E NÃO PODEM PERDER TEMPO

DAS 12 AS 15 TEMOS UM SERVIÇO ESPECIAL PARA AS SENHORAS QUE TRABALHAM

É UMA DEPENDÊNCIA DO GRANDE CABELEIREIRO DE SENHORAS EVA

«A EQUIPA» apresenta muito brevemente no

TEATRO AVENIDA

Subsidiada pelo Fundo Nacional de Teatro

«um príncipe do meu bairro»

de Varela Silva

(Espectáculo para adultos)

Bico Dourado

BICO DOURADO

BOITE DE NUIT

TODAS AS NOITES A MÚSICA MODERNA DE

MÁRIO SIMÕES

E SEU CONJUNTO

AR CONDICIONADO — Maiores de 21 anos —

RUA MISERICÓRDIA, 12 Telef. 68649 — LISBOA

DIVERSÕES

TEATRO • CINEMA • CIRCO • VARIEDADES • ÓPERA • BAILADO • TV • RÁDIO

(Continuação da 4.ª página)

panhia em mais um espectáculo Vasco Morgado

MONUMENTAL

A comédia de Lozano

Já em décima segunda semana, o salão do Monumental continua a registar grande presença de publico, para ver e aplaudir este excepcional espectáculo. Vasco Morgado, para que toda a Lisboa possa presenciar «A cidade não é para mim», estabeleceu agora preços de balcão de 3.ª, apenas a 2$50. Original de Fernando Angel Lozano e adaptada por Henrique Santana, «A cidade não é para mim» é um espectáculo que, ao longo de duas horas, provoca nos espectadores um autêntico turbilhão de gargalhadas, dando ao mesmo tempo motivo para pensar na obra humanitária que um provinciano, descendo á cidade, mostra como é imperativo «Amar o próximo como a nós mesmos». Ribeirinho, no protagonista, ao lado de Maria José, Mariana Vilar, Manuela Maria, Catarina Avelar, Guida Maria, Carlos Duarte, Ruy Mendes, Carlos Cabral, António Montez, Vicente Galfo e ainda Emílio Correia, são os responsáveis pelo êxito alcançado ao longo de 12 semanas. Todas as noites há espectáculos ás 21 e 45, e, aos domingos e feriados, também ás 16 horas.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

«Noite sem fim», no Mundial

«Noite sem Fim», no original «Die Endlose Nacht», que o Mundial ontem estreou, com assinalado êxito, é, sem duvida, uma das mais válidas obras da moderna cinematografia germânica, pela actualidade do tema, pelo ritmo imprimido á sequência do pequeno mundo de episódios, pelas expressivas imagens, pelo enquadramento das personagens no *tempo*, enfim, por todos os aspectos artísticos e técnicos da película.

Trata-se de um filme do que se pode chamar «nova vaga», dirigido por um dos realizadores alemães desse movimento que deu novos rumos ao cinema europeu: o cineasta Will Tremper, jovem de trinta anos que, apaixonado pela fotografia, ascendeu á carreira cinematográfica. «Noite sem Fim», que recebeu o prémio da critica em 1963 (já lá vão três anos!), é uma obra emocionante, que retrata estes dias inquietos do nosso tempo e as pessoas que se movimentam num quadro de obcessão.

Os problemas do homem aparecem, aqui, naquele tipo de cinema em que a análise e a dissecação psicológica de cada um dos intervenientes é de capital importância para a carreira de Tremper, que não descura, todavia, um estilo muito pessoal, em que o jogo ágil da câmara tem papel preponderante. «Die Endlose Nacht» enquadra-se, pois, naquele conjunto mais destacado das obras da cinematografia da década de 60, permitindo-nos contactar com um realizador que, sem duvida, conduziu o cinema germânico para uma paridade mundial.

O filme conta uma série de episódios passados numa longa noite no aeroporto de Berlim, onde, devido ao nevoeiro, homens de negócios, artistas, pares enamorados, sentem abruptamente aproximar a queda, o fracasso, a desilusão. Para alguns, essas intermináveis horas representam, com efeito, o abismo, enquanto que para outros se rasgam esperanças, que o começo de um dia, sem sol, abre nos seus corações. Os aeroportos de todo o Mundo são verdadeiras encruzilhadas de vidas e destinos, contribuindo o nervosismo das pessoas para se afastarem dos hábitos diários e se lançarem no imprevisto. Há desconhecidos que se tornam amigos, amigos que se apresentam estranhos, sentimentos que despontam e morrem. Para uns uma recordação doce ou amarga, para outros uma lembrança trágica, a ruína.

«Noite sem Fim» é um belíssimo filme, com sequências verdadeiramente admiráveis e, muitas, originalíssimas, com movimento, ritmo e emoção, prendendo a atenção do espectador da primeira á ultima imagem. No desempenho, assombroso, é de destacar a presença de Karin Huebner, Harald Leipnitz, Louise Martini, Paul Esser, Wolfang Spier e Werner Peters, em apontamentos belíssimos. Uma pequena multidão de desconhecidos compõe o resto do «cast» desta película, que o publico não deve perder e recordará por muito tempo. — *Visor 60.*

AS ESTREIAS DE HOJE

No São Jorge

Título em português — «O segredo e a chave».
Título original—«The long arm»
Produção — Inglesa.
Realização — Charles Frend.
Intérpretes — Jack Hawkins e outros.
Género — Policial.
Distribuição — Rank Filmes.
Processo — Normal, a preto e branco.
Classificação — 17 anos.

No Avis

Título em português — «Missão na Coreia».
Título original — «Mission of Coreia».
Produção — Norte-americana.
Realização — Tay Garnett.
Intérpretes — Robert Mitchum e Ann Blyth.
Género — Aventura.
Distribuição — Doperfilme.
Processo — Normal.
Classificação — 12 anos.

No Politeama

Título em português — «O Grande Massacre».
Título original — «The Great Sioux Massacre».
Produção — Norte-americana.
Realização — Sidney Salkow.
Intérpretes — Joseph Cotten e outros.
Género — Aventura.
Distribuição — Columbia.
Processo — Cinemascope, a cores.
Classificação — 12 anos.

Georgina Cordeiro
afasta-se dos palcos

Georgina Cordeiro

Mais uma actriz vai abandonar os palcos, segundo notícias que se confirmam e têm corrido nos meios teatrais. Trata-se de Georgina Cordeiro, a brilhante profissional que há mais de trinta anos dá o melhor do seu esforço ao teatro musicado e de comédia. Na verdade, Georgina Cordeiro, que foi uma das nossas grandes vedetas do teatro de revista e que trabalhou com as melhores companhias portuguesas de comédia, vai abandonar os palcos, pois requereu á Caixa de Reformas a sua aposentação.

A actriz, que nas ultimas temporadas trabalhara no Teatro Estudio de Lisboa e na companhia de Raul Solnado decidiu-se a cortar assim uma carreira que igualmente se tem afirmado na Rádio e na TV, onde Georgina Cordeiro não deixará, certamente, de continuar a trabalhar.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELÉCTRICOS

QUE SABOROSA! dizem elas

e eu digo: **PLANTA É A GARANTIA DE LHES SERVIR SEMPRE O MELHOR!**

Planta
VITAMINADA
MARGARINA

a mais saborosa
a mais pura
a mais fresca

Sirva Planta! Em torradas ou em simples fatias de pão, só Planta lhe garante a completa e constante satisfação do paladar.
Planta, a par da sua saudável riqueza natural, mantém sempre o mesmo delicioso sabor, sempre a mesma frescura delicada, sempre a mesma absoluta pureza — qualidades que todos apreciam e que Planta garante intactas até à sua mesa na embalagem 100 % estanque.

PLANTA, PARA AS PESSOAS DE BOM GOSTO

FIMA 65 PL 02

UM GRANDE INCÊNDIO
nos campos da Pesqueira causou prejuízos de mil contos

S. JOÃO DA PESQUEIRA, 21. — A população desta vila foi alarmada pelo toque continuo da sirene, chamando bombeiros e povo, para acorrer ao sítio da Valeira, próximo do rio Douro e a uns 5 quilómetros da Pesqueira, onde se declarou incêndio em oliveiras, sobreiros, amendoeiras e, até, numas pequenas vinhas e medas de cereal por debulhar, pertença do sr. dr. Francisco Bernardes.

As chamas alargaram-se em várias direcções, devido ao vento que soprava, atingindo propriedades nos sítios denominados Pebão Curvaceira e Montenegro, sofrendo prejuízos os srs. José Soares Veloso, herdeiros de D. Amélia Sarmento e de Augusto Oliveira, António Figueira Alegre, Eurico de Oliveira, Custódio Vaz, Manuel Capelo e outros, calculando-se em 800 a 1000 contos o total dos prejuízos causados.

Se os mesmos não foram de maior extensão, deve-se aos esforços dos bombeiros voluntários e de muitos populares e, ainda, de outros que acorreram por chamadas, da anexa de Espinho e das freguesias de Soutelo, Nagoselo e Ervedosa do Douro e ainda dos voluntários da Régua.

Todos trabalharam com denodo e valentia. O incêndio lavrou por umas 5 horas. Não lembra um sinistro como este.

FERIU-SE NO PESCOÇO
com uma navalha

ÉVORA, 21 — Recolheu ao Hospital da Misericórdia, em estado que inspira cuidados, o servente de pedreiro Francisco António Corujo, de 56 anos, casado, natural de Torrão do Alentejo, e residente na travessa das Flores, desta cidade, que em sua casa, se feriu no pescoço com uma navalha.

Em BEJA o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na PRAÇA DOS DUQUES. NA AGÊNCIA DE EDUARDO & ÁLVARO.

Exposição de fotografias no Casino Estoril

Ellecappa é pseudónimo de um diplomata italiano que, há mais de três anos, presta serviço em Portugal. Categorizado amador fotográfico, com êxitos vários obtidos em numerosas exposições, enamorou-se, como não podia deixar de ser, pela nossa paisagem, da qual fixou centenas de imagens originais e pessoalíssimas. É uma parte desse labor artístico que está agora patente ao publico no Casino Estoril, onde Ellecappa expõe cinquenta belas fotografias obtidas em Lisboa, Costa do Sol, Guincho, Sintra, Óbidos, S. Martinho do Porto e Nazaré.

Os magníficos trabalhos fotográficos estarão expostos até ao ultimo dia do corrente mês.

Em CANEÇAS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se nas agências dos srs. JOAQUIM JACINTO FRANCISCO e JOSÉ AUGUSTO DE MELO BROCHADO.

Desviou 500 contos
por abuso de confiança
— comprou terras e enterrou outra parte do roubo no galinheiro

PORTO, 21

A Polícia Judiciária vai remeter a tribunal o processo em que é queixosa a sr.ª D. Felismina Gomes Vieira Guedes, de 73 anos, viuva, Rua do Lindo Vale, 433, contra o lustrador de curtumes António da Silva, de 55, casado, Rua Padre Costa, 420, em São Mamede da Infesta.

A queixosa era casada com o septuagenário António Alípio Guedes, falecido a 12 de Fevereiro ultimo, depois de prolongada doença. Entretanto, o arguido, pessoa de confiança na casa, foi encarregado, por ela, na véspera do falecimento do marido, de ir levantar a um banco, por meio de cheque que o marido assinara, o dinheiro correspondente a várias promissórias ali depositadas. O António da Silva, quando chegou a casa, entregou á queixosa um masso de notas que ela guardou sem contar.

Depois do falecimento do marido, a viuva, a certa altura, foi contar o dinheiro, verificando, então a existência apenas de 300 contos. Julgando, porém, que devia ter mais, por motivos diversos e até porque o marido lhe dissera, em certa ocasião, que estava a pensar em irem ambos para o «Lar do Comércio», a troco de 600 contos, visto não terem filhos, resolveu em princípios deste mês, apresentar queixa na Polícia Judiciária, por se julgar roubada.

O agente Crespo, da 3.ª Secção, encarregado das investigações, começou por ouvir o António Silva. Este alegou ter entregue áquela senhora todo o dinheiro que levantara do banco. Disse, também, que comprara um terreno com 50 contos que o falecido lhe dera, em Dezembro ultimo, e mais 80 contos emprestados por dois colegas de trabalho, os quais tinham, por isso mesmo, em seu poder, concessões de dívidas por ele passadas. Entretanto, as diligências policiais provaram a existência dessas concessões de dívida; e, também, que o arguido tinha uma de cada um daqueles colegas, a anular as dele.

Afirmou, então, o arguido que a senhora lhe dera dois maços de notas, com 100 contos cada, quando lhe entregara o dinheiro levantado no banco. Por fim, acabou por esclarecer o caso. E disse que ficara com 500 contos do dinheiro levantado do banco, entregando 300 á velha senhora. Comprara, por 190 500$00, o referido terreno na Maia, e emprestara 92 contos a diversos indivíduos. Ao mesmo tempo, enterrara 171 contos, dentro de uma lata, no galinheiro da sua residência.

A Polícia apreendeu esta ultima importância e mais quatro contos que emprestara a um cunhado.

KLOSTERS SUNWARD FERRIES

SAÍDAS REGULARES SEMANAIS PARA

GIBRALTAR

pelo moderno ferry-boat «SUNWARD»

PARTIDAS DE LISBOA:

Todas as segundas-feiras á meia-noite

REGRESSO — SAÍDAS DE GIBRALTAR:

17 horas de todas as quartas-feiras, com chegada a Lisboa ás 8.00 horas de quintas-feiras.

(PODE LEVAR O SEU AUTOMÓVEL)

Para passagens e informações, procure o seu Agente de Viagens ou os Agentes Gerais em Portugal

AGÊNCIA MARÍTIMA «OCIDENTE», LDA.

P. Duque da Terceira, 11-3.º — Telef. 32 81 91/5 — Telex 211 Ocidente-Lisboa

no Porto:

«INTERNAVE» — AGÊNCIA INTERNACIONAL DE NAVEGAÇÃO E COMÉRCIO, LDA.

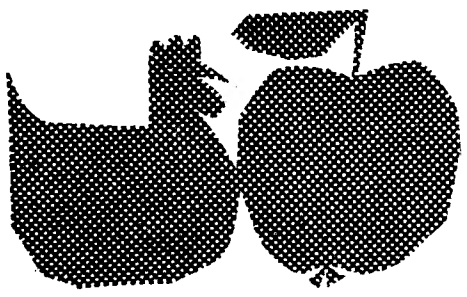
Rua Ferreira Borges, 57-1.º — Telefs. 2 92 94 e 2 45 37

O «Timpanas»
reabre amanhã com um bar privativo

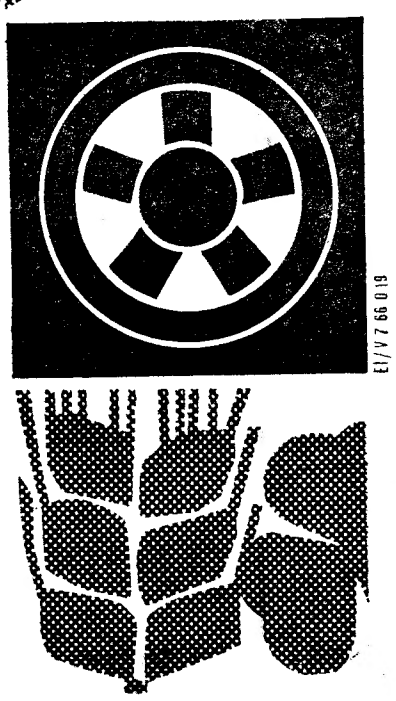
Reabre amanhã, inteiramente remodelado, o restaurante típico «Timpanas», na Rua Gilberto Rola, a Alcântara, sendo ao mesmo tempo inaugurado o seu bar privativo «A Forja». Às 19 horas, a gerência daquela casa oferece um beberete, para que foram convidadas diversas individualidades.

§ SIEMENS

VENTILADORES DE HÉLICE
para todos os fins



Desde o pequeno e prático **ventilador de janela e parede** ao grande e eficientíssimo **ventilador Siemens-Betz** (permitindo uma renovação de ar desde 750 m³ a 26 000 m³ por hora), passando pelo **ventilador silencioso,** indicado para locais onde se requeira o máximo silêncio, as unidades de ventilação Siemens são eficientes, robustas e económicas



E1/V 7 66 019

PEÇA ESCLARECIMENTOS E CATÁLOGOS À
SIEMENS-COMPANHIA DE ELECTRICIDADE, S.A.R.L.
LISBOA-1 — AV. ALMIRANTE REIS, 65 — TEL. 53 69 21
PORTO — R. DAS CARMELITAS, 26 — TEL. 2 89 43

FINALMENTE À VENDA O DISCO

AMÁLIA canta Portugal

incluindo os trechos interpretados por AMALIA nos seus triunfais concertos com a Orquestra Filarmónica de Nova Iorque, dirigida por ANDRÉ KOSTELANETZ:

DISCO Columbia FSX 168

À venda em

VALENTIM DE CARVALHO
COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S.A.R.L.

E NOS REVENDEDORES HABITUAIS

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30 e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras a partir das 20 horas.

A mensagem cultural e estética através das exposições de arte

(A Exposição Nacional em Évora)

A Exposição Nacional de Arte-1966, que, este ano, o S. N. I. inaugurou em Évora, foi um acontecimento artístico de grande transcendência na vida da «Cidade-Museu». Os monumentos arquitectónicos da capital do Alentejo, á noite, sob a luz potente dos projectores, ganham vida. O conjunto mais feliz tornou-se, sem duvida, o da Catedral do Templo Romano, do Museu Regional, do Palácio Cadaval e da Igreja de S. João Evangelista, visto do Jardim ou das Portas de Moura.

Os eborenses, vaidosos da parte artística da sua cidade, ficaram chocados com os prémios nacionais de Pintura, Desenho e Escultura. Foi Abel Costa Mendes quem, como se sabe, com o quadro intitulado «Pintura», obteve o Prémio Nacional de Pintura. É um quadro misto de colagem de figuras impressas e recortes de jornais, com pinceladas a óleo, de cores brancas, azuis e castanhas, com desenhos representando janelas, armações e outras figuras, de incontestável mérito de entre as pinturas da «nova vaga», mas de valor secundário, para os eborenses, comparado com o retrato da marquesa da Fronteira e Alorna, de António Soares. A tela deste pintor consagrado é de sabor impressionista, feito em fundo cinzento, com tonalidades castanhas. A modelação do rosto e a expressão são felizes. Tem grandeza, naturalidade. Apenas as mãos, pouco felizes no desenho, tiram unidade a uma obra que, apesar de tudo, pode apelidar-se de notável.

Se o Prémio Nacional de Pintura descontentou os eborenses, o Prémio de Escultura mais os desorientou. Foi atribuído a «Cerco», de Maria Irene Vilar.

O «Cerco», verdadeiramente, pouco ou nada tem de escultura. É um madeiro de castanho, esburacado, chapejado de ferro carcomido pela ferrugem, cravado de grandes pregos ferrugentos, uns direitos outros dobrados. Simbólicas portas e frestas, na maioria cobertas de velhas chapas de ferro. Obra que a autora concebeu, numa evocação da época medieval, e simbolizou, psicológicamente, numa torre de castelo, que não soube espiritualizar pela plasticização. Deu-nos, assim, um bloco de madeira, escurecido, destroço de alguma velha nau que o mar tivesse arrastado á costa, juntamente com pregos e chapas oxidados pelo tempo e pelas intempéries. Esta obra comparada com o bronze de Martins Correia, a melhor escultura da exposição, deixou desiludidos os visitantes.

★

Na parte de escultura, esta exposição, devia chamar-se de Artes Decorativas, pois escultores da categoria de João Fragoso apresentam obras que têm apenas valor decorativo. Os seios cortados, apresentados por Fragoso, qualquer artífice de sensibilidade seria capaz de fazer.

Muitos artistas, procuram assemelhar-se a habilidosos, explorando a parte decorativa.

Muitos trabalhos expostos dificilmente deveriam ser incluídos nos de escultura, pois, em boa verdade, nada tinham de escultura, como a «Sinfonia probesca», em madeira. Outros, feitos de chapa de ferro, pintados e com colagens de cilindros, argolas e peças metálicas, lembram uma loja de ferro-velho.

Uma das qualidades que sempre distinguiram um verdadeiro artista é a sua personalidade. Todas as suas obras seriam conhecidas, mesmo sem assinatura, pelas características que há nelas e que nos permitem identificar o seu autor. Hoje, nas obras dos artistas da «nova vaga», dificilmente se encontra esse predicado.

A mensagem de juventude e dos novos caminhos da arte não resulta se o artista não conseguir ser compreendido. É necessário que essa mensagem mostre a irrequietude da época em que vivemos, sob infinitas facetas, mas numa linguagem em que haja comunicação entre o artista e o publico. E é, quanto a nós, esse o principal defeito dos artistas da «nova vaga» que pretendem apenas ser originais e até incompreendidos.

Nas exposições nacionais de Arte deveria haver dois campos distintos: o das obras modernas e o dos trabalhos de carácter ultramoderno.

★

Se o desenvolvimento cultural do publico deve ser realizado pelo aperfeiçoamento do gosto artístico, a apreciação das obras de arte de uma exposição é o meio mais eficaz de desenvolver a sensibilidade. São lições vivas e, a todos os títulos, louváveis.

A mensagem artística levada por uma Exposição de Arte Moderna será tanto mais ampla, quanto melhor preparado estiver o publico para aceitar inovações. O melhor meio é, sem duvida, o de conferências e a exemplificação de obras de incontestável mérito.

VERGILIO PASSOS

Em três linhas

Foi prorrogado até Abril de 1968 o prazo para a conclusão de um hotel na praia do Vau, Algarve.

///

O primeiro-tenente Eurico Marques Pinto foi nomeado comandante da lancha de fiscalização «Hidra».

Dizem os leitores...

Dicionário incompleto

«Sr. director do «Diário de Lisboa»: Leitor assíduo do vosso jornal, desde o primeiro numero, venho pedir-lhe um pouco de espaço para expressar a minha indignação pelo que ontem, 18, observei no programa «Dicionário» da R. T. P.

Com certeza que o locutor não deve ser português ou tem uma memória muito fraca em relação a tudo que é nosso. Na letra I e na palavra Icaro, aproveitou para falar dos pioneiros da aviação mundial, começando pelo balão dos irmãos Montgolfier, quando todos os compêndios de história pátria dizem que o primeiro foi o nosso padre Bartolomeu de Gusmão com a sua «Passarola».

Os feitos da aviação portuguesa que tiveram repercussão mundial, para esse senhor são letra morta. Então que fizeram Gago Coutinho e Sacadura Cabral, Pinheiro Corrêa e Sérgio da Silva com o mecânico Manuel António, na primeira ligação á Guiné; Sarmento de Beires e Brito Pais com o mecânico Manuel Gouveia, na viagem a Macau; Humberto da Cruz e o malogrado mecânico Lobato a Timor; a primeira travessia nocturna do Atlântico Sul por Sarmento de Beires e Castilho, e muitos outros que a minha memória agora não recorda?

Então a nossa R. T. P. é só para falar nos feitos dos estrangeiros? Os portugueses que viveram todos estes factos que nos encheram de alegria e patriotismo devem sentir-se como eu ofendidos, no seu brio e no seu orgulho.

De V., etc. — *Fernando Laranja».*

Dificuldades dos grossistas perante algumas exigências do «Código do Imposto de Transacções»

Do sr. Bizarro Marques, gerente comercial, de Lisboa, recebemos a carta que a seguir publicamos e que interpreta o sentir de muitos comerciantes grossistas que se nos têm dirigido a propósito de algumas das obrigações impostas pelo «Código do Imposto de Transacções»:

«Sr. director: — A força das circunstancias impõe-nos, àqueles que têm responsabilidades de gerência em empresas particulares, pedir a atenção do Governo para algumas dificuldades intransponíveis, salvo a custo de despesas incomportáveis e injustificadas, que o «Código do Imposto de Transacções» veio trazer ao maior numero de comerciantes grossistas.

Como fazê-lo sem a colaboração da Imprensa? Como também a Imprensa empreender tal movimento, de interesse económico para a Nação, se nós, aqueles que temos nas nossas costas o trabalho que o referido Código visa, não desabafarmos convosco as nossas dificuldades, o nosso desapontamento e desgosto, *desgosto* pela forma como somos tratados?

Espero, ou melhor, esperamos que os nossos jornais não deixem de nos apoiar e de com a sua colaboração e integridade de princípios, conseguir o indispensável para que este Imposto de Transacções entre em vigor *sem prejuízo para a receita do Estado, mas sem prejuízo também para a economia privada das empresas,* não pelo pagamento, pelo encargo dos 7%, mas pelos encargos de ordem moral e material que o decreto nos impõe, como seja um Inventário Geral de mercadorias a apresentar até 31-8-66, a escrituração de livros, folhas, declarações, registos, papéis e mais papéis e um sem numero de exigências burocráticas de valor prático quase nulo e *impraticáveis* comercialmente.

Como fazer tanto em tão pouco tempo? Onde encontrar pessoal habilitado? Basta olhar as colunas dos jornais diários e fácilmente se tiram conclusões sobre as dificuldades com pessoal habilitado. Procuram-se rapazes e raparigas com o curso comercial e, que sabem eles, que lhes ensinaram durante 4 ou 5 anos nas escolas? Porque é que os processos nos «serviços publicos» caminham tão lentamente? Não estamos todos no mesmo País? Então as dificuldades não são comuns?

No «Código da Contribuição Industrial» diz-se no n.º 13 (considerações): «... E sendo os contribuintes directamente interessados no bom funcionamento do novo método de tributar, que os convida a afastarem-se do caminho da fraude e a aproximarem-se com vantagem da verdade nas declarações, *TEM-SE POR SEGURO QUE NÃO HÁ DE FALTAR, na generalidade dos casos, A SUA ESCLARECIDA E LEAL COLABORAÇÃO».*

Neste «Código do Imposto de Transacções» as exigências sucedem-se de tal forma que forçoso é concluir que, nós, os comerciantes, somos ou passámos a ser, uma súcia de vigaristas, incapazes de corresponder ao patriotismo que emana dos nossos irmãos governantes, incapazes, portanto, de encarar ou de nos interessarmos pela sobrevivência da economia do nosso País.

Porquê e para quê um «Inventário Geral» de mercadorias em existência, até ao dia 31 do mês corrente? Este inventário evita que sejam praticadas fraudes por aqueles que tenham intenção de as praticar? Se as firmas, especialmente aquelas que estão classificadas no «Grupo A» sujeitas a fiscalização directa da D. G. C. I., tiverem de apresentar todos os elementos indispensáveis á tributação, elementos retirados da sua contabilidade, onde, evidente, estão registadas as compras e vendas efectuadas, se no fim do ano económico têm de reapresentar novos elementos relativos ao ano económico que corre, porquê não adiar o conhecimento das suas existências para essa ocasião, uma vez que as suas vendas não podem processar-se isentas do imposto. Então a sua contabilidade serve para satisfazer o Código da C. Industrial e *não serve* para o Imposto de Transacções? Destina-se este a um Ministério diferente ou foram as firmas que mudaram?

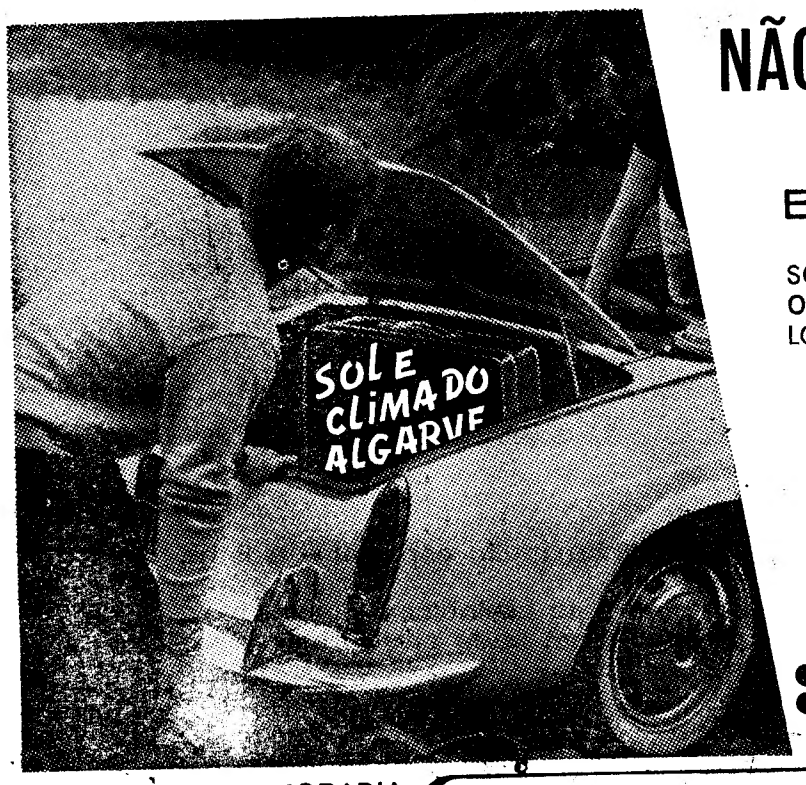
Propõe-se o fisco levar a sua acção á fiscalização do que existe dentro das firmas para determinações estatísticas sobre o rendimento futuro do imposto ou pretende que o imposto sobre transacções incida sobre as transacções que realmente se processem a partir de 1 de Agosto próximo? Haverá quem possa esclarecer-nos válidamente neste capítulo?

Como fazer o inventário pretendido e apresentá-lo até 31 de Agosto, na maior parte das firmas?

Recolher os viajantes-vendedores, suspender as actividades de compra e venda, pelo menos durante 30 dias, suspender todo o movimento de cobranças e pagamentos, fazer regressar de férias o pessoal (contrariando as leis do trabalho e humanas) e forçar os empregados, na maior parte dos casos sobrecarregados de trabalho pela ausência dos colegas em férias e de falta de colaboradores válidos, a realizar novo trabalho extraordinário cujos resultados, pela nossa condição humana e limites de resistência física, não se podem garantir. Quanto custa tudo isto á economia da Nação?

É do conhecimento geral que o nosso comércio tem lutado com ardor pela actualização dos seus métodos de trabalho, procurando exemplos em firmas congéneres no estrangeiro, mecanizando-se, procurando rentabilidade nos seus serviços que a actual luta de concorrência impõe, actualizando os seus processos contabilísticos. Algo se tem conseguido — pouco ainda para o necessário — mas muito

(Continua na 16.ª página)



NÃO PENSE NO IMPOSSÍVEL...

EVIDENTEMENTE, V. NÃO PENSA ASSIM!

PORQUE É UMA PESSOA INTELIGENTE, SÓ PRECISAMOS DE LHE DIZER QUE ESCOLHEMOS O LOCAL DA SUA MORADIA, ONDE ENCONTRARÁ AO LONGO DO ANO TODO O ENCANTO QUE AMBICIONA

solférias

JUNTO À PRAIA DO CARVOEIRO, NO ALGARVE

- Clima excepcional durante todo o ano
- Moradias de seis tipos diferentes
- Zona Hoteleira com piscina
- Campo de Ténis
- Zona Comercial com boliche, restaurante e esplanada

PLANOS DE FINANCIAMENTO ATÉ 36 MESES

COMPRE A SUA MORADIA PARA VERANEIO OU RENDIMENTO E INFORME-SE NA:

CP IMOBILIÁRIA CONSTRUTORA GRÃO-PARÁ, S.A.R.L.
Av. Infante Santo, 56 A B D - Tel. 661036-661030 - Lisboa

EMPRESA ASSOCIADA
SOCIEDADE IMOBILIÁRIA DO ATLÂNTICO, S.A.R.L.
R. Alexandre Herculano, 12-1º-Esq.-Tel. 553183 - Lisboa

Foi estabelecido o regime de portagem a vigorar na ponte sobre o Tejo

Foi agora definido o regime de portagem da ponte sobre o Tejo, importante regulamento a partir do qual é possível aquilatar-se melhor da utilização publica daquele notável empreendimento. O Decreto-Lei n.º 47 107, publicado conjuntamente pelos Ministérios das Finanças, Obras Publicas e Comunicações, na folha oficial, com a data de 19 do corrente, é, portanto, um documento que se reveste do maior interesse.

• As receitas destinam-se a custear os encargos de financiamento e as despesas de conservação e exploração

No preâmbulo daquele diploma acentua-se que, «*de harmonia com a orientação oportunamente estabelecida, a exploração da ponte sobre o Tejo, em Lisboa, será feita no regime de portagem, destinando-se as respectivas receitas ao custeio dos encargos do financiamento e das despesas de conservação e exploração da obra. Estando o empreendimento em vias de conclusão, há agora que dar expressão legal a esta orientação, definindo-se ao mesmo tempo as condições em que deverá ser efectivada e, bem assim, as disposições gerais a que terá de subordinar-se a utilização da ponte. A isto se destina o presente diploma.*

«*Os valores das taxas de portagem a cobrar esclarece-se depois — foram determinados com base na evolução provável do tráfego, dentro dos critérios de prudente avaliação habituais. Têm,, assim, de considerar-se susceptíveis de ajustamento ulterior na medida em que a evolução realmente verificada o justifique. O importante esforço financeiro exigido por este empreendimento implica a maior austeridade na concessão de isenções de pagamento da portagem, que ficam limitadas ás altas autoridades do Estado, ás forças armadas e aos serviços de ordem, de socorro e de fiscalização*».

A nota preambular conclui assim:

«*Não convindo precipitar a resolução definitiva do Governo sobre os estudos oportunamente elaborados, relativamente ao problema da atribuição da incumbência da exploração da obra, sendo certo que convirá dispor preliminarmente dos resultados da experiência dos primeiros tempos do seu funcionamento, fica por agora depositário dessa incumbência o Gabinete da ponte sobre o Tejo, no seguimento da meritória actuação até agora desenvolvida por este organismo*».

Aplicação das portagens

No articulado do referido diploma estabelece-se, depois, o regime do pagamento de portagem, que entra em vigor a partir das 0 horas do dia 8 de Agosto próximo. A utilização da ponte é, assim, isenta de pagamento desde o dia inaugural (a partir das 13 e 30) até á data indicada.

Para efeito da aplicação das portagens considerar-se-ão as seguintes classes de veículos:

- Classe 1: veículos automóveis de passageiros com o comprimento inferior a 3,30 m; motociclos simples, motociclos com carro lateral e atrela-los para bagagens.
- Classe 2: atrelados tipo caravana, atrelados para o transporte de barcos ou automóveis de competição, prontos-socorros para transporte de veículos automóveis avariados.
- Classe 3: veículos automóveis e furgonetas de passageiros com comprimento compreendido entre 3,30 m e 4.70 m; furgonetas de carga e mistas até 2000 km de peso bruto e tractores de pneus.
- Classe 4: veículos automóveis de passageiros com comprimento superior a 4,70 m, autocarros de passageiros utilizados em carreiras de regime urbano com menos de 50 lugares, furgonetas de carga ou mistas e camionetas ou reboques de peso bruto superior a 2000 kg e inferior a 3500 kg.
- Classe 5: autocarros de passageiros utilizados em carreiras de regime urbano com mais de 50 lugares; autocarros de passageiros utilizados em carreiras de regime interurbano; autocarros de serviço particular até 20 lugares; camionetas ou reboques de carga de peso bruto superior a 3500 kg e inferior a 5000 kg.
- Classe 6: camionetas ou reboques de carga de peso bruto superior a 5000 kg e inferior a 10 000 kg.
- Classe 7: camionetas ou reboques de peso bruto superior a 10 000 kg e inferior a 15 000 kg.
- Classe 8: camionetas ou reboques de peso bruto superior a 15 000 kg.
- Classe 9: autocarros de passageiros de serviço publico, nos termos do artigo 27.º do Regulamento do Código da Estrada, com excepção dos incluidos em classes anteriores; autocarros de passageiros de serviço particular com mais de 20 lugares.
- Classe 10: Veículos isentos.

Regime de taxas

Serão as seguintes as portagens a cobrar por cada travessia da ponte.

Classe do veículo	*Valor da portagem*
Classe 1	**10$00**
Classe 2	**15$00**
Classe 3	**20$00**
Classe 4	**25$00**
Classe 5	**40$00**
Classe 6	**60$00**
Classe 7	**70$00**
Classe 8	**80$00**
Classe 9	**100$00**

Nestes preços inclui-se o direito de utilização total das lotações ou capacidade de carga dos veículos.

Condições a observar:

Poderão ser emitidas séries de 100 bilhetes para o mesmo veículo automóvel, com um bónus de 5 por cento.

Sempre que a evolução do tráfego e da amortização da obra o aconselhe ou justifique, a mencionada tabela poderá ser alterada por despacho do Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos, sob proposta do ministro das Obras Publicas.

A falta de pagamento da importancia das portagens devidas de acordo com a tabela aprovada nos termos do presente decreto-lei será punida com multa igual a vinte vezes o valor da respectiva portagem e na sua cobrança aplicar-se-á o disposto nos n.os 1 e 2 do artigo 70.º do Código da Estrada, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 39 672, de 20 de Maio de 1954, não cabendo aos autuantes qualquer participação nas multas cobradas.

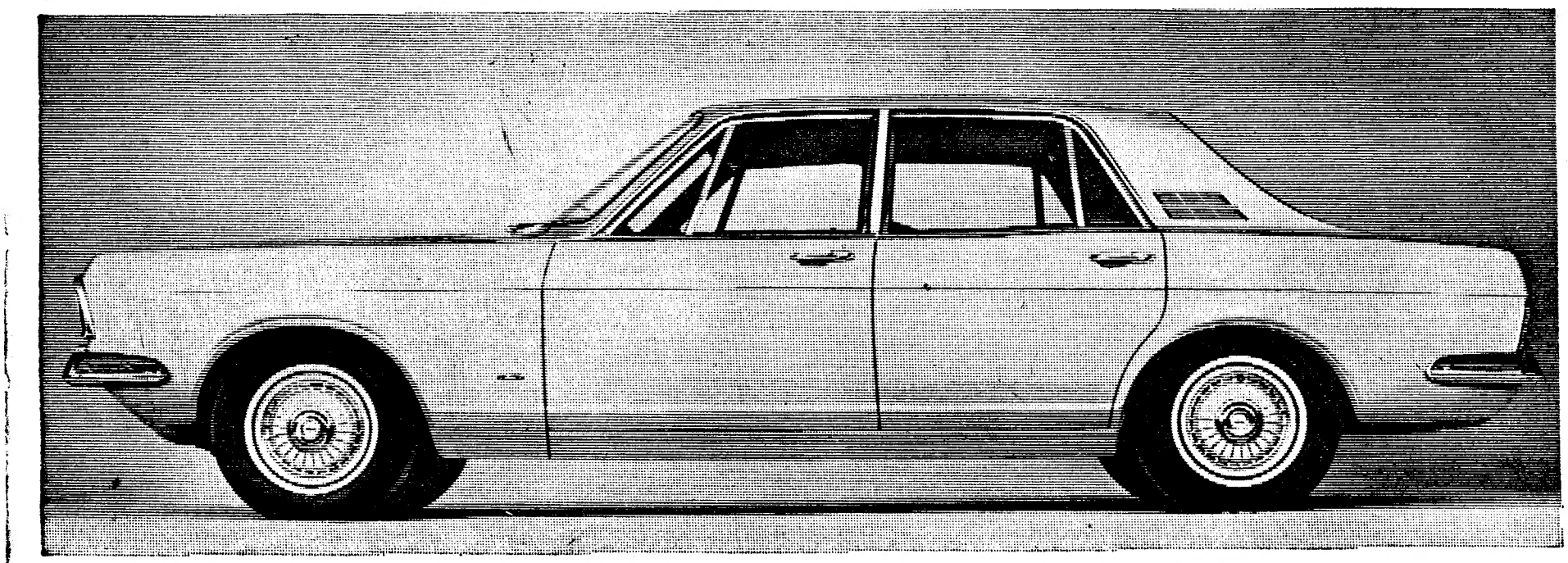
O pagamento das portagens devidas pela passagem da ponte dá direito aos usuários a assistência dada pelo pessoal da exploração da ponte em situações de emergência decorrentes de avaria ou acidente, incluindo o reboque gratuito dos veículos para os extremos da ponte.

Sómente não será gratuita a assistência necessária no caso de a paragem na ponte, viaduto norte e praça de portagem ser devida a falta de carburante; neste caso os usuários pagarão a importancia de 200$00, ficando com direito ao fornecimento de 10 litros de carburante, pagamento de que será passado o respectivo recibo.

O não pagamento da prestação deste serviço no momento da sua utilização não implicará qualquer procedimento, se ele for efectuado dentro de três dias na sede do Serviço de Exploração. Findo este

(Continua na 15.ª página)

A FORD ORGULHA-SE EM APRESENTAR *a "Linha da Distinção"*



Este símbolo marca o aparecimento duma nova linha, uma linha muito especial — **a linha Zephyr e Zodiac.**
A Ford Inglesa mandou fundir este símbolo em prata pura para assinalar a dignidade, a qualidade única da produção, o avanço técnico, presentes em cada carro desta nova linha. Porque o **Zephyr** e o **Zodiac** são símbolos de distinção.

Zephyr Ford ZODIAC

À SUA DISPOSIÇÃO NOS CONCESSIONÁRIOS FORD

LISBOA: AUTO BOAVISTA, Lda. - R. da Boavista, 61-B
AUTO RALI, S.A.R.L. - Av. Almirante Reis, 130-A
Av. Eng. Frederico Ulrich - Cascais
J. MENDES COELHO, Lda. - R. Alexandre Herculano, 6-A

7-01

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

José Rafael Basto Machado

FUNCHAL, 21 — Com 66 anos, faleceu o professor sr. José Rafael Basto Machado presidente da Delegação de Turismo da Madeira, delegado distrital da Mocidade Portuguesa, vogal da comissão distrital da União Nacional e chefe da secretaria do Liceu desta cidade.

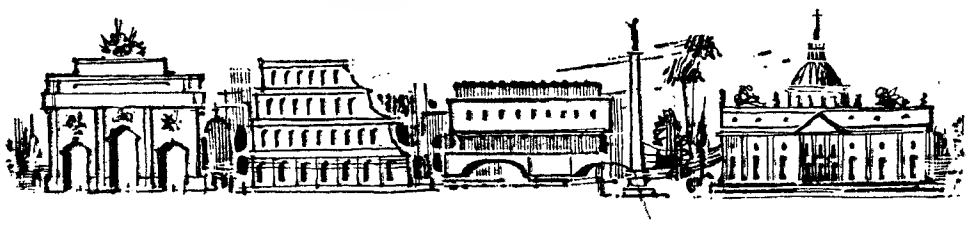
O extinto foi director do «Jornal da Madeira» e vice-presidente do Município e da Junta Geral do Funchal. Deixa viuva a sr.ª D. Olímpia Basto Machado, e era pai do capitão Nuno Basto Machado, que até há poucos dias exerceu o cargo de comandante da P.S.P. do Funchal, e da eng.ª química D. Maria Elisa Basto Machado, professora da Escola Industrial e Comercial do Funchal.

SUFRAGIOS

William Henry Alexander Gilman

Depois de amanhã, ás 12 horas, e no próximo domingo á mesma hora, respectivamente na igreja paroquial de Benfica e na igreja matriz de Colares, são celebradas misass de sufrágio por alma do sr. William Henry Alexander Gilman, que foi adido comercial da Embaixada Britânica em Lisboa.

Pelos serviços prestados durante a segunda grande guerra, o extinto foi condecorado pelo rei Jorge VI com a Ordem do Império Britânico. Era casado com a sr.ª D. Irene de Sousa Gilman, pai da sr.ª D. Maria de Lourdes Gilman Andersen e dos srs. William Gilman, Henry Gilman e Alexander William Gilman, e cunhado da sr.ª D. Eulália Duarte de Sousa e do sr. Eduardo Duarte Sousa.



A MELHOR HORA!

almoce no "restaurante" italiano mais alto do mundo

Todos os dias, às 10.25, um DC-8 Jet da Alitalia sai de Lisboa e chega a Roma em 2h20 de voo sem escala, a 10.000 metros de altitude. A bordo o tempo será suficiente para saborear um almoço à italiana preparado pelos melhores cozinheiros. E depois do café ... desembarcará na Cidade Eterna.

Para a Itália a hora Alitalia todos os dias às 10.25.

ALITALIA

O TEMPO QUE FAZ

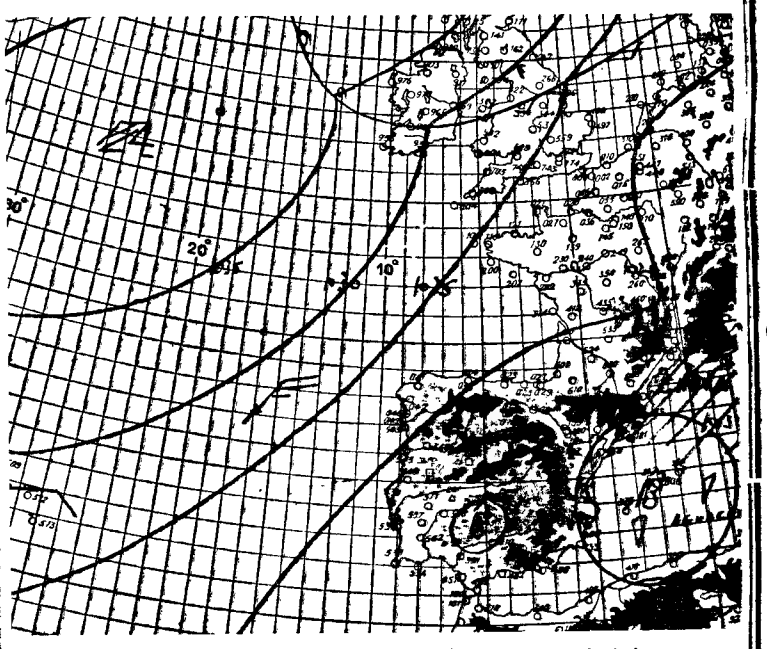
Informação do Serviço Meteorológico Nacional

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 34°,5; mínima: Penhas da Saude, 9°,8.

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava limpo e o vento era fraco de vários rumos.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 21°; Faro, 27°; Funchal, 20°; Lisboa, 24°; Penhas Douradas, 19°; Portalegre, 26°; e Porto, 24°.

A EVOLUÇÃO METEOROLÓGICA



(Carta de prognóstico para as 24 horas de hoje)

A — Anticiclone (alta pressão)

B — Depressão (baixas pressões)

—— — isóbaras (mb)

EVOLUÇÃO PROVAVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 22 DE JULHO — Sobre o território do continente português uma massa de ar continental continuará a provocar tempo quente e seco.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo e vento fraco tornando-se moderado de noroeste para o fim da tarde junto à costa ocidental.

MARES

PREIA-MAR — Dia 21 — Às 6 e 30 (3,9 m); 18 e 45 (4,2 m). Dia 22 — Às 7 e 10 (3,8 m); 19 e 30 (4 m). Dia 23 — Às 8 (3,6 m); 20 e 22 (3,9 m).

BAIXA-MAR — Dia 21 — Às 12 h (0,9 m). Dia 22 — À 0 e 32 (0,8 m); 12 e 42 (1 m). Dia 23 — À 1 e 22 (1 m); 13 e 40 (1,2 m).

SOL

Nascer ás 6 e 29
Ocaso ás 20 e 57

FASES DA LUA

Dia 24 — Dia 1 — Dia 9 — Dia 16

Incêndio numa eira

TABUA, 21 — Um incêndio que se manifestou no lugar de Sevilha, desta freguesia, numa eira pertencente ao sr. Armando de Campos, destruiu em escassos minutos mais de 50 molhos de trigo, outros cereais e uma casa de lavoura situada junto da mesma eira.

Foram chamados os Bombeiros Voluntários desta vila, que compareceram no local com duas viaturas e um auto-tanque. Os seus serviços, sob as ordens do seu comandante, sr. Candido Augusto Serra, foram valiosos, na medida em que o fogo ameaçava propagar-se a grande quantidade de palha que estava do outro lado da eira, e desta a diversas habitações circunvizinhas, o que conseguiram evitar.

O fogo foi provocado por uma ponta de cigarro lançada inadvertidamente para a palha pelo proprietário da eira.

O ministro da Justiça vai visitar S. Pedro do Sul

S. PEDRO DO SUL, 21. — No próximo domingo, o sr. prof. dr. Antunes Varela, ministro da Justiça, visita esta vila. Às 17 horas, será recebido nos limites do concelho, havendo em seguida uma sessão de cumprimentos no edifício da Câmara. No dia seguinte, aquele membro do Governo fará uma visita aos Paços do Concelho e ás instalações dos serviços de Justiça, com vista á introdução de melhoramentos naqueles serviços.

No BOMBARRAL o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na casa GARRUDO & RAMOS, RUA DO COMÉRCIO, 39.

Três sinaleiros angolanos
estrearam-se esta manhã a regular o trânsito em Lisboa

Três sinaleiros angolanos estão desde hoje a orientar o transito em outros tantos locais lisboetas — Restauradores, Chiado e Avenida da Republica. O caso não podia passar despercebido, e tanto automobilistas como peões não escondiam a sua surpresa. Surpresa que se revela, afinal de contas, bastante agradável. Os três homens de Luanda entraram com o pé direito, se assim se pode dizer, e, nas suas mãos, o transito tem o mesmo ritmo que teria nas mãos dos sinaleiros metropolitanos.

Chegaram no avião de anteontem. De repente, um voo de escassas seis horas e meia, transportou-os do «cacimbo» luandense para o «forno» de Lisboa. Cacimbo: tempo encoberto, mais humidade, uma pontinha de fresco (para quem é friorento).

De qualquer modo, o fardamento de caqui, mais leve que o da metrópole, revelou-se muito oportuno,

Um sinaleiro luandense — esta manhã, no Chiado — não desmerecia, pelo aprumo e perfeição de gestos, dos seus melhores colegas da metrópole

a avaliar pelo que nos disse um dos sinaleiros de Luanda:

— Aqui sim, tem calor!

Uma estreia de três horas

A estreia dos sinaleiros de Luanda não foi uma brincadeira de somenos: três horas ininterruptas em três locais de transito intenso.

João Viegas, sorriso simpático e bigode bem aparado, postou-se nos Restauradores. E' sinaleiro há cinco anos. Em Luanda tinha um ponto quase fixo — a Mutamba de Baixo — em peleno coração da cidade. Diferenças que notou?

— Mais carros, mais gente. Mas o transito aqui é outra coisa. Muito mais fácil. (Manda encostar um táxi á direita.) Em Luanda o automobilista não quer saber do sinaleiro. Se tem espaço para avançar, avança. Mesmo com luz vermelha. Quando vem a luz vermelha há carros a passar. A gente apita, eles aceleram, e é assim... Sinaleiro de Luanda apita o dia todo ..

Opinião de um sinaleiro de Lisboa, colocado no passeio a supervisar a actuação do luandense:

— Talvez um bocadinho lento.

(Digamos que entre os de Lisboa alguns também não são muito lestos...)

— Falta de adaptação?

— Não isso de modo nenhum. E' gente habituada. Muito calma. Mas talvez a calma seja demasiada, pelo menos no nosso modo de ver

Entretanto, os automobilistas afrouxam a marcha instintivamente. Pode lá ser? E há quem estenda a cabeça de fora. Outros acenam com a mão. Grita um lá de dentro:

— Sim, senhor, muito bem!

João Viegas agradece. Não está na Mutamba de Baixo, está nesta artéria coronária que dá pelo nome de Restauradores. Logo á noite não entrará na carrinha para voltar a casa. A família terá de esperar. Mas a «aventura dos Restauradores» será longo motivo de conversa entre os notáveis do bairro.

Chiado [illegible]

João Francisco Pereira da Gama mora no Bairro Papular de S. Paulo, contiguo ao «muceque» do mesmo nome. Sinaleiro há anos, prática intensa nos diferentes vespeiros de Luanda. Posto habitual: em frente á Papelaria Argente Santos, a dois passos do Café Pólo Norte, da Livraria Lello e da Versalhes.

— Como acha o transito de Lisboa?

— Disciplinado. Aqui no Chiado é muito fácil. Toda a gente sabe o que faz, não cria problemas. Vejo muitos peões ali parados... Estão a ver-me.

Concordamos. Sinaleiro de Luanda não acontece todos os dias.

— Ainda ninguém tentou «pisar o risco»?

— Não! (Sorriso afável.) Sou um sinaleiro como os outros. Sei o meu trabalho, faço bem, a gente não vai brincar, n'é?

Embaraçado, conta que é solteiro, mas tem filhos. Mora também no Bairro Popular de S. Paulo. Difícil, sim, foi a estreia em Luanda.

— Culpa do automobilista?

— E minha... Antes de passar a «pronto» é sempre um problema.

Mas sublinha o mesmo que ouvimos ao seu colega: o transito de Luanda, apesar dos esforços dos ultimos anos, ainda se faz com certa improvisação. O automobilista esquece (ou faz por esquecer) o sinaleiro colocado a meia duzia de metros.

A adaptação far-se-á por escalões. Para já, nada há a apontar aos três homens de Angola. Têm consciência das suas funções («sei o meu trabalho, faço bem»), e os prevaricadores serão tratados como merecem. De Lisboa, regressarão a Luanda. Ainda não sabem quando, mas todos concordam em que a experiência tem muita oportunidade. Levarão da Europa um criterio mais rigoroso. Como nos disse um deles:

— E' preciso vir para aprender mais coisas. Afinal o transito pode ser tão diferente... Basta o publico cumprir.

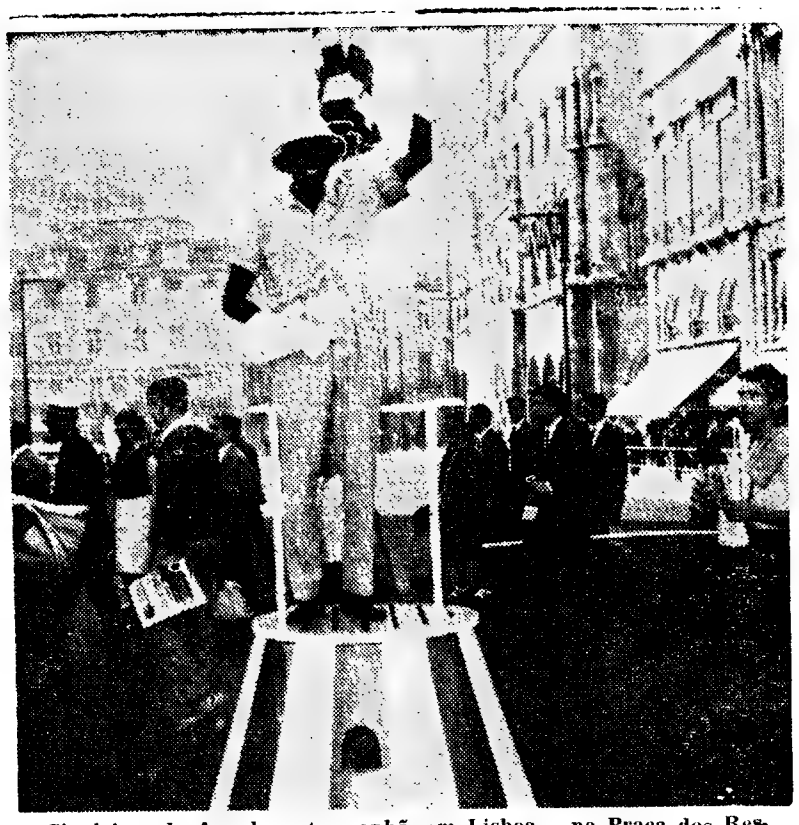
E porque não termos sempre em Lisboa alguns desses simpáticos rapazes?

Sinaleiros do ultramar na inauguração da ponte

Às 11 horas, os três sinaleiros foram rendidos naqueles postos por outros também luandenses.

Ainda esta semana devem chegar a Lisboa alguns sinaleiros de Lourenço Marques, que vêm igualmente exercer a sua função na capital.

Objectivo principal desta viagem: apresentar sinaleiros do Ultramar ao lado dos da metrópole no acontecimento excepcional que vai ser a inauguração da ponte de Lisboa.



Sinaleiros de Angola, esta manhã, em Lisboa — na Praça dos Restauradores...

«MOTOR»

Saiu o n.º 139 de «Motor», semanário dedicado aos factos e aos problemas do automobilismo de competição, que, como de costume, tem uma apresentação gráfica excelente.

Bandeira de Lima ocupa-se das provas de Montes Claros e Vila Real e do próximo Circuito de Cascais.

Neste numero, trata-se das decisões da Comissão Desportiva Nacional, acerca do Circuito de Montes Claros.

O seu director, dr. João; António Ruella Ramos, publica uma interessante reportagem do Grande Prémio de Inglaterra, ganho por Jack Brabham.

José António Marques relata as provas de moto das «24 Horas de Montjuich», a contar para a «Taça da Europa»; a dr.ª Susana Duarte Pedro ocupa-se das alterações ao Código da Estrada; publica-se, na íntegra, o discurso pronunciado ontem, na reunião da Camara Municipal de Lisboa, pelo vereador sr. Francisco do Cazal-Ribeiro; Baptista Santos dá-nos uma reportagem de uma volta ao Circuito de Cascais e um artigo, intitulado: «Não está suficientemente claro o regulamento da Fórmula V».

Este numero é valorizado por uma extensa e interessante entrevista com o major Ennes Ferreira, comandante da Polícia de Viação e Transito, pelo eng.º R. Farinas de Almeida e por um artigo de Joaquim Filipe Nogueira, intitulado «Quem são e como vivem os profissionais da Fórmula 3».

ZEBÚ

A O. C. D. E. OFER
CENTENAS DE LIVROS À BIBLIOTECA DO INS SUPERIOR DE CIÊNCIA

No salão nobre do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras foi inaugurada, esta manhã, uma exposição bibliográfica, composta por algumas centenas de livros e revistas, oferecidos pela O. C. D E.

Assistiram ao acto, além do sr. prof. Antonio Maria Godinho, vice-reitor da Universidade Técnica, o sr. prof. Gonçalves Pereira, director do I. S C. E. F. e o sr. eng.º Carlos Lo da Com ção Econó tério da I fessores e

Para ag prof. Gon referiu e O. C. D. E pel na re Europa. F de colabo tre aquele rio da Ec que come tização n matemátic secundári tamente a tica de E se reunirá

Fez vot no domín ministraçã possa ser Instituto, fessor, q após o d ministeria docente ração do A termin dr.ª Dulc Instituto sição.

Falou Lourenço lecção de não só mas por estão es encontrar ração a — disse- ter boa v balhar co dade é imensas mitar o não lhe nos de a balhar. 1967 se no ano efectivam

JURACY MAGALHÃES REITEROU O INTERESSE DO BRASIL NA VISITA DO PAPA

RIO DE JANEIRO, 21 — (A.N.I.) — Comentando as noticias da Imprensa local, segundo as quais o chanceler brasileiro iria convidar Paulo VI a visitar o Brasil, o próprio ministro das Relações Exteriores, Juracy Magalhães, informou os jornalistas de que, durante a sua próxima visita á Europa, em Setembro, presidirá em Roma á reunião dos embaixadores do Brasil na Europa Ocidental.

Quanto a uma ida do Papa ao Brasil, disse: «Sua Santidade sabe quanto o Brasil se sentiria honrado com a sua visita Por isso, o Governo brasileiro não tentará diligências para interferir numa decisão que será puramente de Sua Santidade, a quem renovamos o sincero e profundo apreço do Governo e do povo brasileiros».

MERGULHÃO
AS MAIS LINDAS PRATAS
Rua de S. Paulo, 162 ● Telef. 30013

CASINO ESTORIL
APRESENTA HOJE À NOITE EM ESTREIA

THE RAINDROPS
CONJUNTO VOCAL INGLES
VEDETAS DA TV E DO DISCO
KASSAGI
«OSCAR» DE MAGIA E PRODIGIOSO ILUSIONISTA
MARIA DA FÉ
UMA VOZ EXPRESSIVA DO FADO
THE RUDAS DANCERS
CÉLEBRE «BALLET» ACROBATICO AUSTRALIANO
PREÇOS: Sábados consumo mínimo 60$00 Nos outros dias, consumo mínimo 40$00 Todos os dias jantar 80$00
(Estes preços não compreendem taxas nem impostos)
TODOS OS DOMINGOS «MATINÉE», AS 17 HORAS
Chá completo — 25$00 (Taxas e impostos não incluídos)
OS MESMOS ARTISTAS ACTUAM TAMBÉM NO
Terraço das Estrelas do Hotel Embaixador
(Maiores de 17 anos)

SOREL
Comunica aos seus clientes que, por motivo de férias ao pessoal, encerra a oficina da Rua D. Luís I, N.º 28, de 26 a 31 de Julho.
Durante aquele período permanecem abertas as instalações da Rua Filipe Folque, N.º 12.

...O. E. OFERECEU
...AS DE LIVROS TÉCNICOS
...OTECA DO INSTITUTO
...OR DE CIÊNCIAS ECONÓMICAS

...Instituto ...Económicas ...urada, esta ...bibliográ- ...umas cen- ...tas, ofere-

...lém do sr. ...odinho, vi- ...le Técnica, ...Pereira, di- ...o sr. eng.º

...IÃES ...ERESSE

...PAPA

...— (A.N.I.) ...cias da Im- ...as quais o ...a convidar ...asil, o pró- ...es Exterio- ...informou ...durante a ...Europa, em ...n Roma á ...es do Bra-

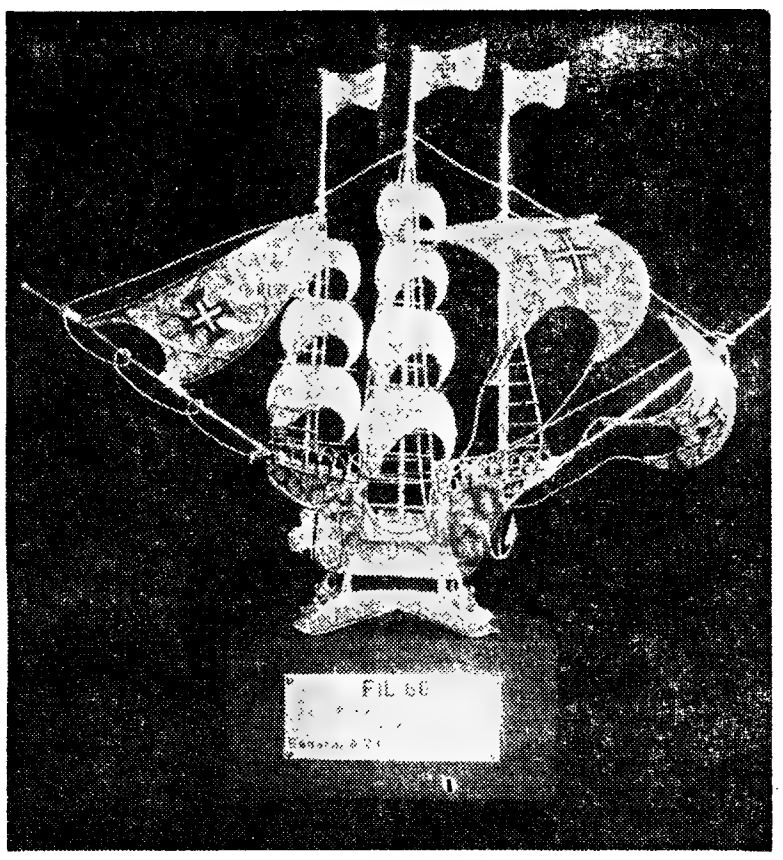
...ó Papa ao ...idade sabe ...ia honrado ...isso, o Go- ...entará dili- ...numa deci- ...te de Sua ...novamos o ...eço do Go- ...ros».

Carlos Lourenço, vice-presidente da Comissão Técnica de Cooperação Económica Externa, do Ministério da Economia, além de professores e alunos do Instituto.

Para agradecer a oferta falou o prof. Gonçalves Pereira, que se referiu em termos elogiosos á O. C. D. E., recordando o seu papel na reconstrução económica da Europa. Falou depois dos planos de colaboração estabelecidos entre aquele organismo e o Ministério da Educação Nacional, planos que começam a ter a sua concretização nos planos de ensino da matemática moderna, nas escolas secundárias e se intensificará certamente após a Conferência Atlântica de Educação, que em breve se reunirá em Lisboa.

Fez votos por que, em especial no domínio da Organização e Administração de Empresas, á ajuda possa ser mais frutuosa, pois o Instituto, por proposta de um professor, que regressou á escola após o desempenho de um cargo ministerial, e aprovação do corpo docente vai intensificar a preparação dos alunos neste domínio. A terminar, o director elogiou a dr.ª Dulce Cabrita, professora do Instituto e organizadora da exposição.

Falou depois o sr. eng.º Carlos Lourenço, que afirmou ter a colecção de livros especial interesse, não só pelo seu valor científico, mas porque na sua maior parte estão esgotados e não se podem encontrar no mercado. Na colaboração a estabelecer com a OCDE — disse — não nos limitaremos a ter boa vontade porque vamos trabalhar com entusiasmo. E a verdade é que as possibilidades são imensas pois a OCDE teve de limitar o seu esforço de ajuda, por não lhe serem apresentados planos de auxílio em que pudesse trabalhar. Fez votos para que em 1967 se estabelecessem planos que no ano seguinte possam entrar efectivamente a trabalhar.



O prémio «General França Borges» — caravela de filigrana doirada, que foi entregue á primeira classificada

FORAM ENTREGUES OS PRÉMIOS DO IV SALÃO DE INVENTORES
— O PRIMEIRO DOS QUAIS A UMA SENHORA QUE APRESENTOU UM CALCULADOR ANALÓGICO

O sr. general França Borges entregou esta tarde, durante uma cerimónia que se efectuou nos Paços do Concelho, os prémios aos seis primeiros classificados do IV Salão de Inventores, que foi integrado na ultima Feira Internacional de Lisboa.

Ao primeiro classificado, a sr.ª dr.ª Marília Alda de Lima Monteiro, de Lisboa, que participou no certame com um calculador analógico-radiciador parabólico, foi entregue o prémio «General França Borges» — caravela de filigrana dourada, atribuída em homenagem ao presidente do Município que, oportunamente, manifestou interesse por que se estimulassem os técnicos e pequenos industriais.

No acto, que teve a presença do sr. Pedro Vicente, membro da comissão directiva da F. I. L. e do juri, de que também fizeram parte os srs. dr. Mota Maia, representante da Direcção-geral do Comércio, e dr. Fernando Muller, secretário do certame, aquela senhora recebeu igualmente a medalha dourada do salão. Ao segundo classificado, sr. Manuel Pedro Oliveira Marques, de Lisboa, que concorreu com um dispositivo contra roubo de veículos de qualquer tipo, foi entregue a medalha de prata.

Por sua vez, os inventores classificados em 3.º, 4.º, 5.º e 6.º lugares receberam medalhas de cobre. Foram eles os srs. Arnaldo Pinto, do Porto, que apresentou no salão o seu invento de pranchas pré-fabricadas para a construção de estradas, pistas de aeroportos, etc.; o sr. António Maria Castelo Branco e Neves, da Covilhã, que concorreu com diversas ferramentas e dispositivo de segurança para travões; o sr. João de Oliveira Ratola, da Cruz Quebrada, que participou no salão com uma rede de carga; e o sr. António Cardoso de Vasconcelos, do Porto, que apresentou um aparelho adaptador de papel higiénico a um duplo fim.

Doze milhões de Volkswagen

O Volkswagen continua a ser o carro utilitário preferido em todo o mundo. Em 1965, a média de produção diária foi de 6700 unidades. Este ano, essa média subiu para 7600 Volkswagen por dia. As cifras de produção para a Alemanha na primeira metade do corrente ano totalizaram 810.000 veículos, aos quais se devem acrescentar cerca de 90.000 produzidos pelas fábricas espalhadas pelo mundo. Isto quer dizer que nos primeiros seis meses de 1966 foram produzidos e vendidos 900.000 Volkswagen. Doze milhões de Volkswagen, cifra fantástica e especialmente significativa se atendermos á forte concorrência, estarão em circulação antes do fim do ano. E caso unico na industria automóvel: todos estes carros saem das linhas de montagem já vendidos.

DOIS MEMBROS DO GOVERNO
ASSISTIRAM HOJE EM SANTARÉM À COMEMORAÇÃO DO «DIA DA CAVALARIA»

SANTARÉM, 21 — A comemoração do «Dia da Cavalaria», sob a égide do seu patrono, Mouzinho de Albuquerque, revestiu-se de grande brilhantismo na respectiva Escola Prática, nesta cidade, presidindo ás cerimónias o ministro do Exército e assistindo o subsecretário de Estado daquela pasta, o comandante da 2.ª Região Militar, o governador civil e o presidente do Município de Santarém, o director da Arma de Cavalaria e o comandante militar da cidade e muitas outras entidades militares, designadamente representantes de todas as unidades de cavalaria.

As cerimónias decorreram na «Parada Chaimite», onde estavam formados cerca de mil homens, tendo proferido uma alocução de circunstancia o segundo comandante da Escola, sr. tenente-coronel Leão Correia. O ministro impôs no estandarte da unidade as insignias correspondentes ao título de membro honorário da Ordem Militar de Cristo e, com o subsecretário de Estado, condecorou sargentos e praças que têm prestado bons serviços á Escola, alguns há mais de trinta anos.

Depois de descerrada uma placa de homenagem aos soldados de Cavalaria mortos no Ultramar, houve desfile das forças em parada e demonstrações de aptidão física e militar, seguindo-se almoço em honra dos dois membros do Governo e no qual tomaram também parte as demais individualidades presentes. A' noite, efectua-se um sarau, com exibição de um filme e acto de variedades.

As cerimónias em Lisboa

O «Dia da Cavalaria» foi celebrado em todas as unidades da arma, com cerimónias em que se exaltaram a figura de Mouzinho de Albuquerque e o aniversário do combate de Macontene, que hoje ocorre. Em Lisboa, realizaram-se vários actos no quartel do Regimento de Lanceiros 2, em colaboração com o Regimento de Cavalaria 7, assistindo o chefe do Estado-Maior do Exército, o governador militar de Lisboa, um representante do director da Arma de Cavalaria, comandos e oficialidades das duas unidades e outras entidades militares.

Após a alvorada e o içar da bandeira, houve na parada formatura geral de elementos dos dois regimentos, alocução alusiva pelo sr. alferes Cruz Ferreira entrega de medalhas a soldados de todos os esquadrões, distribuição de louvores e diplomas a sargentos e praças, desfile e demonstrações de aptidão física e militar, incluindo provas desportivas. No final, foi inaugurado um modelar posto de socorros e enfermaria, tendo proferido algumas palavras o comandante do Regimento de Lanceiros 2.

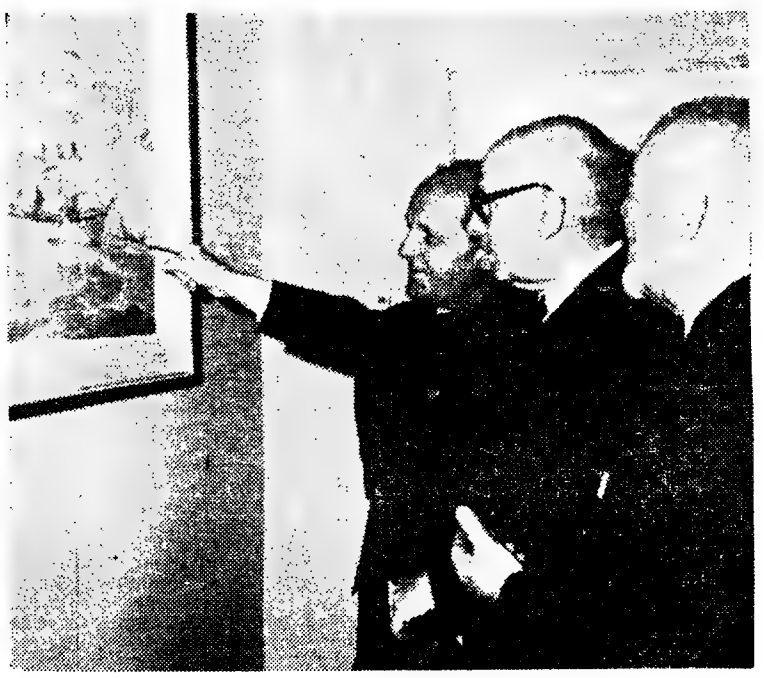
Vida política

● Ministro do Ultramar

O ministro do Ultramar recebeu, hoje, o presidente da Câmara Municipal do Luso (Bié), que, acompanhado de dois metropolitanos há muitos anos fixados naquele distrito da província de Angola, lhe entregou uma mensagem de saudação dirigida ao Presidente do Conselho, a propósito do 40.º aniversário do movimento de 28 de Maio.

● Secretário de Estado da Indústria

O secretário de Estado da Indústria recebeu, esta tarde, o governador civil e o presidente do Município de Viseu, o conselheiro comercial da Embaixada de Portugal em Washington e o presidente do Grémio dos Industriais Metalurgicos e Metalomecânicos do Sul, sr. eng.º Carlos Alves, acompanhado dos srs. dr. Azevedo Mendes e eng.º J. Ataíde.



O Chefe do Estado observa um dos quadros do pintor do mar Roger Chapelet, durante a visita que fez ao belo certame no Museu de Marinha

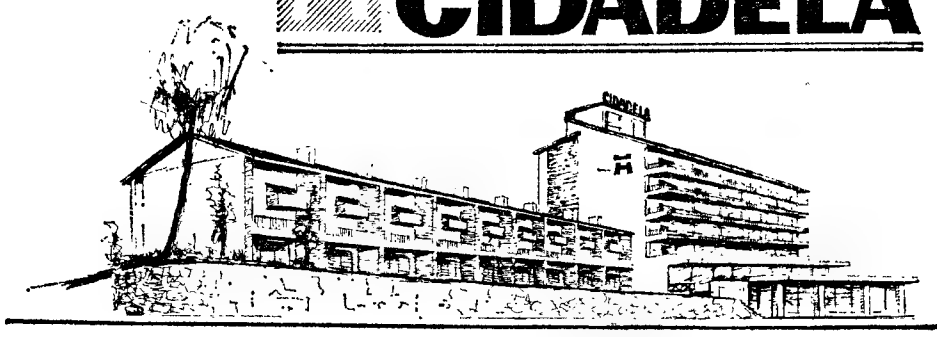
NA SAPATARIA
ZEBÚ
NÃO PAGA LUXO..
PAGA SO QUALIDADE
RUA DA ASSUNÇÃO, 51

Jóias antigas e modernas
Compramos pelo mais alto preço
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

ZEBÚ

Ourivesaria da GUIA
...GARANTIA DE PROBIDADE E COMPETÊNCIA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)
FUNDADA EM 1875

COZINHA ALENTEJANA
Informamos os nossos Ex.mos clientes que inaugurámos o serviço de almoços e jantares no jardim.
Encerra ás 2.as-feiras
Av. do Aeroporto, lote 66 Telefone 72 70 71

hotel CIDADELA

RESTAURANTE-BAR
telefone 28 29 21 — CASCAIS

Os cosmonautas Young e Collins que regressam hoje à Terra estão a perder material no espaço

CAPE KENNEDY, 21 — (R.) — Os astronautas John Young e Michael Collins regressam hoje á Terra, tendo a seu crédito novos «records» do espaço e um ponto de desvantagem pela perda de equipamento.

Collins, pai de três filhos, terminou o voo de três dias com um passeio, munido de uma pistola a jacto, através da arriscada «ponte espacial» entre a sua cápsula «Gémeos 10» e o foguetão-alvo «Agena 8», gravitando numa órbita em volta da Terra desde 16 de Março.

Tornou-se o primeiro homem a pôr as mãos noutro satélite em órbita ao retirar um painel científico, que será trazido para análise.

O major da aviação, de 35 anos, ao realizar essa manobra deixou, porém, escapar uma máquina fotográfica sueca e, mais tarde, com o passeio no espaço, encurtado devido á falta crescente de carburante, os cosmonautas comunicaram que deixaram cair, acidentalmente, outro painel científico, contendo experiências britânicas, israelitas e alemãs ocidentais, quando deitaram fora equipamento que não precisavam.

«Tínhamos o «S-12» na cabina e agora não somos capazes de encontrá-lo» — comunicou pesarosamente Collins. «Ou o guardámos em qualquer lugar mágico ou deixámo-lo cair».

O «PASSEIO» ESPACIAL DE COLLINS DUROU 27 MINUTOS

CAPE KENNEDY, 21 — (F. P.) — A «saída» de Collins durou apenas 28 minutos.

Começada ás 23 e 4 de ontem, quando a «Gémeos 10» atravessava o céu da Austrália, a marcha espacial do cosmonauta que deveria durar 55 minutos, terminou, precipitadamente, ás 23 e 32

A uma ordem imperativa dos dirigentes da N. A. S. A., reunidos no centro espacial de Huston, no Texas, o piloto John Young chamou imediatamente para bordo o seu camarada Michael Collins. A decisão de encurtar em 27 minutos a experiência em curso, foi motivada, declara-se em Cape Kennedy, pela necessidade de economizar a reserva de carburante ainda á disposição da tripulação da «Gémeos 10».

A pistola direccional utilizada por Collins, no seu passeio espacial, é uma versão aperfeiçoada daquela com que Edward White procedeu em 3 de Junho de 1965 á primeira «saída» para o espaço.

Os técnicos da N. A. S. A. precisaram que funciona com azoto. O gás é levado para o «jet-gun» através do cordão umbilical que liga a cápsula ao homem-satélite.

O cordão (18 metros de comprimento) assegura também a chegada de oxigénio ao co-piloto assim como ás radiocomunicações entre Collins e Young.

A projectada amaragem de hoje, por volta das 21,07 horas T.M.G. (22,07, hora de Lisboa), a 880 quilómetros a leste da Florida, encerra um voo que obteve o maior êxito, embora tenha sido interrompido em consequência de problemas insolúveis.

Com o carburante virtualmente acabado, após dois dias de manobras complexas em órbita, os cosmonautas têm para hoje sòmente experiências científicas de rotina, antes do regresso sempre perigoso do cosmos.

Referindo-se ontem ao seu passeio no espaço, Collins comunicou:

«Tudo quase como esperávamos lá fora, excepto que tudo demora mais tempo. A posição do corpo parece ser o problema».

DIA A DIA

A HORA DOS RECUPERADOS

RENÉ PLEVEN

No gabinete que o general de Gaulle constituiu em seguida ao 13 de Maio de 1958 — como esta data vai distante! — os postos mais importantes estavam confiados a personalidades da IV Republica que os generais da Argélia detestavam e cuja liquidação haviam jurado. Pflimlin, Mollet, Pinay eram vedetas dos partidos e do Parlamento cujas boas graças evitaram os transtornos de um rompimento com o passado. No Eliseu, o presidente Coty lançou a bênção a essa operação incruenta. Com o tempo modificaram-se os costumes e a equipa de gaullista tendo á frente Debré ou Pompidou, sacrificou na ara da admiração pessoal e do reconhecimento nacional os pruridos de independência de alguns dos seus elementos. Nada custou, porém, reconhecer que a prosperidade económica da nação assentava em bases sólidas que a IV Republica criara e que a força nuclear fora por ela igualmente preparada. Os construtores desses alicerces tiveram sorte diferente. O sr. Monnet, federalista da melhor água, não é bem visto pelo general, enquanto o sábio Perrin tem o seu reconhecido apreço.

Entretanto, voltaram a superfície nomes que deveriam estar esquecidos, passados oito anos sobre a sua passagem á reserva, e o mais versátil deles, Edgar Faure, entrou no Governo com honras devidas á sua categoria intelectual e experiência política, sobraçando a pasta da Agricultura. Em véspera de eleições, com a campanha eleitoral práticamente em curso, outros nomes conhecem uma publicidade sintomática, deles se falando para ocuparem postos ministeriais. Entre outros citam-se os de Pflimlin, que nunca deixou de ser bem visto no Eliseu, Defferre, cuja capacidade de administrador é justamente apreciada, René Pleven, antigo chefe do Governo, e Félix Gaillard, que passou fugidiamente pela presidência do Conselho. Os recuperados conhecem uma hora de publicidade que dispensa comentários.

Parece efémero o reinado da mini-saia

PARIS, 21 — (Por Aline Mosby, da U. P. I. — A. N. I.) — Haverá ainda muitos joelhos descobertos em muitas das colecções parisienses de Inverno, mas o reinado da mini-saia parece hoje extremamente efémero.

É demasiado cedo para se saber se é ou não de aconselhar as elegantes do mundo inteiro a que se deixem desse trabalho em que têm andado empenhadas de subir as bainhas das saias. No entanto, há informações, provenientes do próprio centro dos segredos da moda, que asseguram que em muitas colecções — incluindo a de Dior — as saias vão tapar os joelhos. Contudo, para a moda de Paris, tapar os joelhos, mesmo escassamente, já significa que as saias serão mais longas.

Mas há mais. Os «espiões» da moda afirmam que muitas colecções, incluindo a de Dior, vão apresentar modelos para de dia tapando completamente os joelhos — e isto é que parece, realmente, uma indicação segura de que as partidárias das mini-saias devem aproveitar o Verão para as usar.

Jacques Esterel, que apresenta o seu desfile na segunda-feira, abrindo a «saison», anunciou que, para de dia, tem modelos de «diversos comprimentos» e explicou a sua «política» no assunto: As saias mais compridas são para as clientes que não desejam mostrar os joelhos.

Foi preso o padre Ian Paisley

BELFAST, 21 — (F. P.) — Foi preso o reverendo Ian Paisley, da Igreja Presbiteriana Livre do Ulster — anunciou ontem a Polícia desta cidade.

O «leader» dos extremistas protestantes da Irlanda do Norte tinha sido condenado, na terça-feira, a 30 libras de multa ou a três meses de prisão, por ter organizado no dia 6 do mês passado uma manifestação ilegal, em que ficaram feridas muitas pessoas.

O chefe dos «antipapistas» irlandeses declarou que se recusava a pagar a multa a que tinha sido condenado.

O conjunto «Gémeos-Agena» —verdadeira estação espacial

CAPE KENNEDY, 21 — (F. P.) — Embora a saída espacial de Michael Collins tenha sido encurtada para metade, e a despeito da eliminação de dois encontros com o «Agena 10», a N. A. S. A. considera o voo «Gémeos 10» como grande e espectacular êxito.

Em primeiro lugar, John Young e Michael Collins montaram, a mais de 370 quilómetros de altitude, uma autêntica «estação espacial». O conjunto «Gémeos 10»-«Agena 10» funcionou na perfeição. Houve que gastar mais carburante do que o previsto para realizar a acoplagem. Daí a necessidade de economizar o carburante e de encurtar o passeio de Collins. Mas a «Gémeos 10» conservou-se atracada ao «Agena» durante 38 horas, e o potente propulsor do foguetão permitiu as manobras que levaram ao segundo encontro aprazado, com o «Agena 8».

Os dois encontros seguidos de aproximações das naves a que a N. A. S. A. renunciou, deveriam fazer-se entre a «Gémeos 10» e o «Agena 10», se a cabina dispusesse de carburante suficiente.

Mas trata-se de uma contrariedade sem importância de maior, como, de resto, a da saída encurtada de Collins, terceiro americano a enfrentar o vácuo cósmico.

Em compensação, os técnicos de Cape Kennedy atribuem grande importância á ascensão do conjunto «Gémeos»-«Agena» até á altitude «record» de 760 quilómetros, proeza que supera a de Pavel Belyavev e Alexei Leonov, a bordo do seu «Voshkod», em Março de 1965.

GESTO DE PROTESTO DA OPOSIÇÃO

DEPUTADOS DEMITEM-SE DA ASSEMBLEIA DO RIO GRANDE DO SUL

PÔRTO ALEGRE, 21 — (F. P.) — Todos os deputados do Movimento Democrático Brasileiro (oposição) da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul renunciaram colectivamente ás suas funções para protestar contra o decreto assinado ontem pelo marechal Castelo Branco e que suspende o mandato de quatro dos seus colegas.

O M.D.B. do Rio Grande do Sul não participará na eleição (15 de Setembro) do novo governador do Estado, o que equivale, práticamente, a uma eleição assegurada do candidato da Arena, o partido governamental.

MORREU BAETA NEVES

RIO DE JANEIRO, 21 — (F. P.) — O deputado Paulo Baeta Neves, presidente do Partido Trabalhista Brasileiro desde a queda de João Goulart, faleceu ontem, depois de ter sido submetido a uma intervenção cirurgica.

DE GAULLE CHEGOU A BONN PARA CONFERENCIAR COM ERHARD

BONN, 21 — (R.) — Chegou hoje a esta capital o general de Gaulle que veio de Paris para conferenciar com o presidente da Alemanha Ocidental, Heinrich Luebke, e com o chanceler Ludwing Erhard.

Com o presidente francês vieram o primeiro-ministro Pompidou, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Couve de Murville, e o ministro da Defesa, Pierre Messmer.

O chanceler Ludwig Erhard da Alemanha Ocidental pretende verdadeiro progresso nas conversações que trata hoje nesta capital com o presidente de Gaulle sobre a questão de manter tropas francesas estacionadas na Alemanha, a seguir á retirada da França do comando militar da N. A. T. O.

A ESPANHA PODERÁ SER AFECTADA PELAS RESTRIÇÕES ECONÓMICAS INGLESAS

MADRID, 21 — (A. N. I.) — Tendo em vista os problemas de inflação com que a Espanha se debate, o Governo espanhol propõe-se estudar o «orçamento de crisé» inglês, ontem anunciado por Harold Wilson, assim como aquele que o Governo federal alemão deve revelar em breve.

Supõe-se que o corte ordenado por Wilson nas somas que os ingleses podem levar para o estrangeiro afectará a indústria espanhola de turismo, que da Inglaterra está a receber por ano quase três milhões de visitantes.

As disposições inglesas também devem prejudicar a exportação de vinhos e de outros produtos espanhóis, agravando o «deficit» da balança de pagamentos da Espanha.

Migração na Alemanha entre as duas zonas

BONN, 21 — (R.) — Segundo revelou nesta cidade o Ministério dos Refugiados, mais de meio milhão de alemães ocidentais mudaram-se para a Alemanha Oriental desde 1950, mas, no mesmo período, mais de 3 700 000 alemães orientais vieram para a Alemanha Ocidental.

Recontros em Cleveland entre a Polícia e multidões de negros

CLEVELAND (Ohio), 21 — (R.) — Polícias e multidões de negros, arremessando pedras, travaram a noite passada novos recontros nesta cidade, mas a violência não atingiu a escala dos tumultos das duas noites anteriores, que causaram dois mortos e 24 feridos.

As desordens da noite passada registaram-se fora da parte do bairro pobre que foi isolado pela Guarda Nacional, a seguir á declaração do estado de emergência pelo governador do Ohio.

Num incidente, guardas nacionais dispersaram uma multidão que principiara a partir as montras de estabelecimentos.

Noutros incidentes esporádicos, carros da Polícia foram apedrejados, mas, mais tarde, o bairro encontrava-se sossegado quando 800 guardas nacionais, armados de carabinas com baioneta calada, patrulhavam as ruas.

À medida que a noite avançava, a Polícia comunicou que negros atiraram bombas de petróleo, que deram origem a numerosos pequenos incêndios.

Um oficial comunicou pela rádio, de um dos locais de perturbações: «Os negros acabaram de atirar uma bomba contra nós».

O regime de portagem da ponte sobre o Tejo

(Continuação da 10. página)

prazo, será promovida a execução fiscal do usuário que utilizou o serviço, com o agravamento de 50 por cento.

Isenções de pagamento

São isentos de pagamento de portagem os veículos automóveis pertencentes ás seguintes entidades:

Presidência da Republica, Presidência do Conselho de Ministros, membros do Governo, presidente da Assembleia Nacional, presidente da Câmara Corporativa, presidente do Supremo Tribunal de Justiça, procurador-geral da Republica, governadores civis, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, presidente da Câmara Municipal de Almada, forças armadas e forças de segurança, Junta Autónoma de Estradas, Direcção-Geral de Transportes Terrestres, bem como auto-macas, carros de bombeiros, automóveis funerários em funeral, e veículos utilizados pela organização encarregada da exploração da ponte e respectiva fiscalização.

Regras de trânsito

No articulado do diploma estabelece-se, também, que a entidade que tenha a seu cargo a exploração da ponte organizará o sistema de «contrôle» das isenções, a aprovar por despacho do ministro das Obras Publicas. Acentua-se, ainda, que por decreto dos Ministérios das Obras Publicas e das Comunicações, serão fixadas, oportunamente, as regras de transito a observar com utilização da ponte e suas auto-estradas de acesso.

Determina-se, por outro lado, que «enquanto não estiver definitivamente fixado o regime de exploração da ponte, fica o Gabinete da Ponte sobre o Tejo com o encargo de assegurar a sua exploração, cobrando as portagens, as taxas por prestação de serviço e as multas previstas no regulamento do transito na ponte».

Definição de autoridade

O decreto-lei, na sua parte final, estabelece o seguinte:

O pessoal técnico do Gabinete da Ponte sobre o Tejo empregado nos serviços de exploração no exercício das suas funções será, para todos os efeitos legais, agente da autoridade e terá, portanto, competência para o levantamento de autos de notícia sobre as transgressões á referida cobrança e demais normas aplicadas ao transito da ponte e seus acessos, fazendo aqueles autos fé em juízo até prova em contrário. Nesses autos será dispensada a indicação de testemunhas sempre que as circunstancias da verificação da infracção não permitam indicá-las.

O pessoal de serviço do Gabinete da Ponte sobre o Tejo tem direito ao fornecimento de fardamentos de acordo com os modelos e regras a aprovar pelo ministro das Obras Publicas.

Regras administrativas

Para fazer face aos encargos do Gabinete da Ponte sobre o Tejo com a montagem dos serviços de exploração da ponte será inscrita no Orçamento Geral do Estado a seu favor, no próximo ano, a verba de oito mil contos. Para fazer face aos encargos com a conservação, exploração e manutenção e assistência aos usuários da ponte será inscrita anualmente, a partir de 1967, inclusive, a dotação indispensável.

EXPOSIÇÃO INFANTIL

Num dos pavilhões do Centro Social da firma CELCAT, na Venda Nova (Amadora), foram agora expostos os trabalhos de desenho e artes plásticas referentes ás actividades do corrente ano lectivo, das crianças dos 2 aos 6 anos, da creche e do jardim infantil, filhas dos funcionários daquela importante empresa fabril.

Alguns dos trabalhos expostos revelam apreciáveis dotes artísticos e têm sido muito apreciados.

A exposição está aberta até ao dia 26 do corrente e tem entrada publica.

O Gabinete da Ponte esclarece o sistema seguido para aplicação da portagem

O Gabinete da Ponte sobre o Tejo forneceu-nos hoje o seguinte esclarecimento:

«Foi enviado para publicação no «Diário do Governo» o decreto-lei que estabelece o sistema do pagamento de portagem na ponte sobre o Tejo e que fixa os custos das passagens para as diferentes categorias de veículos.

No preambulo do referido diploma refere-se que os valores das portagens foram fixados tendo em conta os compromissos financeiros assumidos com a construção deste grande empreendimento, em face dos estudos de previsão do tráfego, admitindo-se ajustamentos a introduzir em face do que vier a verificar-se na evolução do transito que vier a utilizar a ponte

As portagens foram estabelecidas por forma a traduzir a linha geral da politica de transportes que está a ser seguida no País e que, aliás, alinha com idêntica orientação adoptada em muitos outros países europeus. Assim, procura-se encorajar a utilização dos transportes publicos para aquelas pessoas que não tenham necessidade de se deslocar em carros próprios; procura-se estimular a utilização de carros pequenos pelas pessoas que tenham de utilizar transportes individuais e, finalmente, estabelecerem-se custos bastante mais baixos para veículos de carga.

No sistema estabelecido, os veículos pagarão a mesma portagem quer transportem ou não passageiros, o que tem por objectivo procurar a melhor utilização do parque automóvel nacional, pois interessa á economia nacional que os veículos sejam utilizados na sua máxima capacidade.

Não se prevê o sistema de bilhetes de ida-e-volta com qualquer redução, mas admite-se um bónus de 5 por ceinto quando sejam compradas séries de cem passagens para o mesmo veículo.

Pela tabela das portagens que juntamente se apresenta verifica-se que há uma redução no custo de passagem dos veículos até 3,30 m. de comprimento em relação aos preços praticados pelos «ferry-boats», mesmo considerando o preço de ida-e-volta quando os veículos levem a sua lotação, uma vez que os preços das portagens já incluem o direito de transportar passageiros.

Em relação aos preços previstos para as passagens dos autocarros de serviços publicos urbanos e de longo curso, há consideráveis reduções em relação ás portagens praticadas pelos barcos actualmente utilizados nas travessias.

O mesmo acontece com o custo das passagens dos veículos de carga ou mistos, atingindo as vantabens oferecidas pelas tarifas, valores bem apreciáveis nos veículos maiores, como é usual.

Quanto aos veículos médios de comprimento compreendido entre 3,30 m. e 4,70 m. verifica-se que há um agravamento para um certo numero de veículos em relação aos preços praticados nos barcos, mas por agora não se pode encarar a subdivisão desta categoria em mais categorias nem tão-pouco passar alguns veículos desta categoria para a imediatamente inferior, o que se admite em face do que revelar a evolução do tráfego na ponte.

Nota-se, porém, que o custo da portagem da ponte sobre o Tejo não corresponde sómente ao custo da travessia pura e simples do rio, mas também a utilização dos seus acessos rodoviários, grande facilidade de travessia, a grande economia de tempo, de combustível e de material.

Não poderá, também, deixar de notar-se que no actual serviço de transportes por barco está a fazer-se grande sacrifício para manter as tarifas, cuja revisão se encontra em estudo há vários meses pela entidade competente.

Espera-se a melhor compreensão do publico para todo este problema, em especial para aquelas pessoas que por agora vão ter um agravamento no custo das passagens, agravamento que, seguramente, terá compensação na economia de tempo, facilidade de transporte, comodidade e segurança que a ponte oferecerá na travessia que poderá, também, fazer-se sem quaisquer restrições que resultem de nevoeiros ou condições atmosféricas.

Também se chama a atenção para a assistência que fica assegurada aos usuários da ponte e cujo custo está incluído no valor da portagem.

Em resumo, a ponte sobre o Tejo oferece aos seus usuários as seguintes vantagens em relação ás actuais condições de travessia:

— Possibilidade de travessia do rio a qualquer hora do dia ou da noite;
— Possibilidade de travessia em quaisquer condições de tempo, incluindo os dias de nevoeiro cerrado;
— Rapidez na travessia que ficará reduzida em alguns minutos;
— Maior comodidade e segurança nos acessos a Lisboa, pois a rede de auto-estradas que assegura este acesso permitirá a circulação até ao centro da cidade e até doze quilómetros do limite da ponte para o sul, nas melhores condições;
— Custos de passagem substancialmente mais baixos para os autocarros de passageiros;
— Custos de passagem substancialmente mais baixos para os veículos de carga no seu conjunto;
— Custo mais baixo para os veículos de comprimento inferior a 3,30 m;
— Custo mais baixo para algumas categorias de veículos de dimensão superior a 3,30 m.

Em relação aos preços da travessia propriamente dita, não há vantagem de custo para algumas categorias de veículos, mas espera-se que a evolução do tráfego na ponte permita efectuar ajustamentos que possam conduzir a uma mais perfeita distribuição de veículos pelas categorias previstas no sistema de taxas em vigor.

Dentro de dias será publicado o diploma legal que estabelece o regulamento do transito na ponte».

Ennio Sangiusto é favorito no festival da Canção de Benidorm

BENIDORM, 21 — Numa estancia de tantos atractivos como Benidorm, onde os turistas constituem a maioria na população, um certame de canções é sempre excelente espectáculo. No dia 23 inicia-se o VIII Festival da Canção de Benidorm, que se prolongará por dois dias.

Entre as duas dezenas de astistas que se apresentam no Festival, Ennio Sangiusto é um dos mais sérios favoritos á vitória final. Mas Sangiusto tem sérios competidores O certame de este ano caracteriza-se pela apresentação de grande numero de artistas jovens. Duas jovens enfrentam o publico pela primeira vez — Alicia Granados, de 12 anos, que interpretará «Profesor» e «Nocturno», e Teresa Jareño, de 16 anos, que defenderá «No estamos de acuerdo».

«Los 4 Ros» — um conjunto que caminha rápidamente para o triunfo — apresentará duas canções em que deposita grande esperança de boa classificação: «Por quê?» e «Amor amargo». O vencedor do ultimo Festival do Atlantico, o jovem Franky, estará também em Benidorm e com as canções «Llanto» e «Se fué».

O NOVO

ZODIAC 1966

- 6 lugares de extraordinário conforto
- 6 cilindros em V de 2994 c. c.
- Suspensão independente às quatro rodas
- travão de disco às quatro rodas, assistido por servo-freio

EM EXPOSIÇÃO

— * —

CORTINA GT LOTUS

J. MENDES COELHO, LDA.

CONCESSIONÁRIOS

Ford

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 6-A — LISBOA

EXCURSÕES

VALE DO VOUGA
DIAS 23 E 24 DE JULHO
170$00 ou 550$00

★

PARA DOMINGO, 24
FÁTIMA
100$00 ou 180$00

★

PENICHE
ÓBIDOS - BALEAL
80$00 ou 140$00

★

SINES
130$00 ou 260$00

★

PARTIDAS ASSEGURADAS NOS NOVOS AUTOCARROS DE TURISMO

BOA VIAGEM
AV. DO BRASIL, 112-C
TELF. 76 22 22 - 76 55 67

Uma exposição do Grémio dos Industriais Gráficos sobre o Imposto de Transacções

A direcção do Grémio Nacional dos Industriais Gráficos entregou hoje na sede da Corporação da Imprensa e Artes Gráficas a exposição, a propósito do Código do Imposto de Transacções, que a seguir transcrevemos:

«Traz-nos á presença de V. Ex.ª a transmissão dos alarmes por parte de toda a industria gráfica acerca do Decreto n.º 47 066 respeitante ao Código do Imposto de Transacções que deverá entrar em vigor em 1 de Agosto próximo.

As cartas que temos recebido dos nossos agremiados e os sucessivos telefonemas atendidos, deixam transparecer a completa impossibilidade de se poder cumprir o que determina o referido decreto.

Na realidade, não vê a direcção deste Grémio — sempre animada do melhor espírito de colaboração com o Governo da nação — nenhuma possibilidade de montar na pequena industria transformadora o sistema legislado de pagamento do Imposto sobre Transacções.

Só por desconhecimento dos pormenores como se processa a transformação dos papeis em impressos e da respectiva contabilização, se teria considerado a industria gráfica como transformadora, exigindo-lhe uma orgânica administrativa e contabilistica só possível a grandes empresas produtoras.

Cerca de 70 % dos industriais gráficos são casas pequenissimas sem qualquer espécie de «contrôle» nem possibilidades financeiras para montar a complexa máquina imposta pelo decreto n.º 47 066. Sucede ainda que analisando a lista de isenções na qual estão incluidos livros, revistas, publicações periodicas, material exclusivamente didáctico, todas as embalagens dos produtos isentos e ainda os fornecimentos para o estrangeiro e Ultramar, conclui-se que apenas 10 % da produção das actividades industriais abrangeidas por este Grémio são cativas de imposto. Quer isto dizer que os encargos com a escrituração, «contrôle» e pagamento do referido imposto são superiores ao montante do imposto arrecadado pelo Estado. Valerá a pena sacrificar uma industria a tal ponto? Para além disto não é possível, de qualquer forma, manter um ficheiro de existência devidamente correcto pois uma grande parte de papeis estão sujeitos a cortes que obrigam a muitas duplicações de formatos. Sucede ainda que muitos papeis são cortados para várias aplicações, subdivididos por artigos completamente diferentes dos que constam nas facturas de compra.

Damos um exemplo: cortam-se várias folhas de cartolina para confeccionar participações de casamento e cartões de visita. Seria indispensável dar saída da cartolina empregada e seguidamente dar entrada nos ficheiros dos cartões e participações executados. Mas logo de seguida pode ser necessário tarjar de luto uma parte destes cartões ou participações. Novamente será preciso dar saída destes cartões e participações em branco para dar entrada nas secções e participações de luto. Isto é uma pálida ideia das dificuldades a surgir e que demonstrá a impossibilidade de praticar o que foi legislado.

Outra dificuldade surge e também de difícil solução. Como conseguir de um momento para o outro fazer um inventário de toda a existência e dos trabalhos em execução?

Seria necessário que o decreto entrasse em vigor 5 ou 6 meses depois da sua publicação para dar tempo ao acabamento de tantos e tantos trabalhos que estão em curso ou orçamentados.

Como contabilizar o valor de tantas composições feitas, cuja impressão só se poderá fazer depois da entrada em vigor do decreto, e cujos preços foram feitos verbalmente ou mesmo por orçamento registado mas sem as formalidades exigidas na legislação?

Outro problema nos cumpre levantar e este de ordem financeira, cuja palavra para a maioria dos industriais gráficos significa apenas pobreza e sacrifício. Como pode o industrial fazer o depósito das taxas do Imposto de Transacções dentro dos prazos estabelecidos na Lei, se fazem os seus fornecimentos a longo prazo? Poderá retorquir-se que se exija dos clientes o pagamento a pronto. Mas como fazer esta exigência aos vários sectores do Estádo que são exactamente as entidades que mais demoram as liquidações?

Pedimos, sr. presidente, se digne, pelas razões apontadas, empregar os seus melhores esforços no sentido de isentar toda a produção desta indústria ou, pelo menos, prorrogar o prazo da entrada em vigor do decreto referido para que seja estudado mais ponderadamente e aventar-se a hipótese do imposto ser pago pelos importador e fabricante, até da que com taxas mais elevadas. De contrário, será o caos numa indústria que há tantos anos luta em vão pela sua sobrevivência.

Ousamos por isso rogar a intervenção de V. Ex.ª a favor desta classe que sempre, respeitosa e disciplinadamente acata todas as adversidades de ordem tributária, nunca baixando os braços em sinal de protesto, mas pelo contrário lutando sempre, ainda que amargamente, pelo pão de cada dia.»

Dizem os leitores...

(Continuação da 9.ª página)

poucas são as firmas que têm condições económicas para o poder fazer duma assentada e nenhumas são as firmas, no nosso ramo, apesar do seu tamanho, que puderam chegar ao ambicianodo ponto de Inventário Permanente o que, porém, não quer de forma alguma significar falta de progresso, ou falta de elementos na sua contabilidade que permita a técnicos ou peritos identificar o seu movimento.

Quer isto dizer que os milhares de artigos com que trabalhamos dificulta atingirmos esse ponto ideal, particularmente, para nós, grossistas, e quer isto dizer também das dificuldades que nos surgem, de inventariar, nesta ocasião, o «stock» Mas, veja-se a incongruência, nós por um lado lutamos pela actualização de métodos que nos conduzam a maior rentabilidade e o Governo, duma penada, *em que ao mesmo tempo nos pede colaboração pela sua incapacidade de fazer valer o unico sistema válido para tal imposto* — ao nível do retalhista e consequentemente do consumidor — *obriga-nos a um «Inventário Permanente» (todos nós o procuramos atingir, mas por sistemas arcaicos, indiscutivelmente anti-económicos* e improcessáveis na velocidade que os tempos actuais nos impõem para sobrevivermos. Temos milhares de artigos no nosso comércio, como instalar um inventário permanente com menos de 20 dias, sem pessoal?

Se necessitam da nossa colaboração, de acordo. Estamos de braços abertos para a dar, uma vez que reconheçamos nela a sobrevivência do nosso todo, mas que a peçam duma forma válida e não numa amálgama de registos, declarações, certificados, verbetes, mais numeros de ordem de registos a juntar aos numeros que tem por si mesma a facturação, impraticáveis em tão reduzido espaço de tempo e até de impossível sustentação, não só pela falta de pessoal como inclusive pelos métodos que pretendem fazer-nos seguir.

Porque não deixar que as alterações a fazer, morosas e de organização difícil e complexa se processem ordenadamente, sem prejuízos para o nosso trabalho?

E diz-se (8) ... *pela necessidade de se tornar tão simples quanto possível a prática de um imposto!* Simples para quem? Simplicidade teórica para o ou os redactores, possívelmente arredados de há muito da banca comercial, ou então, apenas ligados a firmas que pelas suas condições económicas ou ramos explorados podem enfrentar fácilmente as exigências formuladas.

Em que país se processa um imposto nos moldes deste? Não é com o mesmo nome, quero é dizer na forma, processos como pretendem fazê-lo vigorar.

Inclusivamente, o grossista faz de banqueiro, pois pagará ao Estado antes de receber e *se receber!* Não nos bastava já a onda de parasitários que a coberto das leis vigentes nos vai encharcando, como ainda temos de capitalizar o Estado, pagando um imposto que não nos é dirigido, mas ao consumidor, antes de o recebermos e sem sabermos se o recebemos, obrigando-nos para tal, uma vez que não fabricamos dinheiro, a ir procurá-lo aos comerciantes de tal produto que o racionam pela falta de garantia que os nossos créditos ou os nossos devedores, oferecem em face das leis que nos regem neste capítulo. (O célebre «Estatuto do Comerciante», não tornaria mais fácil a acção do Governo nos impostos indirectos?).

Não sou um homem de Letras e o que escrevo é simplesmente um desabafo de alguém que no momento actual se vê desesperadamente impotente para satisfazer as exigências que são feitas, pelas dificuldades que surgem no campo prático, e especialmente, por verificar a inutilidade prática de grande numero de obrigações impostas, pois que apenas acarretam trabalho e despesa para a economia das empresas.

Incapaz de conseguir resultados satisfatórios de fiscalização ao nível do consumidor, endossa-nos a tarefa, ao comerciante grossista, em vez de procurar um trabalho, uma colaboração equitativa, de todos; em vez de procurar remediar o mal que nos afecta pela raiz (condicionando o comércio) corta as folhas sãs como se estas, tiradas da árvore pudessem manter-se viçosas!...

Além da exigência injustificada e que apenas tem efeito de «papão» para os «meninos maus», que é a do inventário das mercadorias em existência, para os grossistas pois qeu em nada aftcaria a receita a arrecadar pela D. G. C. I. (com ou sem inventário) surge outro, entre muitos outros pormenores a considerar e a rever, que é o caso do art.º 8.º Vejamos:

Dentro do mesmo ramo comercial, pelo menos no nosso (mas isto sucede em muitos mais ramos) há grossistas que praticam preços líquidos ao retalhista, outros que têm os seus preços sobrecarregados para concederem determinados descontos conduzindo ambos os casos a preços líquidos idênticos. Isto acontece, no nosso ramo, e principalmente entre os grossistas de Lisboa e do Porto. Os de cá, num grande numero de artigos que podemos considerar aos milhares, praticam preços com descontos, enquanto os de lá, Porto, praticam preços líquidos. O imposto a pagar (art.º 8.º) é sobre o preço ilíquido, isto equivale a dizer que o grossista do Sul vai ficar em desvantagem com os seus colegas do Norte e que o retalhista naturalmente procurará a melhor fonte. Como é que o Governo vai oficializar os preços e uniformizar situações destas? De quanto tempo necessitará? Poderá fazê-lo até ao próximo dia 1 de Agosto? Como é que o Governo vai ou é capaz de oficializar preços em milhares ou milhões de artigos comercializados em concorrência? Haverá viabilidade prática para tão justas intenções que se escrevem? Então um comerciante terá de se abandonar a tal situação e ver perder o esforço despendido em dezenas de anos de sacrifícios e de luta? Então a mesma mercadoria, comprada em Lisboa terá de custar ao retalhista mais 2,8% (caso dos 40% de desconto) do que comprada no Porto? Onde está a justiça de tal critério? Dir-se-á, *NÃO*, o Governo promoverá o necessário a uma uniformização do imposto e nós, os práticos, diremos, *COMO?* Se nós que estamos enfarinhados no meio, que lutamos esforçadamente por conhecer os preços da concorrência, para defesa dos nossos interesses directos e salvaguarda da nossa posição junto dos clientes não o conseguimos, como é que os funcionários da D. G. C. I., que apenas defendem um ordenado, sem qualquer incentivo, vão conseguir o que nós não conseguimos?

Será isto viável na prática? É evidente, a quem tenha dez reis de senso, que não. Enfim, vivemos num «jardim á baira-mar plantado» e como tal temos o direito de sonhar, de aspirar o perfume das flores, de apanharmos a brisa fresca do mar, inventar anedotas enquanto que os outros membros da comunidade europeia vão progredindo nas suas realidades frias, nos seus trabalhos objectivos, pois sabem que nas suas férias têm o perfume do nosso jardim, e a brisa fresca para repousarem das suas realidades!

Como bom português, para não fugir á regra, escrevi muito mais do que queria para dizer aquilo que outros, de sangue mais frio e mais realistas diriam em meia duzia de linhas e mais objectivamente, mas como o que pretendo, ou melhor, o que pretendemos, é pedir a colaboração da Imprensa, dos letrados, dos técnicos, dos economistas, dos peritos, *para suster a tempo uma ideia certa*, mas pouco prática pela forma como se pretende realizar, cremos que estamos perdoados pela rectórica e que o nosso grito de alarme encontrará eco e a necessária, para não dizer indispensável, adesão dos colaboradores de V., sempre prontos a quebrar lanças pelas causas justas, especialmente quando elas visam a defesa de interesses gerais, de todos os portugueses, porque afinal o nosso País pede sacrifícios ou precisa de sacrifícios, é de todos nós e não apenas de uma parte, ou não seremos todos filhos!».

O dr. Fernando Real vai prestar provas de professor agregado da Faculdade de Ciências

Começam no próximo dia 1 de Agosto, na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, prolongando-se até ao dia 30 do mesmo mês, as provas públicas de professor agregado de Mineralogia e Geologia (1.º Grupo da 3.ª Secção) daquele estabelecimento de ensino superior, requeridas pelo sr. dr. Fernando Nunes Ferreira Real.

O júri é presidido pelo reitor da Universidade Clássica sr. prof. José Sarmento, e constituído pelos srs. profs. João Carrington da Costa, professor aposentado da Universidade do Porto; João Manuel Cotelo Neiva, da Universidade de Coimbra; Domingos José Rosas da Silva e Miguel Montenegro de Andrade, da Universidade do Porto, e por todos os professores catedráticos, em exercício, da Faculdade de Ciências de Lisboa.

Exposição de arte infantil no Museu dos Condes de Castro Guimarães

Com a presença do presidente da Camara Municipal de Cascais e outras entidades oficiais, inaugura-se esta tarde, no Museu dos Condes de Castro Guimarães, uma exposição de trabalhos de pintura, modelagem em barro, colagens e gravura em linóleo e vitral executados por crianças do Centro Infantil (3 aos 13 anos) que ali funciona com pleno êxito.

A exposição ficará patente ao publico por um período de 15 dias — excepto sábado e domingo devido ao Circuito Automobilístico de Cascais — com o seguinte horário: das 10 ás 12 e 30 e das 14 ás 17 horas.

Entretanto no Centro Infantil — Museu dos Condes de Castro Guimarães — aceitam-se inscrições de crianças de idades compreendidas nos limites acima referidos

Limite de emissão de novas moedas divisionárias

Os limites de emissão de algumas moedas divisionárias encontram-se práticamente atingidos — lê-se num decreto hoje publicado — sendo por isso oportuno proceder á sua elevação de modo a assegurar o desempenho da função económica que lhes compete.

As novas moedas a cunhar, para o preenchimento da margem de aumento agora autorizada, serão postas em circulação á medida das necessidades reveladas pela expansão do volume de transacções.

Os limites de emissão das moedas divisionárias de $10, $20, $50 e 1$00 são fixados, respectivamente, em 23 000 000$00, 25 000 000$00, 60 000 000$00 e 45 000 000$00.

SOREFAME

SOCIEDADES REUNIDAS DE FABRICAÇÕES METÁLICAS, S. A. R. L.

CAPITAL REALIZADO 160 000 000$00

Sede: Rua do Vice-Almirante João António de Azevedo Coutinho

AMADORA

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Avisam-se os Srs. Obrigacionistas de que no dia 29 do corrente mês de Julho, pelas 15 horas e 30 minutos, se procederá, na sede da empresa, ao 3.º sorteio do 1.º empréstimo de 5 por cento, 1960 - 1980, sendo sorteadas 718 obrigações, que serão amortizadas pelo seu valor nominal de 1000$00 cada uma, a partir do próximo dia 15 de Agosto de 1966, conforme o respectivo plano de amortização, publicado no «Diário do Governo» n.º 178, 3.ª Série, de 1 de Agosto de 1960.

Amadora, 4 de Julho de 1966

Pelo Conselho de Administração

António Miranda e Abreu Teixeira de Vasconcelos

HOOVER FRIGORÍFICOS

DELFIM

INFORMA TODOS OS EX.MOS CLIENTES QUE INAUGURA UMA SECÇÃO DE ARTESANATO NA RUA CASTILHO, 34.

Em CANAS DE SENHORIM o «DIARIO DE LISBOA» é vendido pelo sr. ABÍLIO MONTEIRO

DIÁRIO Escolar

INFORMAÇÕES COMENTÁRIOS

O QUE É A DISLEXIA — 3

Uma interpretação perceptiva — e a teoria gestaltista

Temos que, no prosseguimento da apreciação do problema das concepções associativas da leitura e na complexidade da teoria apontada ao nível da hipótese, lança-se, pois, numa interpretação «perceptiva» das dificuldades na leitura. Para ela, a percepção deve ser posta em causa. Estamos, de facto, perante uma concepção associacionista da leitura. Por consequência, ela conclui que a reeducação dos disléxicos deve consistir em «reforçar», por assim dizer, a percepção, apresentando ás crianças reeducadas quadros extremamente claros nos quais estejam inscritos as diferentes combinações de letras e emitindo, conjuntamente, os fonemas correspondentes, os quais devem ser acompanhados de gestos que ajudem estas crianças a articular os fonemas. Por exemplo: propõe mostrar á criança um quadro no qual se encontra inscrita a combinação CRA, fazendo-lhe perceber, auditivamente, os fonemas associados e excutar os gestos correspondentes. Um outro quadro propõe, ao contrário, a combinação CAR; e um outro, a combinação RAC. Existe, assim, uma progressão correspondente á dificuldade dos fonemas.

Esta teoria afirma, ao mesmo tempo, que este método associativo é o melhor para permitir a análise das palavras pressupostas pela aquisição da ortografia, portanto, a fazê-la adquirir, ao mesmo tempo. Há, pois, subjacente, uma teoria da origem dos erros de ortografia. Por detrás desta teoria, existe, evidentemente, uma concepção da leitura que aparece muito claramente. Segundo esta concepção a leitura não seria, decididamente, senão uma justaposição ultra-rápida de leitura á primeira vista de elementos. O conhecimento destes seria suficiente. Do mesmo modo que no cálculo, a criança deve conhecer, principalmente, as diferentes tabuadas da adição, da subtracção, da multiplicação, da divisão, etc., para poder, em seguida, associar, nas operações complexas, as mais simples que elas supõem; do mesmo modo, na leitura, o conhecimento dos elementos seria suficiente para permitir, depois, uma recombinação destes elementos entre eles e a leitura de todas as palavras possíveis.

● A teoria gestaltista

Esta teoria, muito racional, foi profundamente reposta em causa pelas investigações que se multiplicaram desde 1920, por outros autores americanos como Buswell, Woodworth, etc., sobre o acto da leitura.

Estes autores mostraram, com o auxílio do taquistoscópio, que uma pessoa qualquer, criança ou adulto, não se entrega de modo algum, quando lê, a uma leitura á primeira vista, mesmo ultra-rápida de elementos. Paradoxalmente, é preciso tanto tempo, digamos, por exemplo, 5/1000 de segundo, a uma criança para ler a letra M que lhe é apresentada como para ler a palavra *marca*. Inversamente, é-lhe preciso, para ler uma sucessão de letras que não constituem uma palavra, um tempo total que é igual, aproximadamente, á soma dos tempos necessários para ler as diferentes letras.

A leitura de uma palavra é, portanto, curiosamente, um acto no qual o todo é igual á parte. É, como dizem os autores citados, um acto «global», no qual a palavra é percebida como um todo e não como

(Continua na 23.ª página)

A Telescola terá este ano um novo horário

Na sede do Instituto de Meios Audio-Visuais de Ensino, na Rua Florbela Espanca, em Lisboa, continuam a ser recebidos, de todo o País requerimentos para a concessão de alvarás destinados á instalação de postos de recepção do Curso Unificado da Telescola.

As próximas emissões do Curso Unificado começarão todos os dias depois das 15 horas e, aos sábados, a partir das 13 horas. Cada lição terá entre 15 a 25 minutos de emissão, seguindo-se-lhe, normalmente, a respectiva exploração. Este ano, pela primeira vez, haverá lições intercaladas para o primeiro e para o segundo ano. Como se sabe a Telescola oferece possibilidades novas no domínio da educação facultando, ao fim de dois anos, a habilitação legal de acesso ao segundo ciclo dos liceus ou aos cursos de formação das escolas industriais e comerciais.

Este facto, aliado ao aliciante do ensino através dos «écrans» da TV, tem suscitado um grande movimento de interesse pela Telescola em todo o País

O prazo para a requisição de alvarás de postos de recepção e de diplomas de monitor vai até 31 do mês corrente.

O ponto de Língua e História Pátria do 2.º ciclo preparatório da segunda chamada

O facto de termos fortes motivos de divergência quanto ao ponto de Língua e História Pátria do ciclo preparatório da primeira chamada, coloca-nos em situação de pleno á-vontade para louvarmos o da segunda chamada. Embora o primeiro não fosse desprovido de alguns méritos, revelava graves deficiências.

O da segunda chamada, que surge muito mais equilibrado, escrito em linguagem clara, com inteligente aproveitamento do questionário interpretativo, revela um índice invejável. Que nos lembremos — não compulsámos todos os pontos de anos anteriores — é o de mais elevado nível, e a uma diferença abismal dos do ano lectivo de 1964-65. Quanto a nós, valorizar-se-ia se inquirisse mais dos assuntos próprias-mente de Língua — os fundamentais —, em detrimento dos de outra natureza. Saliente-se, neste aspecto, que, na segunda chamada, o questionário incidiu sobre factos históricos — e, como tal, reais — e não sobre ficções.

No ponto da primeira chamada notava-se um desequilíbrio entre aspectos nítidamente favoráveis e outros sujeitos a crítica, o que poderia despertar a impressão da existência de influências que teriam prejudicado a linha do autor; na segunda chamada, não: o ponto segue sempre a mesma directriz, com umas questões de mais elevado nível pedagógico do que outras, é certo, o que se explicará, se tivermos presente a natureza da matéria a inquirir.

Estas palavras de louvor, que gostosamente escrevemos, levam-nos a formular o voto de que os pontos futuros não se afastem da linha seguida desta vez. Naturalmenfe, se se passar a dar ao ciclo preparatório o papel que lhe cabe, ou seja, o de não forçar os alunos a transporem um grande, enorme salto, em relação ao grau de preparação dos cursos de formação, os pontos terão de aumentar de exigência, de forma a transmitir aos alunos o domínio básico da Língua, no aspecto ortográfico, de interpretação e de redacção que lhes facilite o aproveitamento futuro. Não será desnecessário acrescentar que a dificuldade não é, em si, meritória, e que não importa solicitar um grau de conhecimentos que transcenda a personalidade dos alunos.

● As facilidades excessivas

Até a necessidade de preparar homens, para conservarem e fazerem progredir uma nação, no momento em que a acção humana é o principal factor do progresso e da riqueza, não se concilia com facilidades excessivas. Estas, em vez de formarem cidadãos, deformam-nos, mesmo antes de o serem. Confundir a extrema facilidade com a submissão ás directrizes pedagógicas de base psicológica e científica, é subestimar a capacidade de valorização existente nas crianças, e interpretar, mui grosseiramente, o que não prescindia de uma reflexão mais cuidada, e mais arguta.

O caminho que se começou a trilhar este ano, em Língua e História Pátria, revela nítido progresso sobre o de anos anteriores. Atingiu o ponto mais alto, na segunda chamada. Oxalá seja um ponto de partida, não sujeito a recuos, e susceptível de progressos.

Antes de terminar, só queremos apresentar uma observação. É evidente que os pontos das primeira e segunda chamadas devem ser, tanto quanto possível, aproximados — quer nas directrizes pedagógicas nele implícitas, quer no seu grau de dificuldade. Mas, não sendo assim, a ter de se escolher entre dois pontos de diferente nível, naturalmente, e até por a esmagadora massa de alunos prestar, nos cursos dependentes da Direcção-Geral do Ensino Técnico Profissional, provas na primeira chamada, deveria escolher-se para esta o ponto mais bem elaborado. Desta vez, não sucedeu assim, o que se torna menos compreensível, na medida em que um ponto é nítidamente superior ao outro. A esta verificação, outro argumento há a acrescentar: quem escolheu os pontos revelou apreciável espírito pedagógico ao aceitar o ponto da segunda chamada.

Quer dos professores do ciclo, quer dos elementos (novos?) que apresentam novo discernimento na selecção dos pontos, muito há a esperar. Compete-lhes a árdua e valiosa missão de contribuir para uma patriótica tarefa: a de defesa e culto da Língua, uma das bases da independência de um país, nas dezenas de milhares de estudantes — 47 192 alunos em 1965-66, que frequentam o ciclo preparatório. — S

Em CANEÇAS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se nas agências dos srs. JOAQUIM JACINTO FRANCISCO • JOSÉ AUGUSTO DE MELO BROCHADO.

seja um senhorio despreocupado...

Os problemas ficam por nossa conta!

Avaliação de prédios • Cobrança de rendas • Pagamento de contribuições, impostos, seguros • Estudo, orçamentos, fiscalização e financiamento de obras.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

UM CASO ESPECIAL NA BANCA PORTUGUESA

ADMISSÃO AOS INSTITUTOS | INDUSTRIAL — COMERCIAL

EXTERNATO TÉCNICO PITAGORAS

PROFESSORES ESPECIALIZADOS — ENSINO EFICIENTE

Novas turmas em organização — Aulas diurnas e nocturnas

INSCRIÇÕES: R. Conde Redondo, 56-1.º Esq.º — Telef. 736380

EXAMES PARA AMANHÃ

Ensino Técnico

Exames de admissão

2.ª chamada

22 de Julho — Sexta-feira

Desenho — 9 horas (60 minutos)

Aritmética e Geometria — 10,30 h (60 minutos)

Externato D. Duarte

LICEAL: C de Férias

Início 1 de Julho

ADM.: Inst e Facul

Av Alvares Cabral, 32-2.º Dt (ao Rato) Tel. 687129

FRIGORÍFICOS

DESDE 1.850$00

A ESCOLHA PERTENCE-LHE A OFERTA É NOSSA...

BOSCH—FRIMATIC
FRIGECO—INDESIT
G.E.—KELVINATOR
PHILIPS—ZOPPAS
IGNIS—ETC.

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO ATÉ 36 MESES

QUALQUER MARCA OU MODELO QUE NOS COMPRAR PODERÁ FICAR-LHE INTEIRAMENTE GRÁTIS MEDIANTE O NOSSO SORTEIO MENSAL

SENSACIONAL CAMPANHA DA FRINEVE

A PRONTO OU EM PRESTAÇÕES VENDEMOS SEMPRE MAIS BARATO

CONSULTE-NOS E VERÁ!...

RUA CONDE REDONDO, 62-A — TELEFS. 47012-48125 — LISBOA

A FORJA?

Ver para crer...

NO PAVILHÃO INTERNACIONAL DA FEIRA POPULAR, poderá na prática ser comprovada por milhares de pessoas a ALTA RESISTÊNCIA dos Pavimentos Plásticos «VYNOLAY».

DUNLOP SEMTEX

SOAGE

Ap. 2136 **Telef. 49054**

LISBOA

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

AVISO

aos senhores consumidores de água

Por imperiosa necessidade de realização de trabalhos da Companhia das Águas de Lisboa no seu sistema abastecedor de Moscavide, avisam-se os senhores consumidores de que o fornecimento de água será interrompido das 22 horas do dia 21 ás 6 horas do dia 22.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Loures, 20 de Julho de 1966.

O Presidente do Conselho de Administração — *Joaquim Dias de Sousa Ribeiro.*

Domingo, 24 de Julho

EXCURSÃO DA C. P.

Para a excursão do próximo domingo, dia 24, a Figueira da Foz, Serra da Boa Viagem, Cabo Mondego e Buarcos a C. P. põe á disposição do Publico carruagens de 1.ª classe, com ar condicionado.

Preço, incluindo almoço e transporte por caminho de ferro e estrada	215$00
Lisboa a Figueira da Foz, e volta (só transporte em caminho de ferro)	100$00

Bilhetes á venda nas estações de Lisboa (Santa Apolónia) e Lisboa (Rossio), nas Agências de Viagens autorizadas ou na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro, em Lisboa.

laranja

Schweppes

AGUA TONICA • GINGER ALE • COLA DRINK • GASOSA

CAMINHOS DE FERRO

AMADORA

Comunica-nos a C. P. que a partir de 11 do corrente todas as estações de caminho de ferro despacham bagagens e mercadorias para Amadora-Central.

Por seu turno no Despacho Central instalado na referida localidade, na Rua D. Duarte n.º 152, expedem-se, igualmente, bagagens e mercadorias para qualquer estação de caminho de ferro ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

No seu próprio interesse não deixe de utilizar este serviço combinado.

A FORJA?

AOS QUE SE DESLOCAM EM AUTOMÓVEL A INGLATERRA

Travessia do Canal da Mancha

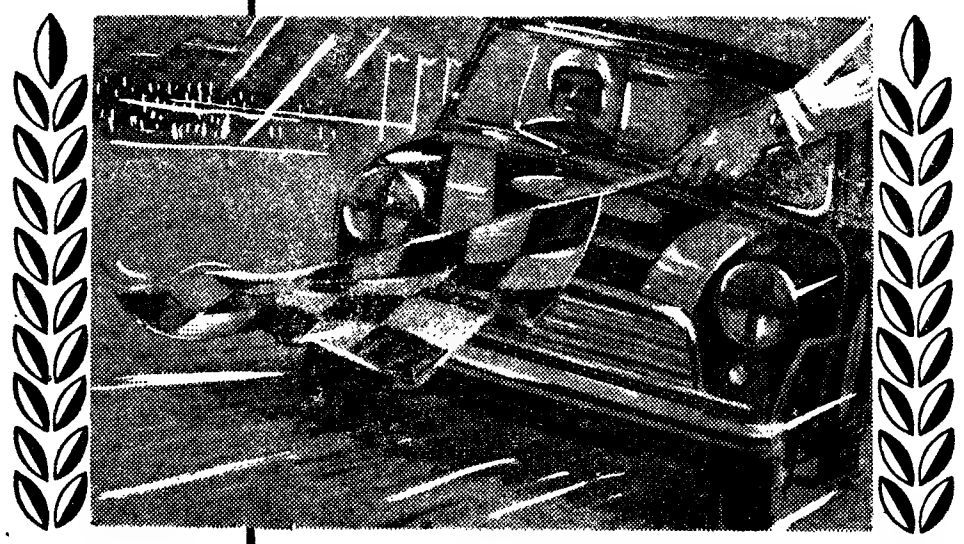
A C. P. informa que tem à disposição dos turistas nacionais e estrangeiros, que se desloquem à Inglaterra e desejem levar o seu carro, um novo serviço combinado para o transporte de automóveis através do Canal da Mancha.

Peça informações e folhetos no Serviço Comercial e do Tráfego (Santa Apolónia), nas Secções de Informações de Lisboa, Porto e Coimbra, nos Despachos Centrais dos Caminhos de Ferro, em Lisboa, ou consulte a sua agência de viagens ou Altomóvel Clube.

AUSTIN COOPER

CIRCUITO DE MONTES CLAROS

TURISMO 1300 c.c.



MAIS UM EXITO A QUE CONDUZIRAM A SEGURANÇA E ESTABILIDADE DADAS PELA EXCEPCIONAL CONCEPÇÃO TÉCNICA DO MINI AUSTIN

MAIS UMA VEZ A FRENTE *

CONDUTOR: MANUEL GIÃO

* CLASSIFICAÇÃO: AGUARDA HOMOLOGAÇÃO

DIST. GERAIS J. J. GONÇALVES SUCRS. LISBOA·PORTO

ÉVORA·BRAGA·SANTARÉM • AGENT. EM TODOS OS DISTRITOS

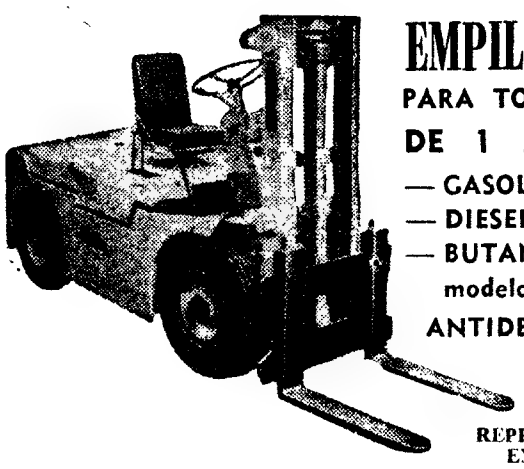
Em CAMARATE o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na PASTELARIA NEZITA.

†

Deolinda de Jesus Fernandes

AGRADECIMENTO

Felicidade Fernandes Alves e seu marido Manuel Alves Junior, Etelvina de Jesus Fernandes e mais família agradecem a todas as pessoas que de qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar pela perda da sua sempre querida mãe, sogra e parente.



EMPILHADORES

PARA TODOS OS FINS DE 1 A 5 TON.:

— GASOLINA

— DIESEL

— BUTANO PROPANO

modelos especiais

ANTIDEFLAGRANTES

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

ARMAX BAYIGNOLLES

MOTODIESEL, L.DA

R. São Paulo, 242-244

Telef. 323938 LISBOA

VEM A LISBOA

HOSPEDE-SE NA PENSÃO RESIDENCIAL

«BOM CONFORTO»

OS MAIS CONFORTÁVEIS APOSENTOS COM BANHOS PRIVATIVOS

R. Douradores, 83, 3.º, Dt.º — Telef. 34128

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30 e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras a partir das 20 horas.

Reportagem
do nosso enviado especial
FERNANDO SORO NHO

SÁBADO: PORTUGAL-COREIA DO NORTE
NUNS SENSACIONAIS QUARTOS-DE-FINAL

- **Outros jogos: Rússia-Hungria, Inglaterra-Argentina e Alemanha-Uruguai**

«Fúria» sem unhas...
num jogo de grande velocidade e de espírito combativo

MANCHESTER, 21 — (Por telex) — **Arrumada a questão do apuramento dos dois primeiros lugares do grupo três, resolvi dispensar o jogo Bulgária-Hungria e dar uma saltada a Birmingham, a segunda cidade da Grã-Bretanha, com mais de um milhão de habitantes, para presenciar outro embate maiusculo deste campeonato: Espanha-Alemanha Ocidental. Decisivo para os espanhóis — campeões da Europa — se lograssem a vitória.**

Não dei por mal recompensado o tempo perdido e o regresso a Manchester, ás duas da madrugada. Vi, na realidade, um excelente jogo de futebol, vibrátil, emotivo e disputado palmo a palmo, na base de elevado indice atlético. Vigor, entusiasmo e determinação em detrimento de adorno artistico. No fundo, dentes cerrados e alma até Almeida. Bom espectáculo que teve ainda uma magnifica arbitragem do brasileiro Armando Marques, cujos processos, de requinte teatral, destoam do estilo usado na Europa.

A fama do grupo alemão confirmou-se. Trata-se de um conjunto poderoso em que se aliam a pujança atlética, á execução táctica e o sentido prático da manobra. Bastante diferente do «onze» alemão que, em 1954, arrebatou, na Suiça, a Taça «Jules Rimet». Neste predominava a geometria ampla, ao jeito do processo então em vigor no futebol inglês, enquanto no actual nota-se a influência das características latinas, quer no espírito combativo, quer na ideia do «association» gizado em termos de ostensiva conjugação de esforços, sem atropelos. Uma equipa disciplinada, consciente.

Durante o remexido encontro não se verificaram soluções de continuidade, porque os espanhóis principiaram, arvorando o pendão da «furia» que, outrora, tanto celebrizou as suas representações futebolisticas. E assim se mantiveram no primeiro quarto de hora, só não marcando golo em virtude de não disporem de avançados acutilantes e rematadores.

Nas disputas do esférico, os espanhóis acusaram notório débito. Pareciam mais pequenos, de estatura, do que realmente são.

O campo de Aston Villa, cheio como um ovo e adornado de centenas de bandeiras empunhadas pelos adeptos dos dois países (as alemãs superavam, largamente, as espanholas), agitou-se com o ardoroso despique, matizado por correcção de assinalar.

Os espanhóis marcaram o seu golo aos 23 minutos. Foi seu autor Fuste. O tento interrompeu o crescendo dos alemães que prosseguiram na sua toada, todavia não absorvente. De parte a parte, a rapidez, o frenesi e o despêndio de energias prendiam a atenção dos espectadores. Finalmente, após lribar ter evitado dois golos, aconteceu o empate (1-1), com um tiro de invulgar violência, desferido de «ângulo impossivel», por Emmerich, extremo-esquerdo perigosissimo, muito prático.

(Continua na página seguinte

Manuel Afonso, Otto Glória Germano e José Augusto
em «espionagem pública»

MANCHESTER, 21 — (Por telex) — A fim de observarem o jogo Alemanha-Espanha, deslocaram-se, de automóvel, a Birmingham, quatro membros da delegação portuguesa: Manuel Afonso, Otto Glória, José Augusto e Germano. E ainda o dirigente Gomes da Silva.

Manuel da Luz Afonso e Otto Glória apreciaram o jogo, colhendo notas apropriadas que não revelaram. Contudo, disseram do seu agrado pelo espectáculo desenvolvido sobre o relvado do Aston Villa, salientando a resistência física dos alemães e a lucidez da sua manobra. Sobre os espanhóis apontaram a ausência de rematadores á altura das tradições do futebol do país vizinho.

Ontem, os jogadores, conforme noticiámos, tiveram «liberdade» á noite. Até á uma hora. Mas nem todos quiseram aproveitar a concessão. O que é sintomático...

Hoje, realizou-se um treino no campo de Cheadle Rovers. Participaram todos os jogadores, com excepção dos que acusam lesões.

TORRENTE DE ELOGIOS
AO «FUTEBOL CEREBRAL» PRATICADO PELOS LUSITANOS

MANCHESTER, 21 (Por telex) — **O estreante já não é estreante. Agora é favorito. Candidato sério á conquista da Taça «Jules Rimet». Dizem-no os «bookmakers», com as suas proporções, nas apostas mútuas. Dizem-no os criticos mais afamados de todo o Mundo que procuram, presentemente, os seus camaradas portugueses para saberem pormenores da nossa organização futebolística e relacionados com o «curriculum vitae» dos jogadores. Dizem-no os treinadores, de variados falares, que aqui vieram para actualizar conhecimentos (de compatriotas, por ora, só nos apercebemos da presença de Fernando Vaz, porque os outros já se devem considerar sábios...). E di-lo a proeza registada nos oitavos-de-final, onde não escaparam a derrotas expressivas a Hungria, a Bulgária e o Brasil, que regressa a casa completamente destroçado, levando bem gravada na memória a inolvidável lição que o «onze» de Portugal lhe proporcionou.**

O «Mundial» vai conhecer, a partir de sábado, outra fase. Distinta da anterior. Um só jogo (se o empate persistir no fim do tempo regulamentar recorrer-se-á a prolongamento) decidirá o destino de um dos contendores.

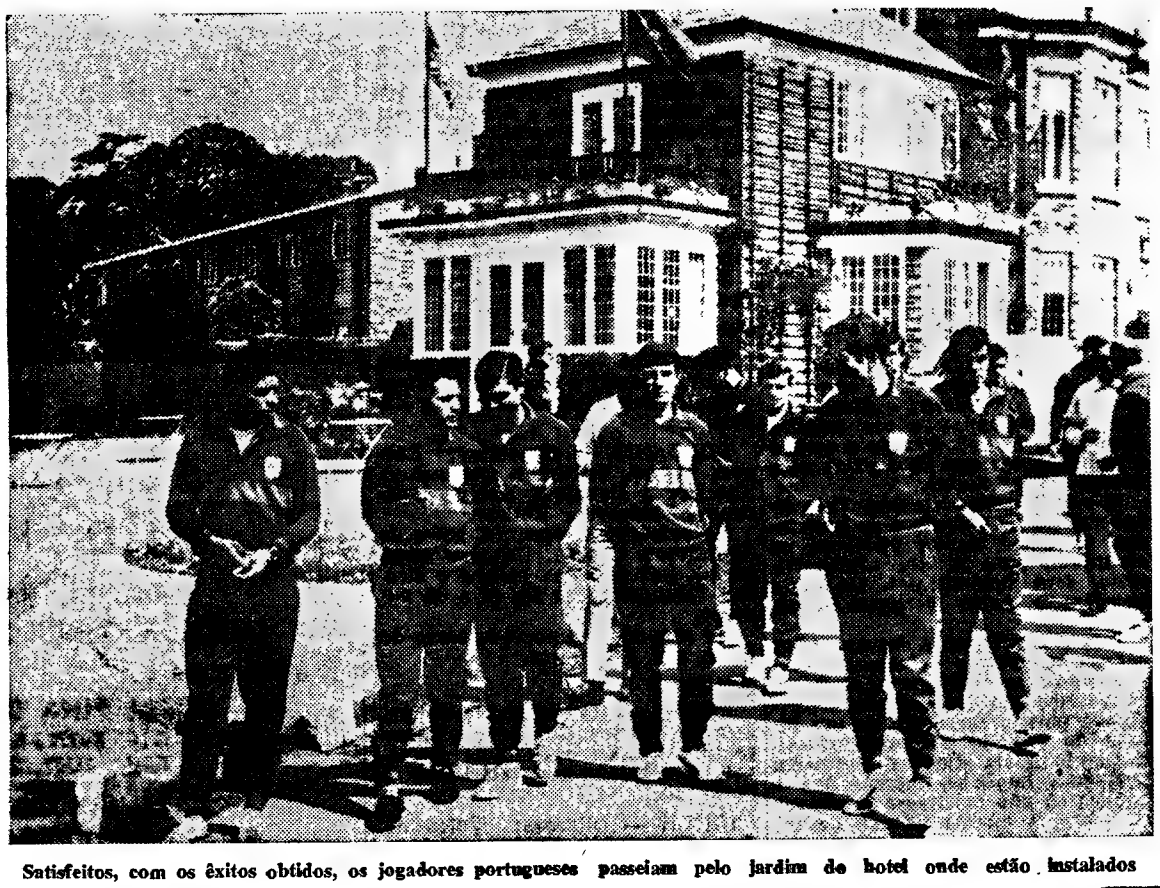
Numa rápida visão do que aconteceu desde o passado dia 11 até ontem, termo dos oitavos-de-final, em que sòmente Portugal e a Rússia ganharam todos os jogos, mas os portugueses creditaram-se com o impressionante «score» geral de 9-2. Nenhum outro dos finalistas marcou tantos golos.

No Grupo A, a Inglaterra refez-se do susto do primeiro jogo, em que empatou com o Uruguai. Nos seguintes (México e França) conseguiu dar boa conta de si. Cinco golos contra nenhum sofrido. E nenhuma derrota. O Uruguai classificou-se sem convencer. Diante dos mexicanos a sorte protegeu-o descaradamente. E decidia-se o 2.º lugar. Os franceses causaram profunda decepção.

No Grupo B, a Alemanha derrotou, expressivamente, a Suiça (5-0) para empatar com a Argentina e eliminar os espanhóis. Os argentinos ficaram no segundo lugar, com idêntico número de pontos (cinco) dos germânicos. A série reflectiu interesse.

No Grupo C, o mais categorizado,

(Continua na página seguinte)



Satisfeitos, com os êxitos obtidos, os jogadores portugueses passeiam pelo jardim do hotel onde estão instalados

A «CHAVE» DO TOTOBOLA

México-Uruguai	X
Argentina-Suiça	1
Portugal-Brasil	1
França-Inglaterra	2
Espanha-Alemanha	2
Hungria-Bulgária	1
Chile-Russia	2
Braga-Leixões	2
Ovarense-Sanjoanense	1
Casa Pia-Benfica	2
Almada-Olhanense	2
C. U. F.-Barreirense	2
Luso- C. Piedade	2

«FÚRIA» SEM UNHAS

(Continuação da pagina anterior)

O desdobramento do dispositivo táctico dos germânicos, que adoptaram o «ferrolho», com Schultz a agir como «libero», refinou-se graças á rapidez e constância de esforços de Beckenbauer e Overath no meio do campo. E, na segunda parte, continuou o renhido despique. Mas, do lado dos espanhóis, verificou-se outra desenvoltura, graças ao recuo de Fuste e adiantamento de Marcelino. O «afunilamento» do jogo e a carência de penetração adequada goraram situações credoras de melhor êxito. Acresce que a defesa alemã não era para brincadeiras. Parecia um batalhão de bombeiros a apagar o mínimo ameaço de fogo. Dificílimo de bater o reduto da retaguarda germânica. Só com habilidade subtil, enleamento e audácia, na penetração, se for executada por especialistas, é susceptível de fazer estremecer os defensores alemães.

As jogadas de melhor contextura pertenceram aos espanhóis. Simplesmente a ineficácia não convence. Em contrapartida, os alemães, mais económicos na sua intenção, lograram chegar ao triunfo, a seis minutos do termo. Mas, no lance, a defesa espanhola errou, traída pela velocidade diabólica do enlace. Seeler, um tipo de avançado que se não usa, atirou para a baliza como se estivesse a brincar.

Num jogo, que agradou, a Espanha confirmou a sua eliminação do torneio, mas lutou com a tenacidade e galhardia que afere os atletas que sentem a camisola agarrada ao corpo. Uma selecção de recurso que não desiludiu, a não ser na ausência de remate no precário povoamento da grande área contrária. Esclarece-se que os espanhóis adoptaram o «ferrolho», interpretando Zoco o papel de «libero». O sistema afigura-se errado, na fase inicial, isto é, quando os ibéricos procuraram, com ímpeto e alegria, o golo.

Além dos nomes já mencionados, salientaram-se Iribar, Sanchis, Fuste, Kramer e Weber.

No lado dos germânicos não há lugar para devaneios artísticos. Tudo neles reflecte eficiência ou deliberadas tentativas de a lograrem. Um «team» para respeitar. Que imprime ao jogo ritmo vivo e uniforme. Nitidamente incisivo.

Os espanhóis terão, finalmente, ficado cientes que as «vedetas» comprometeram a sua eliminação do «Mundial». Com os homens de ontem, imbuídos de idêntica determinação, o caso teria sido muito diferente. Nunca é tarde para se aprender.

TORRENTE DE ELOGIOS

(Continuação da pagina anterior)

as honras foram todas para Portugal. A Hungria, em segundo lugar, a dois pontos, colocou-se á frente do recepcionante Brasil (duas derrotas e uma vitória) e da Bulgária, que coleccionou três derrotas. A qualidade do futebol lusitano assinalou um dos momentos mais expressivos do campeonato.

No Grupo D verificou-se o inesperado, com a desclassificação da Itália, imposta por um estreante, a Coreia do Norte. O representante asiático começou com uma derrota (Rússia), a que se seguiu um empate (Chile) e, por fim, uma vitória (Itália). Progresso, portanto. A sensacional eliminação dos italianos será, por muito tempo ainda, o tema de acaloradas discussões. Em Itália ficou a perdurar um incomensurável desgosto.

No alinhamento de ideias, sugeridas por esta fase, terá que se apontar o seguinte:

1 — Qualidade nivelada do futebol português, de teor cerebral, servido por unidades de notório valimento.

2 — Pujança atlética da Alemanha, que forma um todo de significativa intencionalidade, visando a eficiência. Um estilo divergente do português, mas, de qualquer modo, digno de ser considerado.

3 — Uma grande exibição da Hungria contra o Brasil.

4 — Surpreendente comportamento dos coreanos do Norte, que lançaram o opróbrio no faustoso futebol italiano e sensacionalíssimo apuramento para os quartos-de-final de quem se supunha ser uma vítima de algozes implacáveis.

5 — Regularidade da Rússia, a ilustrar equilíbrio de factores, com realce para a capacidade física e acção colectiva.

6 — Afastamento de três dos quatro representantes latinos (Espanha, França e Itália) e estilhaçamento dos campeões do Mundo, para provocar uma crise interna de proporções gigantescas.

7 — Nível de arbitragens satisfatório.

8 — Comportamento correcto, para o que bastante contribuiram a campanha da F. I. F. A. e a compreensão dos treinadores e jogadores. Começou mal, mas depois tudo se recompôs.

9 — Dúvidas sobre a supremacia do futebol europeu, visto ainda se encontrarem em prova dois representantes sul-americanos (Uruguai e Argentina) contra cinco europeus (Portugal, Inglaterra, Alemanha, Hungria e Rússia) e um asiático (Coreia do Norte). Quanto a este, é a primeira vez que se verifica uma proeza de tal quilate.

10 — Perspectiva de uma fase final repleta de emoção e de incertezas. O factor «índice atlético», na arrancada para a taça «Jules Rimet», será fundamental. Os jogos sucedem-se numa vertigem alucinante.

Tem sido altamente desvanecedor, para nós, escutar referências elogiosas ao «team» de Portugal. Oxalá as mesmas não deslumbrem, contribuindo para a formação de um estado de espírito contraproducente. Enquanto havia dúvidas, o futebol português impôs-se, mesmo que o público se não mostrasse favorável. E, agora, a mesma atitude deverá manter-se para se lograr a confirmação que por todos os motivos é imperiosa.

Portugal
continua primeiro nas cotações do «Mundial»

LONDRES, 21 — (F. P.) — A cotação de Portugal, novo e grande favorito do Campeonato do Mundo, era, ontem á noite, para os «bookmakers» de Londres de 13 8. A Inglaterra, considerada favorita numero dois, foi para terceiro lugar, com 4/1, atrás da Hungria, que vai com 3/1. A Alemanha Ocidental, que é a quarta (com 7/1), precede a U. R. S. S. (10/1), Argentina (12/1), Uruguai (16/1) e Coreia do Norte (100/1).

JAIME GRAÇA E TORRES
não jogarão contra a Coreia?

MANCHESTER, 21 — (Por telex) — Uma notícia está a preocupar quantos vivem, aqui, em Inglaterra, os problemas da nossa selecção nacional. Trata-se das lesões de Jaime Graça e de Torres.

O setubalense tem a perna esquerda inchada, devido a um pontapé recebido no jogo contra os brasileiros e está a ser tratado pelo dr. Silva Rocha, no sentido de recuperar e poder, assim, alinhar contra os coreanos. Torres tem uma rotura parcial de ligamentos.

Espera-se que ambos os jogadores estejam aptos, no sábado. Caso contrário, entrarão Pinto e Figueiredo.

Insista sempre em...
Schweppes

Coluna em conversa amena com um guarda da polícia de Manchester

Números e nomes

Terminaram ontem os oitavos-de-final do Campeonato do Mundo, com os encontros da terceira jornada. Os resultados foram os seguintes:

GRUPO A
Inglaterra-França 2-0

GRUPO B
Alemanha-Espanha 2-1

GRUPO C
Hungria-Bulgária 3-1

GRUPO D
Russia-Chile 2-1

*

Alinharam e marcaram:

GRUPO A

INGLATERRA — Banks; Cohen, Wilson, Stiles e John; Charlton, Moore e Callaghan; Greaves, Bobby, Charlton, Hunt e Peters.

FRANÇA — Aubourn; Djorkaeff, Artelesa, Budzynski e Bosquier; Bonne e Herbin; Simon, Herbert, Gondet e Heusser.

Arbitro: Arturo Yamaski (Peru).

GRUPO B

ESPANHA — Iribar; Sanchis, Reija, Glaria e Fernandez; Zoco e Amancio; Rodriguez, Martinez, Fuste e Lapetra.

ALEMANA — Tillkowski; Hoetges, Schulz, Weber e Schnellinger; Beckenbauer e Overath; Kramer, Seller, Heller e Emmrich.

Arbitro: Armando Marques (Brasil).

No primeiro tempo: 1-1, golos de Fuste (Espanha) e Emmerich (Alemanha), aos 24 e 38 minutos.

No segundo tempo: 0-1, tento de Seeler, aos 37 minutos.

GRUPO C

HUNGRIA — Gelei; Kaposzta, Matrai, Meszoly e Szepesi; Mathesz e Sipos; Bené, Albert, Farkas e Rakos.

BULGÁRIA — Simeonov; Largov, Penev, Vutzov e Caganelov; Zhechev e Davidov; Kolev, Asparuhov, Yakimov e Kotkov.

No primeiro tempo: 2-1 golos de Asparuhov (Bulg.), Davidov (Bulgária), nas próprias balizas e Meszoli (Hungria) aos 15, 42 e 45 minutos.

No segundo tempo: 1-0, tento de Bené, aos 8 minutos.

GRUPO D

RUSSIA — Kavazashvili; Getmanov, Shesternev, Koreneev e Ostrovskiy; Voronin e Afemin; Metreveli, Serebrjannikov, Markarov e Porkujan.

CHILE — Olivares; Valentini, Cruz, Figueiroa e Villanueva; Marcos e Prieto; Araya, Landa, Yavar e Sanchez.

Arbitro: J. Adair (Irlanda do Norte).

No primeiro tempo: 1-1, golos de Porkujan (Russia) e Landa (Chile), aos 29 e 32 minutos.

No segundo tempo: 1-0, tento de Porkujan (Russia), aos 40 minutos.

CLASSIFICAÇÕES

GRUPO A

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
Inglaterra	3	2	1	—	4-0	5
Uruguai	3	1	2	—	2-1	4
México	3	—	2	1	1-3	2
França	3	—	1	2	2-5	1

Golos marcados: 9.

GRUPO B

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
Alemanha Oc.	3	2	1	—	7-1	5
Argentina	3	2	1	—	4-1	5
Espanha	3	1	—	2	4-5	2
Suíça	3	—	—	3	1-9	—

Golos marcados: 16.

GRUPO C

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
PORTUGAL	3	3	—	—	9-2	6
Hungria	3	2	—	1	7-5	4
Brasil	3	1	—	2	4-6	2
Bulgária	3	—	—	3	1-8	—

Golos marcados: 21.

GRUPO D

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
Rússia	3	3	—	—	6-1	6
Coreia do Norte ...	3	1	1	1	2-4	3
Itália	3	1	—	2	2-2	2
Chile	3	—	1	2	2-5	1

Golos marcados: 12.

Um astrólogo brasileiro
em maus lençóis...

SALVADOR (Estado da Baía), 21 — (F. P.) — Um grupo de fanáticos brasileiros de futebol quis, hoje, constranger um astrólogo local a matar-se, como tinha prometido fazer há alguns meses, se a equipa brasileira fosse batida no Campeonato do Mundo.

Nessa altura, a vitória do Brasil estava inscrita nos astros de forma legível.

Contudo, na véspera do jogo Brasil - Portugal, o astrólogo desapareceu, misteriosamente, e todos os esforços efectuados para o encontrar foram vãos até agora.

Junte-se com as pessoas de bom gosto...

Beba Whisky White Horse

IMPORTADO DIRECTAMENTE DA ORIGEM

AGENTES:

COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.
RUA DO BONJARDIM, 420 — PORTO
Telefs. 26562, 24943, 32228 e 35221

J. A. DA COSTA PINA, LDA.
RUA DO ALECRIM, 69 LISBOA
Telefs.: P. P. C. (4 linhas) 320031/4

DESPORTOS

Penafiel e Benfica

são finalistas da Taça «Ribeiro dos Reis»

Os vencedores dos quatro grupos da 1.ª fase do torneio da taça «Ribeiro dos Reis» estiveram ontem em acção, para disputarem as meias finais da prova, em campos neutros.

Águeda viu o Penafiel derrotar o Marinhense, por 4-0; Beja assistiu á vitória do Benfica sobre o Olhanense, por 5-2.

Triunfaram, realmente, os clubes que reuniam mais franco favoritismo, fundamentado no seu comportamento na fase inicial do torneio.

As marcas verificadas são convincentes quanto á superioridade das equipas vencedoras, que ao intervalo tinham já vantagem no marcador

*

O programa da ultima jornada da época de futebol de 1965-66 ficou, portanto, elaborado.

Marinhense e Olhanense defrontar-se-ão, com vista ao apuramento do 3.º lugar. Penafiel e Benfica disputarão o primeiro lugar, num jogo que oferece boas perspectivas.

Os dois encontros estão marcados para o campo da Tapadinha, ás 15 e 30 e 17 e 30.

JOSÉ MARIA

VAI SER OBJECTO DE SIGNIFICATIVA FESTA DE HOMENAGEM

No dia 28 de Agosto próximo, um grupo de amigos e admiradores promoverá, no estádio «Alfredo da Silva», uma significativa festa de homenagem ao valoroso guarda-redes da C. U. F., José Maria de Almeida Mendes, que ao longo de 16 anos de actividade tem grangeado fundas simpatias entre colegas de equipa e adversários.

José Maria nasceu no Estoril, em 25 de Novembro de 1933. Depois de represenatr o Estoril-Praia, ingressou no G. D. da C. U. F., chegando a ser suplente á selecção nacional, contra a Alemanha e a Jugoslávia.

Das comissões de honra e executiva da festa de homenagem ao correcto jogador fazem parte individualidades de muito relevo no clube fabril.

Portugal, 6 Inglaterra, 1

no «Europeu», de juniores em hóquei em patins

GIJON, 21. — (A. N. I.). — Começou ontem, á noite, a disputar-se, pela sétima vez, o Campeonato da Europa de hóquei em patins, de juniores.

No encontro de inauguração do torneio, a Alemanha venceu a Bélgica, por 10-1 (ao intervalo: 6-1).

Os golos dos germanicos foram marcados por Ehrhardt, Jex e Kipps, um de «penalty» (3 cada um); e Gaspar. Meulemans obteve o unico tento de resposta dos belgas.

Defrontaram-se, a seguir, Portugal e Inglaterra, triunfando os lusitanos por 6-1, com 2-0 na altura do descanso.

A Inglaterra jogou quase sempre á defesa e conseguiu evitar os ataques dos portugueses durante os primeiros momentos. Garrancho, porém, aos 10 e 13 minutos, pôde marcar dois tentos.

Na segunda parte, Casimiro fez um golo (5 minutos) e Garrancho completou a conta (2, 6 e 11 minutos).

Arbitrou o italiano Farneti e as equipas alinharam:

PORTUGAL — Saraiva, Casimiro, Garrancho, Soares, Jorge Vicente, Campos e Duarte.

INGLATERRA — Brown, Caldicott, Walters, Cubitt, Blay e Lee.

AS PROVAS DE SÁBADO NO CIRCUITO DE CASCAIS PRINCIPIAM ÀS 18 HORAS

A Comissão Desportiva do Automóvel Clube de Portugal não ficou indiferente á actuação dos portugueses no «Mundial» de futebol.

E considerando que no próximo sábado, ás 15 horas, se realiza o desafios dos quartos-de-final, em que participa a equipa nacional decidiu — e muito bem — que as provas de «Grande Turismo» (Taça «Câmara Municipal de Cascais») e da Fórmula V (Taça «Dr. Augusto Vaz») só principiem ás 18 e ás 19 e 15, respectivamente.

Armando Marques

(o brasileiro que ficou) deu «show» em Birmingham

MANCHESTER, 21 (por telex) — Magro, alto e elegante, Armando Marques goza da reputação de ser o melhor árbitro do Brasil. Conhecido também por ser de um rigor extremo pelo que se escuda na fiel interpretação das leis. São sempre faladas as discussões entre ele e Pelé. Este já foi expulso, pelo que se verificou uma «bronca» colossal que atingiu a própria vida privada de Armando Marques.

Pois este brasileiro, que permanece em Inglaterra, dirigiu o jogo Alemanha-Espanha, considerado como difícil. Trabalho excelente, empanado apenas por uma grande penalidade, perdoada aos espanhóis.

Impressionaram os gestos teatrais do árbitro brasileiro. Erecto, mexia a mão para afastar ou chamar junto de si um jogador. Persuasivo. O público riu e, depois, aceitou essa espécie de autoridade.

Conhecedor de todas as manhas dos jogadores rectificou a posição da bola, quando virava as costas e o jogador a mudava de sítio. Frequentemente, apontava para o seu blusão para significar que a autoridade em campo era ele. E os jogadores calavam-se...

Armando Marques revelou-se também um autêntico atleta. Muito correu E fê-lo, invariávelmente, para estar dentro das jogadas para assim julgar com perfeito conhecimento de causa.

Teve sempre na mão os jogadores.

Triunfo tranquilo da Hungria sobre a selecção búlgara

MANCHESTER, 21 — (Por telex) — Num jogo, que acabou por ser monótono, a Hungria avérbou a vitória que se previa, deixando assim, de fora, definitivamente, a equipa do Brasil. Os bulgaros começaram da melhor maneira e pareciam quererem apagar as fracas exibições que vinham a fazer. Mas foi sol de pouca dura. A Hungria acabou impondo o seu jogo e, marcando três vezes contra uma, pôde eliminar duas equipas, de uma só vez.

Quando, aos 14 minutos, Asparuhov recebeu a bola, com a defesa hungara muito adiantada, fintou o guarda-redes, um defesa e marcou o golo que viria a ser o ponto de honra da sua equipa, já Yakimov havia atirado uma bola á trave. Pouco depois, foram os hungaros que, por intermédio de Albert e de Rakosi, perderam oportunidades de marcar. E só conseguem marcar quando Davidov, ao pretender aliviar uma bola, a introduziu na sua própria baliza, quando já iam decorridos 42 minutos. E, dois minutos depois, desempatou a partida por intermédio de Meszoly, que recolheu a bola de um canto e, á entrada da grande área, rematou, violentamente, tornando improfícua a estirada de Simeonov. Depois do intervalo, os hungaros marcam apenas mais uma vez por Bené que, de cabeça, aproveitou um canto marcado por Rakosi, havia apenas 8 minutos de jogo.

O jogo arrastou-se com as duas equipas plenamente conformadas com o resultado, até que o árbitro deu o apito final.

A Hungria começou nitidamente, mal. A sua defesa não se entendia, o seu meio-campo não existia e a sua linha avançada complicava demasiadamente as pouquíssimas, jogadas, que fazia. Com a subida de Albert, talvez devido a quebra física do seu mais directo marcador, Zhecnev, a equipa melhorou sensívelmente, acabando o jogo em esplêndido plano.

A Bulgária, ao contrário, começou muitíssimo bem. Fazendo correr a bola, desmarcando-se muito a propósito e procurando rematar. Yakimov, um dos motores da equipa, soltava a bola e procurava criar situações de perigo por intermédio dos seus pontas de lança, Asparuhov e Kotkov. Mas a má preparação física veio á superfície e a equipa afundou-se, entregando-se positivamente e permitindo, aos hungaros, acabar em jeito de treino.

Na equipa hungara, assinala-se a boa exibição de Bené, um avançado perigosíssimo; de Kaposzta, que apoia muito bem o seu ataque, e de Rakosi. Na equipa bulgara, Yakimov, quando o deseja joga bem. E, ontem, quis jogar. O defesa Largôv, também, muito bem.

A arbitragem do argentino R. Goicoechea bastante boa com o defeito sómente de não interromper o jogo por causa de um jogador hungaro que caíu magoado, na grande área bulgara, e que teve que sair, atravessando o campo ao pé coxinho.

Assistiu ao encontro o ministro dos Desportos, da Inglaterra, Denis Howells que, antes de se iniciar o encontro, foi apresentado aos jogadores de ambas as equipas, tendo sido acompanhado por Matt Busby, «manager» do Manchester United.

E a equipa do Brasil vai-se embora...

A equipa do Brasil, que a Londres chegou acompanhada de enorme «claque» e que esperava ganhar o seu «tri», parte, hoje, de Liverpool, com destino ao Brasil.

Desde o início, da sua preparação, que a Imprensa brasileira não concordou com a convocação de diversos elementos. Mas os elementos da comissão técnica, ao contrário do que fizeram nos outros campeonatos, não deram ouvidos e o resultado viu-se. Elementos, como Carlos Alberto, como Djalma e Coutinho dizem ter mais categoria internacional do que os que vieram.

E os erros tácticos, acumulados ao longo destes 109 dias, terão que ser explicados...

Opinião de um europeu residente no Brasil e dirigente desportivo

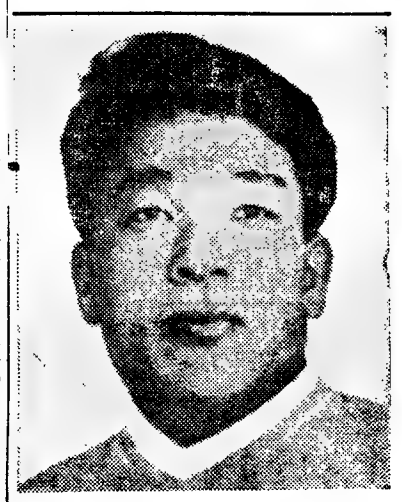
Um dos componentes da comissão técnica da equipa do Brasil é um sueco, Gunnar Boransson, estabelecido há dez anos naquele país, onde desempenha as funções de director da «Facit», fábrica de máquinas de calcular e que é director do Flamengo, do Rio, é também vice-presidente do Flamengo.

Este europeu, sendo ouvido acerca da equipa do Brasil que acompanhou agora como director, disse:

«Nós não podemos jogar nunca mais este futebol a passo. Temos que começar a jogar um futebol muito mais rápido. Toda a gente compreende o estilo do Brasil e sabe como contrariá-lo. E outras equipas estão jogando muito mais rápido que nós».

E acrescentou:

«É muito desanimador. Pensámos que podíamos, pelo menos, chegar aos quartos, ou meias finais. Mas nunca nos passou pela cabeça que batessemos Portugal, por margem de três golos, ainda que Pelé estivesse em condições, durante todo o jogo. É-me muito difícil explicar como vai ser tomada esta nossa classificação no Brasil. Lá, vivem para o futebol e acostumaram-se a que vencessemos, sempre, durante estes ultimos oito anos».



Pak Doo Ik, autor do golo dos coreanos, que eliminou a Itália

MARCADORES

EUSÉBIO

COM TRÊS GOLOS IGUAL A ARTIME, BENÉ E HUNT

Marcaram os 58 tentos dos 24 prélios da primeira fase do Campeonato Mundial de Futebol:

ARTIME (Argentina)	3
BENÉ (Hungria)	3
EUSÉBIO (Portugal)	3
HUNT (Inglaterra)	3
BECKNBAUER (Alemanha)	2
HALLER (Alemanha)	2
JOSÉ AUGUSTO (Portugal)	2
MALOFEEV (Russia)	2
MARCOS (Chile)	2
MESZOLY (Hungria)	2
PORKUJAN (Russia)	2
TORRES (Portugal)	2

UM GOLO (30) — Amancio, Fuste, Pirri e Sanchez (Espanha); Asparoukhov (Bulgária); Banishevski e Tchislenko (Russia); Barison e Mazzola (Itália); Bobby Charlton (Inglaterra); Borja (México); Coungoing e Hausser (França); Cortez e Rocha (Uruguai); Emmerich Held e Seeler (Alemanha); Simões (Portugal); Farkas (Hungria); Garrincha, Pelé, Rildo e Tostão (Brasil); Onega (Argentina); Pak Doo e Pak Seung Zin (Coreia) e Quentin (Suíca). Na própria baliza: Davidon e Vutzov (Bulgária) — para Portugal e Hungria.

Apuradas em seniores as equipas para a fase seguinte do nacional de handebol de sete

Disputou-se ontem á noite a penultima jornada da 1.ª fase dos campeonatos nacionais de handebol de sete, com os resultados seguintes:

SENIORES	
F. C. Porto - Sp Braga ..	30- 7
A. Recreio - Padroense ...	17-13
Salgueiros - Sr.ª Hora ...	3- 6
Alvareses - Paramos	23-20
Reg. Agrícolas-Sp Régua	v.-f.c.
Vitória - Almada	15-13
Sporting - C. Ourique ...	20-18
Benfica - Com. Industria	34-17
JUNIORES	
F. C. Porto - Sp. Braga ..	21- 6
V. Guimarães-Padroense	11-14
Vit. Setubal - Almada ...	17- 7
Sporting - Belenenses ...	17-11
Benfica - Naval	17-13

Com estes resultados conhecem-se já todos os apurados para a fase seguinte, na categoria principal: F. C. Porto, Senhora da Hora e Paramos, que formarão a Zona Norte, e Sporting, Benfica e Salatinas, a Zona Sul.

Em juniores estão já apurados os campeões das zonas: F. C. Porto (Norte), Beira-Mar (Centro) e Sporting (Sul).

Os respectivos sorteios realizam-se esta noite na sede da F. P. H.

OS «LUSO-BRASILEIROS» EM MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 21 — (F. P.) — O governador-geral de Moçambique inaugurou, ontem, pela manhã, os Jogos Luso-Brasileiros, diante de uma assistência entusiasta, que aclamou vibrantemente os atletas dos dois países.

O antigo atleta, nascido na Guiné portuguesa, Gentil dos Santos, que participou como «sprinter» nas olimpíadas de Paris, em 1924, leu uma mensagem de boas-vindas.

James Bond em Manchester

MANCHESTER, 19 — Não se trata de um filme de James Bond, mas, sim, do James Bond, em pessoa. Melhor, de Sean Connery, o famoso actor inglês que personifica no cinema o «agente secreto» criado pelo novelista Ian Flemming.

Pois Sean (James) Connery (Bond) esteve em Manchester, integrado no elenco da companhia teatral que representou Marni — uma peça imprópria para menores de 16 anos.

Estamos em crer, porque o não lobrigámos, que James Bond também foi ao «Mundial». E' que ele é fervoroso adepto da bola... — F. S.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

Silva (Brasil) fracturou duas costelas

O avançado Silva (Flamengo), que alinhou contra Portugal, está com duas costelas fracturadas. Diz-se que a lesão foi causada num choque com José Pereira, que do lance saiu contundido no rosto.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇOES DE CONSULTA QUOTIDIANA

Programa da Rádio

EMISSORA — 1.ª **programa** — 451 m — 665 kc/s — Às 8: Noticiário; 18 e 10: Danças; 18 e 35. Rádio Mocidade; 19: Noticiário regional; 9 e 15: Instrumentistas; 19 e 25: A ciência e o homem. 19 e 45: Um programa de variedades realizado em Ofir; 20 e 30: Diário sonoro — Boletim meteorológico; 21: Bailarico; 21 e 20: 13.º episódio do folhetim «Exodus»; 21 e 40: Musica brasileira; 22: Ontem e hoje; 22 e 30: Noticiário — Boletim meteorológico; 22 e 40: Espectáculo, magazine de teatro e cinema; 0: Noticiário; 0 e 50: Ultimas notícias, 1: Fecho.

A FORJA?

LIMPEZA E RESTAURO DE CARPETES

V. Ex.ª vai para fora? Aproveite a oportunidade para mandar limpar restaurar ou tingir as suas tapeçarias. Consulte os serviços técnicos da **FÁBRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO**. Pedidos aos escritórios: Rua Conde de Redondo, 64, 2.º, dir. Tel. 59288

Orçamentos grátis

VIAGENS AO ESTRANGEIRO

Para as suas viagens á Europa utilize as excursões individuais organizadas pela C. P., com todas as despesas incluídas.

Peça a respectiva brochura ao Serviço Comercial e do Tráfego, nas Secções de Informações e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro, em Lisboa.

†

RENATO CASEIRO BARATA

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Maria Luísa Lopes de Aboim Inglez Barata, seus filhos, genro, noras, netos, irmãs, cunhados e mais família, participam que amanhã, dia 22, pelas 19,15 horas, no Altar-Mor da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, será rezada Missa pelo eterno descanso do seu querido Marido, Pai, Sogro, Avô, Irmão, Cunhado e Parente, agradecendo desde já às pessoas que se dignarem assistir ao piedoso acto, assim como às que de qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar e a quem por desconhecimento de moradas o não fizeram directamente.

P. N. A. M.

A FORJA?

2.º programa — 397 m — 755 kc/s — Às 18. Que quer ouvir?; 18 e 40: Musica sinfónica; 20: Noticiário — Boletim meteorológico; 20 e 15: A ópera em dois actos «A Medium»; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

3.º programa — 94,3 m — Às 23: Obras de Charles Chaynes; 23 e 32: Musica de camara; 23 e 58: Musica de piano; 0 e 20: Musica coral sinfónica; 0 e 50: Ultimas notícias; 1: Fecho

RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS — 290,1 m — 1034 kc/s — Às 17: Noticiário; 17 e 2: Bossa nova; 17 e 15: Campeão português; 17 e 30: Cartas ao sr produtor; 17 e 45: Ela e o seu mundo — SEQUÊNCIA 18: 18: Histórias da tia Joaninha; 18 e 15: Clube das Donas de Casa; 19: Noticiário; 19 e 15: Nó mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-jornal; 20: Noticiário; 20 e 15: Ribalta — QUADRANTE 2-9-0; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Conjuntos vocais; 21: Noticiário; 21 e 8: Um conjunto; 21 e 15: Rádio motorismo; 21 e 30: Variando para agradar; 22: Noticiário; 22 e 2: Composições de...; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23: Noticiário; 23 e 5: Grande roda; 0 e 2: Meia-Noite; 3 e 2: Sintonia-63; 6 e 2: Desculpe, mas iá são horas

Modulação de frequência — 90,7 mc/s — Às 17: Noticiário; 17 e 50: O nosso programa; 19: Noticiário; 19 e 14: Em órbita; 20: Noticiário; 20 e 52: Boa noite em FM; 21: Noticiário; 22: Noticiário; 22 e 2: Programa á Gô-Gô; 23: Noticiário; 23 e 5: Grande roda; 0 e 2: A noite é Vaga; 1 e 3: Fecho

Emissor do Norte — 383,7 m — 782 kc/s — Às 17: Noticiário; 17 e 2: Clube do Disco; 17 e 46: À procura de um nome — PROGRAMA, 18; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19: Noticiária; 19 e 2: ...dirige o ritmo; 19 e 15: Vozes de Paris; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Melodias para si — PROGRAMA PARA TODOS; 20: Noticiário; 20 e 3: Rádio placard; 20 e 17: Variedades; 20 e 45: Os nossos artistas; 21: Noticiário; 21 e 8: Orquestra; 21 e 15: Hoje é vedeta; 21 e 30: Apenas musica; 21 e 45: Desfile de estrelas; 22: Noticiário; 22 e 2: Bossa nova; 22 e 15: Ele e ela 22 e 30: Conjuntos de ritmo; 22 e 45: O fado na voz de...; 23: Noticiário, 23 e 5: Clube da Juventude: 0 e 2: Meia-Noite; 2: Fecho

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 18: Conjuntos modernos; 18 e 25: Boletim religioso; 18 e 20: Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 5: C. C. C igual a C. C. C.; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: Variedades; 20: Sinfonia da vida; 20 e 15: Musica para o seu jantar. 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Sucessos musicais; 21 e 30: Musica portuguesa; 21 e 45: O conjunto de Beach Boys; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Musica escolhida; 22 e 45: Noite e ritmo; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

Estação do Porto — 256 m — 1169 kc/s — Às 18: Uma orquestra; 18 e 15: Noticiário regional e boletins de fimes e religioso; 18 e 30: Terço da basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 5: Musica seleccionada; 19 e 25: Publicações recebidas e boletins de filmes; 19 e 30: Variedades; 20: Musica e acaso; 20 e 15: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Musaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A musica é boa companhia; 22 e 30: Musica escolhida; 22 e 45: Noite e ritmo; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

RADIO UNIVERSIDADE — 397 m — 755 kc/s — Às 17: Abertura; 17 e 5: Rumo ao futuro; 17 e 15: Separador; 17 e 20: Musica do século XX ou concerto; 17 e 45: Noticiário; 17 e 55: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — 188 m — 1594 kc/s (99,4 mc/s) — Das 17 e 30 ás 19: Clube Radiofónico de Portugal; 19 ás 22: Rádio Graça; 22 ás 2: Rádio Peninsular.

Programa da TV

HOJE — Às 19 e 30, Abertura; 19 e 32, Telejornal — edição da tarde; 19 e 45, Fury; 20 e 10, Nós as Mulheres; 20 e 40, Carta de Espanha; 21, Telejornal — edição da noite; 21 e 35, Boletim Meteorológico; 21 e 45, Agenda da Praça; 22, Cornida TV; 0 e 5, Telejornal — ultimas notícias; 0 e 10, Meditação; 0 e 15, Fecho.

AMANHÃ — Às 19 e 30, Abertura; 19 e 32, Telejornal — edição da tarde; 19 e 45, Vigilantes da Floresta; 20 e 15, Homens e Aviões — programa de divulgação aeronáutica; 21, Telejornal — edição da noite; 21 e 30, Boletim meteorológico; 21 e 35, Agenda da Praça; 21 e 40, Sangue na Estrada; 22, Concurso «Dize Tu, Direi Eu!»; 22 e 35, Mister Solo; 23 e 30, Jogos Luso-Brasileiros; 23 e 50, Telejornal — ultimas notícias; 23 e 55, Meditação; e 0, Fecho.

Serviços urgentes

Teletones

BOMBEIROS — Sapadores, 322222 ✲ **Voluntários**, 538524

AGUA, GÁS E ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas, 361353 ✲ **Companhias Reunidas**, 537021 ✲ **Gazcidla**, 538821 ✲ **Gazcidla** (dom e feriados), 382069.

POLICIA E G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ✲ **Segurança Pública**, 366141 ✲ **Judiciária**, 735380 ✲ **Marítima**, 326456 ✲ **Internacional**, 362721 ✲ **Viação e Trânsito**, 42205 ✲ **G. N. R. (área rural)**, 36865).

SAUDE — Cruz Vermelha, 665342 ✲ **Entermagem permanente**, 766161 ✲ **Entermagem de urgência**, 43738 ✲ **Hospital de Santa Maria**, 775171 ✲ **Hospital de S. José**, 860131 ✲ **Sangue, oxigénio e soro**, 771161 ✲ **Transfusões, soros e oxigénio**, 538524.

TRANSPORTES — Aeroporto, 721101 ✲ **Caminhos de ferro (C. P.)**, 869029 ✲ ✲ **Caminhos de ferro (Estoril)**, 361121 ✲ **Estação Fluvial (T. Paço)** 325345 ✲ **Estação Mar. de Alcântara**, 663195 ✲ **Estação Marítima da Rocha**, 672445 ✲ **Estação Fluvial (Belem)**, 638531

Farmácias de serviço

● Em Lisboa — Turno J

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parênteses)

AJUDA — Mendes Gomes, Calçada da Ajuda 222 (638256 ✲ **Tapada, Ld.ª**, Calç. da Tapada, 83-A (634721).
ALCÂNTARA — Nogueira, Rua de Alcântara, 5-A (637563).
ALMIRANTE REIS — Antolin, Ld.ª, Av Almirante Reis, 88-B-C (44173) ✲ **Magalhães**, Av. Almirante Reis, 4-D e 4-F (49479)
ALTO DO PINA — Pais, R. Abade de Faria, 22-A-B (723965).
ALVALADE — Líbia, Av da Igreja, 4-B-C (711681) ✲ **Marbel**, Av de Roma, 131-A (776335) ✲ **Celta**, R. Moura Girão, 3-B (710621).
AMOREIRAS — Amoreiras, Praç das Aguas Livres, 8-D (681515).
AREEIRO — Lusitana, Av de Roma, 18-A (725443) ✲ **Chinde**, R. Agostinho Lourenço 6-B (710331).
AVENIDAS NOVAS — Providência, R. D Filipa de Vilhena, 9-C (710324) ✲ **Sá da Bandeira**, Rua Marquês Sá da Bandeira 36 (41961) ✲ **Oliveira Viegas**, Rua Viriato, 29-29-A (48966) ✲ **Nova Iorque**, Aven dos Estados Unidos da América, 140-B (760658)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ziro, P das Casas Novas, lote 66, lojas esquerda e centro (388171).
BAIXA — Formosinho, Pr dos Restauradores, 18 (30921) ✲ **Normal**, Rua do Prata, 220 (321342)
BENFICA — Benfiluz, Est de Benfica, 444-A (782606) ✲ **Alegria**, Est de Benfica, 180-A-B (780511) ✲ **Progresso**, Rua A-da-Maia, 64-C (702226).
CAMÕES — Macedo, R. do Loreto, 71 (323631)
R. Ferreira Borges 30 (660955).
CAMPOLIDE — Ronil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (683438) ✲ **Zenet**, Rua A, 182, Bairro da Liberdade.
CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (53308)
CHARNECA — São Bartolomeu, Quinta dos Balsares de Baixo, Vila Paulo Jorge, 1 (790969)
ESTEFÂNIA — Délio, R. Açores, 22 (52388)
ESTRELA E LAPA — Neves, Suc., R da Bela Vista, á Lapa, 37 (661251)
GRAÇA — Almeida Dias, L. da Graça, 38-A-39 (862909) ✲ **Higiénica**, R. Heliodoro Salgado, 20-A (844361)
LUMIAR — Patuleia, Herdeiros, R do Lumiar 122-124 (790332) ✲ **Douro**, Al das Linhas de Torres, 93-A-B (791131)
OLIVAIS — Higiene, Rua B 4, lote 43 (Olivais Sul) (388026)
PALHAVÃ — Canto, Est das Laranjeiras, 202-B (780841).
PEDROUÇOS — Higiliux, R. de Pedrouços, 50-52 (610280)
PENHA DE FRANÇA — Dalton, Av Mouzinho de Albuquerque, R. S V (843571).
PICHELEIRA — Mariux, Calç. de Picheleira, 140-B-C (720703-728395)
REGO — Berne, Av de Berna, 44-A (773568).
SANTO AMARO — Botânica, R do Junqueira, 38-40 (638132)
S. BENTO — Micael, R. de S Bento, 380-382 (662162) ✲ **Açoreana**, Largo do Conde Barão, 2 (661330).
ST.ª MARTA — Morais Sarmento, R. Santa Marta, 15-A-B (46490).
DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — Madre de Deus, R do Margem, 15-B (382470) ✲ **Cruz de Malta**, L. do Chafariz de Dentro, 36 (866120) ✲ **Zema**, R. General Justiniano Padrel (á Calçado dos Barbadinhos), 21-A (832580).
Sé — Santa Luzia, Rua do Saudade (869831)

● Na Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel 234137)
ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Candido dos Reis, 30 (Tel 224020)
ALMADA — Galeno — R. Capitão Leitão, 85 (Tel. 2760565).
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Estrada Nacional, 174
BARREIRO — Higiénica — R. D. Manuel I, 178 (Tel. 2273217).
COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso — P. 5 de Outubro, 18 (Tel. 270254).
MOITA — Silva Rocha — P. da Republica, 16 (Tel 239029)
MONTIJO — Giraldes — R Almirante Reis, 45 (Tel. 230008)
SESIMBRA — Leão — Av Salazar (Tel. 229025)
SETÚBAL — Soromenho — P. Machado dos Santos (Tel. 22946), **Alice** — P. do Quebedo (Tel. 23743)
SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 51 (Tel 2218580)

● Na Linha de Sintra

AMADORA — Melo — P. D. João I-lote 146 — Bairro Janeiro (Tel. 931551); **Central** — Av Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210); **Igreja**, P. da Igreja, lote 2 (Tel. 937740).
DAMAIA — Lemos — R de Goa (Tel. 971121)
QUELUZ — Gil — Av Miguel Bombarda, 28 (Tel 950117); **Simões Lopes** — Av Elias Garcia, 51 (Tel. 950123)
CACÉM — Central — R Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS — Química — Est Mem Martins 285 (Tel 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456)
SINTRA — Misericórdia — L. Dr Gregório de Almeida, 2 (Tel 980391).
COLARES — Colares — Abreia (Tel. 299088)

● Na Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes — Av. Comb G. Guerra, 166 (Tel. 213953).
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel 242839).
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2420034).
OEIRAS — Godinho — R. Candido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)
PAREDE — Macau — R J. Elias Garcia, 62-B (Tel. 2471785).
ESTORIL — Ostende — R. de Espinho, 1 — Monte Estoril (Tel. 260391); **S. João** — Est. Nacional, 18 (Tel. 261186).
CASCAIS — Marginal — Av Marginal (Tel. 280078); **A. Costa** — R. Freitas Reis, 24-C (Tel 280214)

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE

Injecções — Tratamentos — Velas — Soros — Oxigénio — Camas articuladas — Ambulância

Telef PPC 76 61 61

MÉDICO PERMANENTE

CLÍNICA GERAL

CHAMADAS TELEFÓNICAS 76 61 46

CENTRO ENFERMAGEM DE URGÊNCIA SANTA MARTA

INJECÇÕES, TRATAMENTOS E VELAS, OXIGÉNIO, SOROS E CAMAS ARTICULADAS

Rua Conde Redondo, 56, 2.

Telef 43738

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efec	Compro	Vendo
Cons 4 3/4 % I. 10 ..	672$00	672$00	674$00
Cons 3 % I. 10	736$00	735$50	736$00
Cons 3 1/2 % I. 10 ...	852$00	851$00	852$00
Centenários 4 % 1940 ...	1.981$00	1.975$00	1.985$00
Obg Tes 4 1/2 % 942	—	1.006$00	—
Obg Tes. 4 1/2 % 1943	—	1.006$00	—
Obg Tes 4 1/2 % 1944	—	1.006$00	—
Externo 1.ª série	—	1.220$00	—
Externo 1.ª série car.	—	1.250$00	1.260$00
Externo 2.ª série	—	1.250$00	1.280$00
Externo 2.ª série car.	—	1.250$00	—
Externo 3.ª série	—	1.220$00	1.280$00
Externo 3.ª série car.	—	1.300$00	1.350$00
Cout 3.ª série 971	—	300$00	—
Obrigações			
Aguas Lisboa 5 %	—	—	—
Norte de Portugal 5 %...	—	101$00	—
Gás, Elect 3 3/4 %	—	900$00	—
Gás, Elect 4 %	870$00	—	870$00
Gás, Elect 4 1/2 %	930$00	—	930$00
Gás, Elect 5 %	965$00	960$00	970$00
U. E. P. 3 3/4 %	—	—	—
U. E. P. 4 % 945	—	86$00	89$00
U. E. P. 4 % 948	—	—	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	95$00
U. E. P. 5 % 1951	—	—	93$00
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—
Sonefe	—	780$00	—
H. do Douro	—	—	935$00
H. E. S. Estrela	—	—	—
C. P. 4 1/2 %	1.000$00	1.000$00	1.002$00
Metropolitano	992$00	990$00	992$00
TAP	—	—	1.000$00
Acções Bancos			
Alentejo	—	1.230$00	1.265$00
Angola	1.450$00	—	1.480$00
Espírito Santo	11.000$00	11.150$00	11.500$00
Lisboa & Açores	—	4.150$00	4.250$00
Portugal	—	—	—
Ultramarino	1.372$00	1.372$00	1.375$00
Agricultura	1.270$00	1.269$00	1.270$00
Crédito Predial	1.590$00	1.585$00	1.595$00
P. Atlântico	—	—	—
Totta Allança	—	—	—
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	300$00	345$00
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
Soberana	—	—	1.900$00
C.ªs Ultramarinas			
Ag. Cassequel	550$00	550$00	552$00
Ag. das Neves	—	—	—
Agricultura Colonial	—	—	—
Açúcar de Angola	805$00	—	—
Boror	—	135$00	—
Cabinda	—	22$00	25$00
Cadá	—	—	1.500$00
Com. do Búzi	70$50	70$50	72$00
Ilha do Príncipe	—	380$00	—
Incomati	—	—	800$00
Moçambique	62$50	62$50	65$00
Zambézia	44$00	44$00	45$00
Diamantes	1.073$00	1.074$00	1.075$00
Lobito	550$00	551$00	555$00

Comp.ªs diversas	Efect.	Compra	Venda
Cimentos Tejo	—	1.950$00	2.000$00
Cimentos Leiria	—	1.450$00	1.540$00
Industrial Allança	—	—	—
Portugal e Colónias	1.360$00	1.360$00	1.370$00
Nac de Navegação	—	—	1.040$00
Col de Navegação	—	—	590$00
Port de Celulose.....	—	4.710$00	4.750$00
Port de Pesca.....	—	—	1.000$00
Port de Tabacos	335$00	335$00	336$00
Tabacos de Portugal	—	950$00	1.000$00
Petroquímica	—	3.750$00	3.850$00
Termoeléctrica	1.850$00	—	1.860$00
Sacor	—	5.060$00	5.150$00
Socel	3.750$00	3.740$00	3.760$00
U. F. Azoto	950$00	949$00	952$00
Aguas, Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 934	—	—	545$00
Aguas Lisboa 936.....	—	—	500$00
Eléct das Beiras.....	—	1.810$00	1.850$00
Gás e Electricidade.....	418$00	417$50	418$00
H. Alto Alentejo.....	266$00	266$00	266$50
H. E. Cávado	1.403$00	1.400$00	1.405$00
H. E. Zêzere	1.645$00	1.642$00	1 650$00
Nac de Electricidade	1.680$00	1.679$00	1.690$00
União Eléctrica Port.	246$00	245$00	246$00
H. Douro	1.445$00	1.443$00	1.450$00
H. E. S.	—	—	—
F. Invest Atlântico	—	118$80	122$40
F. I. D. E. S.	—	173$90	175$50

BANCO BORGES & IRMÃO

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul — Rand.....	35$50	37$50
Alemanha — Marco	7$10	7$30
América:		
Dólares de 1 a 4.....	28$40	28$70
Dólares de 5 a 1000 ...	28$60	28$90
Argentina — Peso	$10	$15
Austria — Shilling	$10	1$15
Bélgica	$55,5	$57,7
Brasil — Cruzeiro	$01,1	$01,6
Canadá — Dólar	26$40	26$90
Dinamarca — Coroa	4$10	4$30
Espanha — Peseta	$47,7	$48,7
França	5$77	5$92
Holanda — Florim	7$80	8$05
Inglaterra — Libra	79$50	81$00
Itália — Lira	$04,55	$04,7
Marrocos — Dirham	4$60	5$10
Noruega — Coroa	3$90	4$10
Suécia	5$40	5$70
Suíça — Franco	6$60	6$75
Ouro:		
Inglaterra (Libra Isabel)...	285$00	295$00
Inglaterra (1/2 Libra)	215$00	230$00
Portugal — barra fino	33$00	33$70

J. BURNAY, L.DA

RUA DO OURO 72

Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Telef. 321273

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIA DE HOJE
O GRANDE MASSACRE — no Politeama

TIVOLI
Telef 5 05 95
(M. 12 anos)
As 3 da tarde e 9.30 da noite
7.ª MÊS
28.ª SEMANA
Um espectáculo maravilhoso em TODD-AO em 70 mm
MÚSICA NO CORAÇÃO
c/ Julie Andrews e Christopher Plummer

SÃO LUIZ
Telef 52 71 72
As 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
(M. 12 anos)
CINDERELA ESTÁ DE VOLTA!
CINDERELA EM PARIS
com Audrey Hepburn e Fred Astaire

CONDES
Telef. 32 25 29
As 15.15, 18.15 e 21.30 (M 6 anos)
2.ª SEMANA
Um grande espectáculo para todos um delírio de riso, e um prémio para as férias
O ALEGRE MUNDO DE BUCHA E ESTICA
e desenhos animados de Tom e Jerry
(Ar condicionado)

SÃO JORGE
Telef 3 41 53 54
Às 21.30
(M. 17 anos)
SENSACIONAL REPOSIÇÃO
O SEGREDO E A CHAVE
com Jack Hawkins

EDEN
Telef. 32 07 68
As 15.15, 18.30 e 21.30
(M. 12 anos)
A Broadway a noite... misteriosa, fascinante, sedutora...
PRIMEIRO ACTO
com George Hamilton — Jason Robards Jr.

AVIS
Telef 4 71 65
As 21,45
(M. 12 anos)
Um filme de impressionante realismo e de flagrante actualidade
MISSÃO NA COREIA
com Robert Mitchum e Ann Blyth

MUNDIAL
Telef. 53 87 43
As 15.15, 18.15 e 21.30
(Adultos)
O célebre filme de Will Tremper
NOITE SEM FIM
com Karin Huebner e Harald Leipnitz
(AR CONDICIONADO)

ALVALADE
As 15.45 (p. r.) e 21.45
(M. 12 anos)
CINDERELA EM PARIS
com Audrey Hepburn e Fred Astaire

estúdio 444
Telef. 75 0095
As 15.30 e 21.45
O mais ousado documento filmado, apresentado ao publico!
(Adultos)
13.ª SEMANA
AS ESCRAVAS AINDA EXISTEM
EASTMANCOLOR
AR CONDICIONADO

RESTELO
Telef. 61 03 75
As 21.30
(M. 12 anos)
INFERNO NAS ALTURAS
com John Wayne e Robert Ryan

LIDO
Telef 4 85 60
As 21 horas
(Adultos)
UMA MULHER AMERICANA
O DENUNCIANTE

ESPLANADA PORTUGÁLIA
Telef. 47663
As 21.30
(M. 12 anos)
OS REIS DO SOL
A SERPENTE DO OESTE

CINEMA IDEAL
Telef. 32 41 94
As 15.15 e 21 h.
(M. 17 anos)
LOUCA JUVENTUDE
JUDEX, O VINGADOR

IMPÉRIO
Telef. 55 51 34
As 15.15 e 21.30
(M. 12 anos)
Um grande êxito em 3.ª SEMANA
EL GRECO
com Mel Ferrer — Rossana Schiaffino

estúdio
As 15.30, 18.30 e 21.45 (Adultos)
9.ª SEMANA
O maior filme de sempre
AFRICA ADEUS

MONUMENTAL
Telef. 55 51 31
As 15.15 e 21.30
(M. 17 anos)
Um filme excepcional da primeira á ultima imagem
TODOS CONTRA UM
com Henry Fonda — Joanne Woodward

ROMA
Platea 72 77 78
Balcão 72 91 92
As 15.30 e 21.45
4.ª SEMANA
A obra-prima de MARCEL CAMUS
RUDES PAIXÕES
com Hardy Kruger e Caherine Deneuve
EASTMANCOLOR (Adultos)
AR CONDICIONADO

POLITEAMA
Telef. 32 63 05
HOJE, ás 21 e 30
E S T R E I A
A mais sangrenta batalha travada no Far West
O GRANDE MASSACRE
com Philip Carey e Joseph Cotten
Grandiosa evocação de uma derrota militar que nunca foi vingada
CINEMASCOPE (Col.) (M. 12 anos)

ODEON
Telef 32 62 83
Às 15.15, 18.15 (p. r.) e ás 21.30
2.ª SEMANA
O maior «record» de exibição do cinema português
com Amália Rodrigues e Alberto Ribeiro
CAPAS NEGRAS
Uma história admirável com maravilhosos fados e canções
(M. 12 anos)

EUROPA
Telef. 66 10 16
As 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)
353 — PASSAPORTE PARA O INFERNO
com George Ardisson — Barbara Simons

A PROPÓSITO DO PROJECTO DO NOVO CÓDIGO CIVIL

(Continuação da 2.ª página)

os casamentos canónicos. Ora, concluiu o orador, desta assembleia pode sair um pedido nesse sentido, sem que ela ultrapasse de maneira nenhuma os limites em que se deve situar.

● Problemas debatidos pelo dr. Artur Cunha Leal

Por ultimo usou da palavra o sr. dr. Artur Cunha Leal, que, depois de várias considerações iniciais, em que pôs em relevo que era bem nítida naquela assembleia uma certa tendência quanto ás questões debatidas — tendência que devia ser dada a conhecer ao sr. ministro da Justiça —, elogiou o trabalho-base do sr. dr. Almeida Ribeiro, com o qual disse estar integralmente de acordo: excepto quanto á possibilidade, de qualquer forma admitida, de o Estado poder ser fiscal de consciências.

No que concerne ao divórcio, realçou que com as restrições do projecto se fechavam ostensivamente os olhos ás realidades e necessidades nacionais — e hoje chegou-se ao ponto de se admitir como *naturais* situações que em outras circunstâncias seriam consideradas um *escândalo*.

E o sr. dr. Cunha Leal frisou, mais que o divórcio é só o termo ultimo do processo evolutivo de desagregação de uma família, desagregação que já vem de longe. E é esse processo de que os filhos são espectadores imbeles, é esse drama dos pais, essa desagregação a que têm de assistir que lhes provoca traumatismos psicológicos que se hão-de reflectir em toda a sua vida. Por outro lado, o divórcio deve ser, se possível, de molde a que os esposos se possam encontrar, para não se prejudicarem ainda mais os filhos — o que entre nós geralmente não se aceita.

● Considerações finais

E depois de notar que as considerações e afirmações feitas na sessão anterior pelo sr. dr. José Carlos de Vasconcelos continuavam sem ser respondidas, disse que importava sobretudo levar até ás ultimas consequências o problema que ele tinha levantado relativamente aos que se casaram canónicamente e depois deixaram de ser católicos — continuando, no entanto, a não poderem divorciar-se.

Finalmente, o sr. dr. Cunha Leal acentuou que facilitar-se o divórcio pode ser até um travão para certas pessoas que cometem actos conducentes á desagregação da família, e, considerando-a também inconstitucional Apoiou a ideia de que a Concordata devia ser revista.

O bastonário da Ordem, sr. dr. Pedro Pitta, deu depois por encerrada a discussão, que prossegue na próxima quarta-feira — ultima sessão em que será debatido este tão importante tema, cheio de interesse e actualidade.

A corrida inaugural da praça de toiros de Vila Real de Santo António

É já no dia 24 que o Algarve vai viver o dia festivo da inauguração da sua primeira praça de toiros, construída em Vila Real de Santo António, por iniciativa da «afición» local e com o patrocínio da Comissão do Turismo da Câmara Municipal.

Adjudicada a promoção das temporadas tauromáquicas á Sociedade do Campo Pequeno, esta capricha, logo no primeiro espectáculo, em mostrar ao público que importância atribui áquele novo 'aeródromo e á «afición« algarvia. De facto, seria difícil combinar programa melhor doseado e mais excitante, neste momento, do que aquele que se anuncia para o dia 24 em Vila Real, com o tão esperado mano-a-mano dos nossos dois grande «diestros» do toureio mais clássico: José Júlio e Amadeu dos Anjos; e com a presença do extraordinário cavaleiro que é Mestre Baptista e de outra figura, do toureio equestre, essa com plena ascensão: Joaquim José Correia.

As pegas estão a cargo do brioso grupo de Forcados Amadores de Alcochete.

Para esta corrida, de tão vasto significado, foram escolhidos oito bonitos toiros da ganadaria de José da Silva Lico.

SEJA DO SEU TEMPO!
LEIA
motor
O jornal que não havia em Portugal
SAI AS 5.as FEIRAS

O QUE É A DISLEXIA

(Continuação da 1.ª página)

uma soma de partes. Seria, contudo, impossível, que o fosse de outra maneira; quer dizer: que o tempo da leitura do conjunto seja a soma dos tempos da leitura dos elementos, porque o tempo de leitura do conjunto se situa no princípio do reconhecimento de uma imagem qualquer e o indivíduo é incapaz de se aperceber do que esteja abaixo deste início de exposição.

Quando uma criança lê, por exemplo, uma palavra ou mesmo um conjunto de palavras num tempo de exposição igual a 8/1000 de segundo — tempo que lhe é também necessário para ler uma só letra —, é impossível supor que lê, na realidade, os elementos com uma velocidade ainda maior que seria uma fracção da velocidade total. Isso não é nem conforme á experiência nem sómente possível.

Assim, os autores americanos que trabalham com o taquistoscópio sobre a leitura demonstraram a que ponto a teoria da Gestalt se aplica ao caso da leitura. Para isso, confirmaram a observação de Javal que descobrira, desde há muito tempo, que não há na leitura fixação do olhar sobre a parte da palavra ou mesmo sobre a palavra, mas antes sobre uma parte da frase. Esta observação devia ser retomada, em seguida, por numerosos autores, os quais fizeram estudos «electrocuiográficos» da leitura, que iam precisar a observação de Javal, mostrando, por exemplo, que a leitura se faz no momento da fixação do olhar e não no momento da sua deslocação, o que é uma confirmação suplementar da teoria gestaltista. Isso não exclui em nada, naturalmente, que a palavra possa ser lida á primeira vista; quer dizer: elemento após elemento. Mas isto ainda não é a leitura: é uma outra acção, necessária muitas vezes quando não conhecemos o sentido de uma palavra, por exemplo, quando nos encontramos perante o nome de um produto farmacêutico. É preciso, em seguida, abandonar este modo de apreensão e que a palavra percebida possa provocar a tradução fonoideatória sem a menor decomposição.

A seguir: A APRENDIZAGEM DA LEITURA

VIII Curso de Estudos Ultramarinos

Começa amanhã no Instituto Nacional de Educação Física o VIII Curso de Estudos Ultramarinos, promovido pela Escola Nacional de Estudos Ultramarinos da Mocidade Portuguesa. Terá a frequência de 70 alunos do Continente e dos Açores.

No curso serão ministradas as seguintes matérias: Administração Ultramarina, Conceitos de Política Ultramarina, Etnologia, Economia e Fomento, Missionologia, Monografias das Províncias Ultramarinas, História Ultramarina, Higiene Tropical e Educação Física.

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

MONUMENTAL — Às 21 e 45: «A cidade não é para mim» (12 anos).
TRINDADE — Às 21 e 15: «Inês Pereira» (12 anos)
VASCO SANTANA — Às 21.45: «Pobre Bitô» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «Quando é que tu casas com minha mulher» (17 anos).

CINEMAS

ARCO IRIS — Às 21: «A Patrulha Perdida» (12 anos).
BOMB. VOL. DE LOURES — Às 21 e 30: «Os Domingos de Cybele» (17 anos).
CAMPOLIDE — Às 21: «O Sol chega de manhã» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 15: «O Mundo de Noite» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «7 Mulheres» (17 anos).
IMPERIAL — Às 21: «Passaporte para o Desconhecido» (12 anos)
JARDIM — Às 21: «Ela, o Diabo e Eu» (12 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Inferno na Terra» (17 anos).
OLIMPIA — Às 19: «Cem mil dólares ao Sol» (17 anos).
ORIENTE — Às 21: «Dois Irmãos Dois Destinos» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Betina» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Como matar sua mulher» (17 anos).
ROYAL — Às 21: «O Capitão China» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «Rasputine» (17 anos)
CASTANHEIRA — Às 21 e 45: «A Paixão da Minha Vida» (17 anos).

● Na Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Idade Ingrata» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Adeus Ilusões» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «O Expresso de Von Ryan» (12 anos).

● Na Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «Espartacus e os escravos» e «Avançada em Marrocos» (12 anos).
BARREIRO — FERROVIÁRIOS — Às 21: «O aventureiro de Cincinati» (17 anos).
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «Casamento a propósito» e «O caso do monóculo preto» (17 anos).

● Na Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «O emissário do Mafia» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Pecados de Verão» e «A escrava do pecado» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Rumo á Felicidade» (17 anos).
SINTRA — CINE-TEATRO — Às 21 e 30: «A pantera dos sete mares» (12 anos).
ERICEIRA — CASINO — Às 21: «Jerry e os seus 6 tios» e «O homem que matou Liberty Valance» (12 anos).

Rapaz com a mão esquerda esfacelada

MELGAÇO, 21 — Salvador Augusto de Carvalho, de 16 anos, residente no lugar do Cruzeiro-São Paio, e um seu irmão mais novo encontraram uma bomba de foguete, não resistindo á tentação de lhe pegarem fogo.

A bomba explodiu, esfacelando a mão esquerda do Salvador, que foi conduzido ao hospital desta vila, onde ficou internado.

O irmão nada sofreu.

FEIRAS e ROMARIAS

Em Aldeia do Bispo

ALDEIA DO BISPO, 21 — Efectuam-se, em 10 e 11 de Setembro, as habituais festas da desfolhada, organizadas pelo Clube Fernão Lopes.

Haverá provas de perícia em automóveis e em bicicletas motorizadas e competições atléticas.

A receita reverte para aquele clube.

RESTAURANTE
BÓLIDE
(Premiado nos concursos do S. N. I.)
AMANHÃ
BACALHAU NO FORNO A BÓLIDE
ARROZ DE FRANGO A TRIPEIRINHA
Diáriamente especialidades da casa
AV. DE ROMA, 7-A — Telef. 763522

Restaurante CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
Est. da Torre - Lumiar - Tel. 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
SALAS RESERVADAS PARA BANQUETES E LANCHES DE CASAMENTO
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR

RESTAURANTE
REFÚGIO DO TAVARES
Casa especializada em MARISCOS E FRANGO NO ESPETO
Serviço á lista
Av Braga, N.º 3 — Telef. 62475
PÓVOA DE VARZIM

RESTAURANTE CUBANA
Av Miguel Bombarda, n.º 14
Telefone 77 32 80
COZINHA PORTUGUESA
Amanhã: Bacalhau à Cubana
Sábado: Caldeirada à Cubana

CALDAS DA RAINHA
HOTEL ROSA
Os seus 120 anos de existência são a garantia da sua Ex.ma Clientela
Serviço de Restaurante
Av Miguel Bombarda, n.º 14
(Aberto todo o ano) Telef. 22163

«MUNDIAL» DE FUTEBOL

Reportagem do nosso enviado especial FERNANDO SOROMENHO

A comissão do «Mundial» decidiu esta manhã alterar a hora do Inglaterra-Argentina

MANCHESTER, 21 (Por telex, do nosso enviado especial, Fernando Soromenho) — **Conforme estava previsto, efectuou-se hoje uma reunião da comissão organizadora do Campeonato Mundial de Futebol, no decorrer da qual foram solucionados diversos assuntos pendentes, alguns dos quais de grande interesse para as selecções ainda em prova.**

Assim, o encontro Argentina - Inglaterra foi, definitivamente, marcado para as 15 horas, pelo que todos os desafios dos quartos-de-final, previstos para sábado, terão início ás 15 horas.

A mesma comissão decidiu avisar o jogador inglês Stilles de que será punido com severidade se, porventura, voltar a tomar qualquer atitude de indisciplina, como aconteceu na partida que disputou contra os franceses.

Entretanto, os responsáveis revelaram que o jogo Portugal - Coreia será dirigido por Menachem Ashkenas, israelita, o qual será auxiliado pelos juízes de linha Pierre Schwnite (França) e Karoi Galba (Checoslováquia).

*

Nos meios afectos á selecção brasileira, comenta-se em vários tons a decisão de Pelé, aliás já por mais de uma vez anunciada, de não voltar a participar em competições internacionais.

Acerca do mesmo assunto, o presidente da Confederação Brasileira dos Desportos, dr. João Havelange, afirmou que Pelé passará a disputar apenas desafios particulares. Apresentou como razão disso o facto de, em desafios de competição, o excelente jogador ser sistemáticamente lesionado pelos adversários.

Simões e José Pereira também estão lesionados

Além de Jaime Graça e Torres, que, conforme escrevi, esta madrugada, se encontram lesionados, Simões queixa-se de uma ferida no tornozelo direito e a José Pereira revelou-se uma luxação no ombro, derivada de uma queda de que foi vítima no decorrer do desafio contra o Brasil. Todavia, as lesões não devem influir na formação da equipa para sábado.

Os jogadores portugueses não puderam treinar-se esta manhã no Estádio Cheadle Robers, por, imprevistamente, o mesmo ter sido cedido ao Manchester United, para o mesmo efeito. Por esse motivo, a próxima sessão de treino dos nossos jogadores deve realizar-se em Cliffe, onde o referido clube britânico costuma realizar os treinos dos seus reservistas.

UM CONVITE À SELECÇÃO

Em nome do ministro das Obras Públicas, sr. eng.º Arantes e Oliveira, o chefe de gabinete, sr. eng.º José Maria Avilez, enviou um telegrama ao presidente da Federação Portuguesa de Futebol, sr. Justino Pinheiro Machado, chefe da comitiva da selecção nacional, em Manchester, a convidar os dirigentes e os jogadores a assistirem á inauguração da ponte de Lisboa. No mesmo telegrama, o ministro formulou votos por que o «onze» português continue a averbar êxitos.

A VISITA a Moçambique do ministro dos Negócios Estrangeiros

LOURENÇO MARQUES, 21 — (A. N. I.) — O governador-geral de Moçambique, general Costa Almeida, seguiu esta manhã para a Beira, a fim de receber o ministro dos Negócios Estrangeiros, cuja chegada a Lourenço Marques está prevista para as 11 horas de amanhã.

No dia 23, além das reuniões previstas com o governador-geral, o dr. Franco Nogueira percorrerá diversos pontos da cidade e assistirá ás provas de hipismo dos III Jogos Luso-Brasileiros.

No domingo, o dr. Franco Nogueira visita o Hospital Miguel Bombarda e os Estados Gerais Universitários de Moçambique, terá novas reuniões com o general Costa Almeida e proferirá, no salão nobre da Câmara Municipal, uma conferência sobre a sentença do presidente MacMahon, que confirmou a legitimidade da pertença a Portugal da baía do Espírito Santo.

À noite, o ministro assiste a uma recepção no palácio do Governo-Geral e, no dia 25, visita Marracuene, antes de regressar a Lisboa

A Feira de Sant'Iago em Setúbal cujo programa foi valorizado prolonga-se este ano até oito dias depois da inauguração da ponte de Lisboa

SETÚBAL, 21 — A Feira de Sant'Iago, as mais importantes festas da cidade e do distrito de Setúbal, efectua-se este ano de 23 do corrente a 15 de Agosto, para permitir o seu funcionamento durante uma semana após a inauguração da ponte sobre o Tejo.

Para dar pormenores acerca desta importante iniciativa setubalense, á Imprensa e outros órgãos de informação, o presidente da Câmara, sr. dr. José Manuel Góis, recebeu esta manhã, no salão nobre dos Paços do Concelho. Os jornalistas, aos quais, depois de agradecer essa presença, disse que o Município e a comissão de festas têm vindo de ano para ano a fazer esforços no sentido de dar á Feira de Sant'Iago um carácter mais industrial, de modo a representar convenientemente a principal actividade do distrito. Acrescentou que se tenta fazer da Feira um acontecimento que represente não só a industria do distrito, mas que no futuro represente igualmente toda a industria do País, deixando de ser a feira das industrias da região, para vir a ser, tanto quanto possível, a feira das industrias nacionais. Disse ainda que, pela primeira vez, será um membro do Governo — o secretário de Estado da Industria — a inaugurar a Feira.

Afirmou, depois, que com a Feira coincidirá, no dia 7 de Agosto, a visita a Setubal do Chefe do Estado, que procederá á inauguração da segunda fase das obras do porto — obra da ordem dos vinte mil contos. Durante a sua visita, o sr. Presidente da Republica passará em revista a concentração das frotas de pesca e de recreio de Setubal, Sesimbra e Sines, no rio Sado. Esta concentração será o primeiro passo para as «Feiras do Mar», que a Câmara pretende integrar, de futuro, na Feira de Sant'Iago.

Em seguida, o presidente da comissão das festas, sr. eng.º António Barroso, esclareceu que a Feira deste ano apresenta importantes alterações em relação ás anteriores, com diversões, uma feira das actividades industriais da região, «stands» diversos, particulares e oficiais, designadamente dos Ministérios da Economia, Obras Publicas e Ultramar. São também representadas num pavilhão as conservas de peixe e os vinhos do distrito. No pavilhão para diversões, haverá exibições folclóricas, e um festival para eleição, pela segunda vez, da Rainha do Sado.

O governador civil de Évora foi hoje homenageado pelo 20.º aniversário da sua posse

ÉVORA, 21 — A cidade de Évora comemorou hoje o 20.º aniversário da investidura do sr. José Félix Mira no cargo de governador civil do distrito e homenageou-o pela forma como tem desempenhado a sua função.

Durante o dia o sr. Félix Mira recebeu muitas mensagens, tendo sido em sua casa e no Governo Civil, entregues numerosas cartas e telegramas. Muitas pessoas se deslocaram pessoalmente a apresentar-lhe cumprimentos.

As cerimónias principiaram ás 16 horas, no Governo Civil, onde o sr. José Félix Mira foi saudado pelo dr. José Perdigão, presidente da Junta Distrital de Évora, bem como pelas autoridades do distrito.

À mesma hora, no salão do Parque de Piscinas Municipais, a sr.ª D. Ana Eduarda Mira, esposa do sr. José Félix Mira, deu uma recepção ás esposas de antigos e dos actuais governadores civis do País.

Pelas 16 e 30, o sr. José Félix Mira recebeu no seu gabinete os antigos e actuais chefes de todos os distritos da Metrópole, que assim se associaram á homenagem.

Em nome dos governadores civis falou o de Lisboa, sr. dr. António Osório Vaz.

Cerca das 18 horas, chega junto á Sé de Évora, onde é aguardado por um elevado nucleo de autoridades, o dr. Santos Junior, ministro do Interior. Celebra em seguida missa o sr. D. David de Sousa, arcebispo de Évora.

Finda esta cerimónia, efectua-se no Palácio de D. Manuel uma sessão solene de homenagem, á qual preside o ministro do Interior.

Na sessão, usarão da palavra o sr. dr. Serafim de Jesus Silveira Junior, presidente da Camara Municipal desta cidade; monsenhor dr. José Filipe Herdeiros, vigário-geral da arquidiocese; o sr. dr. Santos Junior, ministro do Interior, e, por ultimo, o homenageado.

Segue-se um jantar de homenagem, nos claustros do Convento de S. Bento de Castris. No Jardim Publico, há uma festa popular, com a colaboração de artistas de variedades.

O comércio local associou-se ao acontecimento, encerrando mais cedo a sua actividade.

Foi autopsiado o corpo do pequenito que ficou fechado num frigorífico

A autópsia confirmou a morte por asfixia do pequenito José Vasco Jaime da Silva, de 4 anos que, conforme ontem noticiámos, ficou fechado cerca de doze horas no frigorífico de uma casa de pasto onde seu pai ouvia o relato do Brasil-Portugal, vindo a falecer no Hospital de São José para onde foi transportado.

O corpo encontra-se depositado na casa mortuária do Instituto de Medicina Legal, aguardando que alguém trate do funeral.

LATINA

M/6 ANOS

CAMPO PEQUENO

HOJE

às 22 horas

4.ª CORRIDA DA TV

um acontecimento mundano

7

TOIROS DA FAMOSA GANADARIA DE OLIVEIRA (IRMÃO)

7

CAVALEIROS

Manuel Conde * Mestre Baptista
José Lúpi * Joaquim Correia

ESPADAS

José Júlio * Armando Soares
Amadeu dos Anjos

FORCADOS

AMADORES DE MONTEMOR-O-NOVO
Comandados por Joaquim Capoulas

BILHETES À VENDA
nos locais do costume
(Telefs. 761539, 771819, 30769 e 321712)

CURSO DOS LICEUS
FEMININO — DIURNO — NOCTURNO
LARGO CONDE POMBEIRO, 12 — TELEF. 57048
(entre os Anjos e o Campo Santana)

FÉRIAS 1966
FÉRIAS «EUROPEIA»
«FÉRIAS PARA TODOS»
FÉRIAS IDEAIS

Peça-nos a brochura
«FÉRIAS PARA TODOS»
com mais de 200 programas diferentes
PARA TODOS OS GOSTOS
PARA TODAS AS BOLSAS
CONDIÇÕES ESPECIAIS DE CRÉDITO

Europeia
A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
231, Av. da Liberdade, 235
Telef. 53 61 21
LISBOA - 2
COM A «EUROPEIA» VIAJA MELHOR

SAUNA FINLANDÊS
COM PISCINA PRIVATIVA

AS MAIS MODERNAS INSTALAÇÕES DA EUROPA

• MASSAGENS HIGIÉNICAS E DESPORTIVAS
• BANHO (e massagem) DE VICHY
• DUCHE (massagem) SUBAQUÁTICO
• DUCHE ESCOCÊS

ASSISTÊNCIA MÉDICA PRIVATIVA
SECÇÕES PARA HOMENS E SENHORAS

hotel estoril sol

ABERTO DAS 9 ÀS 12 E DAS 16 E 30 ÀS 20 HORAS • INFORMAÇÕES TEL. 282831

SE DURANTE O DIA OS SEUS AFAZERES O NÃO PERMITEM

MARCAMPO

CONVIDA-VOS A VISITAR O SEU
SALÃO DE EXPOSIÇÃO
na Av. Almirante Gago Coutinho, 102 - B
TODAS AS 5.as-FEIRAS DAS 21 ÀS 24 HORAS
para apreciarem os últimos modelos de CARAVANAS das marcas «ECCLES», «FLECHA», «MARCAMPO» e «SPRITE»

Vida literária e artística

2.º CADERNO
SUPLEMENTO SEMANAL DO
Diário de Lisbôa
N.º 416
21 - 7 - 1966

O FUNDO E A FORMA

III

por JOSÉ RÉGIO

NÃO há dúvida: se «a resposta do senso comum — a resposta das gentes em geral e do sentir espontâneo do próprio homem superiormente culto — é que sim, se pode considerar numa obra de arte o fundo e a forma», nem por isso deixa de ser verificável que para o mesmo senso comum é a obra de arte uma unidade, como o é corpo-e-alma num ser humano. Todos falamos, ou podemos falar, no fundo e na forma de uma obra de arte. Todos reconhecemos, ou podemos reconhecer, que há na obra de arte uma expressão e um expresso. Todos, porém, mais ou menos conscientemente sentimos algo de *abusivo* nessa dicotomia. Todos pendemos a crer que por uma operação do espírito (uma abstracção, digamos) ou por um desequilíbrio da obra em causa, somos atraídos a uma distinção que preferiríamos não fazer. E então, vejamos: Será nas obras que temos por obras-primas, será nos artistas que temos pelos maiores, será, sequer, nos momentos que temos por superiores dos próprios artistas de segundo ou terceiro plano, que espontâneamente nos inclinamos a considerar o que o artista diz e o como o diz? Talvez não seja difícil respondermos que não. Muito delicado é citarmos aqui exemplos. Isto porque tão fugidia, subtil ou funda é a verdade em questão que a simples concretização exemplar ameaça perturbá-la. No entanto, arrisquemo-nos: Vários criadores literários

(Continua na página central)

Victor Hugo

e a caricatura

Durante todo o Verão agora em curso estará patente ao público no Museu Victor Hugo, na Place des Voges, em Paris, a exposição de caricaturas do escritor que foi ali inaugurada recentemente. Sabe-se que o autor de «Os Miseráveis» deu motivo durante dezenas de anos, pela intensidade e os contrastes da sua vida, á inventiva satírica ou lisonjeadora dos caricaturistas. As «charges» de todos os géneros, desde o demolidor ao enternecido, os esbocetos, desenhos e litografias que Martine Ecalle, conservadora do Museu Victor Hugo, reuniu na antiga residência parisiense do escritor, permitem ajuizar da sua personalidade sob os mais variados e sugestivos prismas. Meio século de glória e de lutas está documentado nessa exposição impressionante que está a despertar o interesse de muitos milhares de visitantes.

Victor Hugo caricaturado por Daumier

«O leilão que se faz cada dia pela manhã na rua Direita na cidade de Goa» *(Ver artigo na página central)*

CARTAS DE CATALUNHA

Um livro de Camilo José Cela e aclarações a um amigo português

por FÉLIX CUCURULL

Recebi, no mesmo correio, a carta de um português, o senhor A. N., e o último livro de Camilo José Cela.

Um livro de Camilo José Cela é, em qualquer altura, um acontecimento importante. Em cada carta do senhor A. N. havia sempre alguma notícia que me tinha escapado, agudos comentários de problemas portugueses e, acima de tudo, uma cativante cordialidade.

O senhor A. N. é uma pessoa de larga cultura, racionalista e metódico. Há anos, percorreu um bocadinho da África e tem visitado, pormenorizadamente, boa parte da Europa. Conheci A. N. numa viagem pelo Alentejo. Simpatizámos. Um par de conversas de viva voz que, no total, não nos prenderam além de três horas, foram o prelúdio de um diálogo epistolar através do qual, entre ele e eu, se estabeleceu uma sólida amizade. E hoje, este bom amigo surpreende-me com estranhas considerações que o acaso me fez chegar, juntamente com um livro que, causando-me muita alegria, não me provoca nenhuma surpresa. A quem é possível que surpreenda é a A. N., que, como toda a gente, sabe que Cela é galego e escreve em castelhano. Porque se dá o caso de que este livro, *Viatge al Pirineu de Lleida*, apareceu em língua catalã e é nem mais nem menos neste idioma que Camilo José Cela escreveu a dedicatória que figura no exemplar que me oferece. Mas A. N., que se conta entre os admiradores incondicionais de Camilo José Cela, terá a surpresa maior ao conhecer os fragmentos do *Viatge al Pirineu de Lleida* que transcreverei mais adiante.

É bem curioso que *Viatge al Pirineu de Lleida* tenha coincidido com esta inesperada carta de A. N., pois este meu bom amigo lança-se nela a fazer certos comentários que me deixam perplexo. Diz que na minha correspondência privada e nas «Cartas» que têm sido publicadas no «Diário de Lisboa» fica completamente em evidência que eu sou um grande apaixonado das tradições da minha terra, que pertenço ao reduzido grupo de intelectuais que, com boa fé impagável, luta desesperadamente por evitar que desapareçam os moribundos redutos onde ainda resiste a língua catalã. E A. N., acusa-me: levado pela obsecação catalanista, eu deformo a verdade. Adverte-me, paternalmente, de que sou inexacto quando afirmo que a língua catalã, e não nenhuma outra, é a que usam os catalães, quotidianamente, em casa e na rua; que o catalão é a língua em que pensam e, portanto, a que, sem dar por isso, usam sempre na vida social — de uma maneira tão normal e espontânea como os portugueses falam o português.

A. N. nunca esteve na Catalu-

(Continua na página seguinte)

CELEBRAÇÕES DO CINQUENTENÁRIO DE VIDA LITERÁRIA DE FERREIRA DE CASTRO

EM AVEIRO E OSSELA

Por iniciativa dos clubes «rotários» do distrito de Aveiro, em que se incluem o desta cidade e os de Estarreja, Ovar, e S. João da Madeira, realizam-se no próximo fim-de-semana diversos actos de homenagem a Ferreira de Castro pelo cinquentenário das suas actividades literárias.

No sábado, 23, pelas 21 e 30, profere uma conferência sobre o escritor, no salão do Grémio do Comércio de Aveiro, o escritor brasileiro almirante Olavo Dantas. No domingo, 24, pelas 13 horas, realiza-se em Aveiro o almoço «rotário» em que os quatro clubes do distrito consagram o escritor seu comprovinciano. Em nome dos «Rotary Clubes» usará da palavra o sr. Eduardo Cerqueira, seguindo-se uma palestra sobre Ferreira de Castro pelo prof. Hernâni Cidade. Os participantes no almoço dirigem-se em seguida para Ossela (Oliveira de Azeméis) onde se fará, pelas 17 horas, a concentração de amigos e admiradores de Ferreira de Castro, vindos de vários pontos do País, que querem assim associar-se a este acto de homenagem, juntamente com os conterrâneos do escritor. Numa sessão solene, em Ossela, será consagrada a obra do autor de «A Selva», seguindo-se a visita de todos os presentes à casa onde Ferreira de Castro nasceu e onde decorreu a sua infância até à partida para o Brasil.

Um livro de Camilo José Cela

(Continuação da página anterior)

nha, mas informa-me de que acaba de chegar de lá um seu amigo, que, na sua viagem, usou sistemàticamente o castelhano; e não só toda a gente o compreendeu, senão que, sem vacilar, toda a gente lhe respondeu naquela língua. Acrescenta A. N. que a informação que ele possuia sobre a não existência de escolas e de Imprensa em catalão, sempre lhe produziu uma certa perplexidade. Foi necessário que o seu amigo o informasse detalhadamente do que viu e sentiu em Barcelona e na Costa Brava para que chegasse a compreender qual é a situação linguística do meu país. Agora vê com clareza. Não pode haver Imprensa nem escolas numa língua que deixou de ser veículo normal de comunicação entre as pessoas de um país. Se a língua catalã práticamente morreu, - seria absurdo querer usá-la como instrumento de cultura. A. N. inteirou-se, pelo seu amigo, de outros pormenores que acabam de confirmar o seu conceito de que o catalão é uma língua prestes a extinguir-se. Entre eles, há um que lhe pareceu definitivo, para demonstrar que o catalão só vive refugiado nos redutos da pura erudição e de um tradicionalismo sem raízes vivas no presente: a tradução de *Os Lusíadas*, realizada por Miguel Dolç e Guillem Colom, á qual me referi nas «Cartas» publicadas neste Suplemento nos dias 12 e 26 de Maio. Lançou-a uma editora subsidiada, a «Editorial Alpha».

A. N. faz-me saber que toda esta informação do seu amigo foi largamente comentada entre várias pessoas com quem os dois estão relacionados. Que, unanimemente, se deram conta, com autêntica mágoa, de que o grupo de teimosos intelectuais a que eu pertenço apenas está a velar um morto. Que a nossa abnegação resulta estéril. E tanto, que A. N. fazendo-se eco dos seus contertulios, e em nome da amizade que por mim sente, pede-me que deixe de cultivar fantasias e me decida a fazer a minha obra numa língua viva. Acrescenta que é pena que nós, os esforçados intelectuais do diminuto grupo erudito e tradicionalista, delapidemos o nosso talento com estas ilusões. Recomenda-me que toquemos os pés no chão, que não esbanjam energias que poderiam resultar mais fecundas aplicadas em outros sentidos.

Ignoro quem orientou o amigo de A. N. durante a sua estadia na Catalunha. Não sei com quem falou, nem o que viu; mas posso afirmar, desde já, que nem sequer se deteve diante de uma livraria; que se limitou a desfrutar o sol e a assistir aos espectáculos de «typical» folclore andaluz com que certos comerciantes catalães divertem e intrujam os turistas desorientados e pouco exigentes. E, apesar de que a atitude de A. N. me faz supor que eu não sei fazer-me compreender, ainda tenho a esperança de que, se lhe escrever uma carta extensa e contar-lhe mais detalhadamente as coisas que anteriormente lhe fiz saber — publicamente e em privado — acrescentando-lhe alguns dados mais, há-de convencer-se de que eu não sou apenas um sonhador e que não tenho nenhum interesse em deformar a verdade. Mas, como que a informação errada que recebeu A. N. do seu amigo viajeiro pode transcender além do círculo das suas relações, a carta que hoje lhe escrevo é uma carta aberta. Como respeito o anonimato de A. N., imagino que não ficará zangado.»

É possível que, influído pelas notícias sobre a grande quantidade de turistas que, cada ano em maior numero, acorrem ao meu país, o amigo de A. N. tenha tomado por estrangeiros todos aqueles que, precisamente, falavam catalão, uma língua que ele nunca tinha ouvido. Não me espantaria de que, de regresso a sua casa, tivesse comentado falando de Barcelona e da Costa Brava: «Dizem que lá há turistas; mas, este ano, estou certo de que o numero deles ultrapassa todos os precedentes, todos os cálculos imagináveis».

Pelo que A. N. me diz, estou certo de que o seu amigo sabe muito bem o castelhano. Mas é difícil que tenha o ouvido habituado aos seus sons até ao ponto de notar que o castelhano com que lhe falavam era, como o que ele próprio conhece, um castelhano *aprendido*. É preciso notar que, bem ou mal, na Catalunha quase toda a gente sabe o castelhano. Também não devemos esquecer que dos 2 000 000 de habitantes de Barcelona, uns 500 000 são imigrantes que provêm das várias regiões da Espanha, especialmente do sul. E que a Polícia e grande parte da burocracia publica também não são catalães. Bastantes imigrados, uns sem dar por isso, outros com autêntico esforço, fazem sua a língua do povo catalão com o qual se fundem. Mas, como é lógico, nem por isso esquecem a língua castelhana. Seja como for, pelos motivos que registou Cervantes («Barcelona, archivo de la cortesía, albergue de los extrangeros») ou porque, como bons comerciantes, lhes interessa deixar contentes os turistas, os catalães, até os mais catalanistas, esforçam-se por acolher os forasteiros na língua que eles falam. Porém, naturalmente, será preciso provar de alguma maneira tudo isto que eu digo. Limitar-me a opor o meu testemunho ao do amigo de A. N. poderia deixar a partida num empate. Será preciso seguir o fio da informação que A. N. obteve do seu amigo viajante, analisar os arrazoados que lhe provocou. E dar alguns dados de fácil comprovação.

Esgrimir que o catalão já não tem vitalidade porque a editora Alpha, que publicou *Els Lusiades*, está subsidiada, não tem nenhuma espécie de consistência. Seria tanto como dizer que o português é uma língua morta e que não existe uma cultura portuguesa pelo facto de que a poderosa Fundação Calouste Gulbenkian exerce em Portugal um sólido e importantíssimo mecenato. Mas o amigo de A. N. ficou em falso quando quis apoiar as suas deduções no facto de haver edições subsidiadas. A favor do seu argumento, e de acordo com a sua lógica, tinha que acrescentar — se estivesse verdadeiramente informado — que o mecenato da Fundação Bernat Metge permitiu, entre outras coisas, a publicação em catalão de uns 200 volumes das obras dos clássicos gregos e latinos. Trata-se de edições críticas de aspecto gráfico muito belo, de um grande nível intelectual, realizadas com a máxima exigência. A tradução em língua catalã aparece sempre confrontada com o texto original. Mas, em contrapartida, ninguém subsidia nenhuma das editoras — perto de 50 — que cada ano lançam centenas de obras em catalão. Se admitíssemos que apenas uma pequena minoria fica fiel á língua catalã, a quem se destinariam todos esses livros á medida que vão sendo substituídos por outros nos escaparates e nas montras das livrarias? E como seria possível que entre as traduções de obras de actualidade das quatro partes do Mundo, se encontrassem algumas — como por exemplo *Les mots*, de Sartre — que apareceram em catalão antes de qualquer outra língua da península ibérica? Mas voltemos a Camilo José Cela.

Não há nenhuma duvida que este grande estilista da língua castelhana, membro ilustre da «Real Academia de la Lengua Española», está familiarizado com os problemas catalães. Os anos que viveu em Maiorca não passaram em vão. Não admira, portanto, que queira render tributo de simpatia á Catalunha. Mas fazer traduzir em catalão um livro seu para mostrar a sua afeição á Catalunha, não teria sentido nenhum se o catalão não fosse uma língua viva, a língua em que se expressa o povo de uma maneira normal e espontanea. Se não se desse esta especial circunstancia, traduzir um livro de Cela em catalão apenas significaria correr o risco de ser atraiçoado sem nenhum fundamento, de uma maneira inutil. Parece de senso comum supor que, se o catalão não fosse a língua viva do povo, Camilo José Cela nunca se teria lembrado de tal gesto. Porém, há ainda mais: a editora que acaba de lançar o *Viatge al Pirineu de Lleida*, tem a sua sede em Madrid. É bem significativo que esta editora «Alfaguara», dirigida precisamente por dois irmãos de Camilo (1), tenha criado uma delegação em Barcelona para publicar livros apenas em catalão, com os quais já lançou duas colecções: «La novella popular» (popular pelo preço) e «Ara i ací». É nesta ultima colecção que acaba de aparecer *Viatge al Pirineu de Lleida*.

Poderia dar outros dados bem significativos no que diz respeito á actividade literária catalã. Limitar-me-ei a acrescentar que Santiago Alberti, preparando um dicionário de personalidades catalãs, já catalogou perto de 900 escritores vivos — *físicamente vivos na actualidade* —, com livros publicados em catalão. Acho que pode ter interesse, na hora de julgar a vitalidade de uma língua, conhecer o numero de autores que a utilizam num determinado momento.

Outra actividade editorial que nos fornecerá dados muito significativos é a do disco. Não será a A. N. demasiado difícil averiguar que se contam por centenas de milhares os discos em língua catalã que actualmente se vendem. Discos de cantos clássicos, de canções populares tradicionais, de sardanas; mas, sobretudo, de canções actuais — até *furiosamente* actuais — criadas em catalão ou traduzidas em catalão. Discos gravados por orfeões; por conjuntos de jovens; por intérpretes individuais. E é um deles, destes que cantam em catalão e só em catalão (Nuria Feliu, por exemplo) quem ganha o primeiro prémio para discos editados dentro do Estado espanhol, em concorrência com os castelhanos. Outra vez é um destes cantores catalães quem ganha o primeiro prémio da Canção Mediterrania, em competição com castelhanos, franceses, gregos, italianos... E temos que o jovem valenciano Raimon, cantando em catalão — apenas em catalão — não só entusiasma as massas da Catalunha, senão que consegue autênticos êxitos em diferentes países e triunfa rotundamente onde apenas os intérpretes de máxima categoria conseguiram ser recebidos: no «Olympia» de Paris.

Não deixa de ser significativo que sejam bastantes os cantores estrangeiros famosos que ultimamente gravaram discos cantando, eles próprios, em catalão. Entre estes, os italianos Pino Donaggio, Jimmy Fontana, Donatella Moretti, Gianni Morandi, Rita Pavone, o norte-americano Joe Martin, a canadiana Jeannette Ramsay, o francês Charles Aznavour. Não incluo na lista Jocelyne Jocya, que também gravou discos em catalão, já que no fim de contas, esta magnífica cantora de fama mundial nasceu na Catalunha francesa

Mas, apesar de tudo, pode ser que A. N. continui dizendo que não vê isto claro; que suspeita que há gato escondido em toda esta vitalidade actuante da língua catalã. Porque ele sabe que houve outrora escolas em catalão, e que eram centenas os jornais e as revistas periódicas que se publicavam em catalão. Que, apenas em Barcelona, saíam simultaneamente, 7 jornais diários da manhã e 3 da tarde. E talvez A. N. acrescente, levado pelas suas duvidas, que Barcelona, agora com dois milhões de habitantes, naquela altura tinha pouco mais de um milhão. (2). Pode ser que A. N., ante um tema tão misterioso, chegue a acreditar que os jornalistas que escreviam em catalão morreram e ninguém quis substituí-los. Ou talvez pense que todos os leitores de jornais impressos em língua catalã ficaram cegos. Também pode supor que os mestres catalães se converteram em analfabetos, subitamente, devido a uma epidemia de amnésia; ou que uma alcateia de lobos esfaimados, num abrir e fechar de olhos, comeu todos os discípulos que eles tinham. Eu não sei se, cedendo a palavra a Camilo José Cela, ajudarei a desvelar a incógnita. De todas as maneiras, acho que A. N. não deixará de gostar, nem que seja vertido num português que não reflecte a riqueza de estilo do texto original, de uns fragmentos do livro que acaba de publicar, em versão catalã, o ilustre académico da «Real Academia de la Lengua Española», um dos maiores escritores de língua castelhana:

«*O viajeiro suspeita* (o viajeiro é ele, Cela) *que é ingénuo pensar na derrota das línguas* (...). As línguas nunca são derrotadas como poderia sê-lo um gladiador; observem que até os mais cruentos fracassos dos homens e das suas instituições, nunca levam acompanhada a derrota da língua. (...) *As línguas não morrem como os animais, por causas imediatamente fisiológicas, nem como o homem, por razões morais ou políticas*, senão que se transformam — como as nuvens cambiam a sua silhueta — por desrazões poéticamente imprevisíveis. O viajeiro acredita que, por os catalães, por exemplo, falarem melhor o *castelhano*, seria prudente que nas escolas, *além do castelhano, lhes fosse também ensinado o catalão.* O amor que o viajeiro sente por Castela — e julga o viajeiro que se lhe tem que reconhecer — não só é compatível com o respeito que lhe produz o catalão e qualquer outra língua, senão que, em certa maneira, até é condicionado pela evidência destas mesmas línguas e pelo reconhecimento que apregoa da sua realidade, gloriosa sempre e, por vezes, heróica». (Págs. 277-278).

FÉLIX CUCURULL

---

(1) Juan Carlos Cela, é o gerente; Jorge Cela Trulokc, outro grande escritor, é o director literário.

(2) Há três diários franceses que, todas as semanas publicam uma crónica em língua catalã: «La Croix», «Le Midi Libre» e «La Depêche de Toulouse». Em distintos países, principalmente da Hispano-América, publicam-se várias revistas em catalão.

Na Catalunha, as unicas revistas que, na actualidade, se publicam em língua catalã são «Serra d'Or» (dos monges de Monserrat), mensal, e «Ponent», quadrimestral, editada pelo poeta Llorenc Vidal, em Palma de Maiorca.

O RETRATO E O SEU MODELO

Foi com a significativa legenda: «Um patriarca da pintura retratou um patriarca da política», que a Imprensa alemã divulgou esta fotografia. Óskar Koboschka, com 80 anos, pintou a óleo um retrato do antigo chanceler da Republica Federal da Alemanha, dr. Konrad Adenaur, que conta 90 anos, associando assim o seu grande nome de mestre consagrado da pintura moderna a uma conhecida figura da política mundial. O quadro destinou-se ao Parlamento alemão, em Bonn, onde ficou enquadrado pelos retratos de Bismarck e do primeiro presidente da Dieta Federal, Hermann Ehlers.

A ideia de fazer retratar Adenauer pelo prestigioso pintor deve-se ao amador e comerciante de obras de arte Johannes Wasmuth, que levou Kokoschka á residência de férias de Cadenabbia, onde Adenauer passa o Verão, conseguindo que o ex-chanceler posasse durante hora e meia por dia para o artista. Kokoschka destinou a obras de beneficência os honorários de 200 000 marcos (cerca de 1440 contos), que recebeu pela execução do retrato. O estilo de Kokoschka está expressivamente representado nesta obra que é testemunho da sua vitalidade criadora em avançada idade.

INSTITUTO SUPERIOR DE LÍNGUAS E ADMINISTRAÇÃO

CURSOS SUPERIORES – R. do Sacramento a Lapa, 16
CURSOS PREPARATÓRIOS – Av. da República, 25 - 1.º Dto.

ESCOLA SUPERIOR DE TRADUTORES E INTÉRPRETES
ESCOLA SUPERIOR DE SECRETARIADO
ESCOLA SUPERIOR DE ORGANIZAÇÃO CIENTÍFICA DO TRABALHO
ESCOLA PORTUGUESA DE TURISMO

ABERTAS AS INSCRIÇÕES
PARA O PRÓXIMO ANO LECTIVO

Folhetos descritivos e outras informações na Secretaria
Telef. 67 63 95 / 67 37 66

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO — Entrada: Rua do Carmo, 98-2.º — Telef. 32 65 15

Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — Às 18 horas
Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — Às 18 horas
Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — Às 16 horas
Dr. Romão Loff — Doenças nervosas e electroterapia — Às 14 horas
Dr. António Ferrão — Doenças dos olhos — Às 14 horas
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — Às 16 horas
Dr. Casimiro Afonso — Doenças das senhoras e operações — Às 15 horas
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — Às 18 horas
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — Às 10 horas
Prof. Dr Aleu Saldanha — Raios X — Às 16 horas
Dr. Mário Jaquet — Fisioterapia — Às 16 horas
Dr. Carlos Ribeiro — Cardiologia e electrocardiografia — Às 5.as feiras, ás 15 h

ACTIVIDADE EDITORIAL

«Histórias de Desencanto»

—narrativas de Augusto Ricardo

Tem um conjugado e expressivo timbre de evocações pessoais

AUGUSTO RICARDO

e de ficção o livrinho de narrativas breves «Histórias de Desencanto», que o escritor e jornalista Augusto Ricardo acaba de publicar pela *Livraria Portugal*. A arte da crónica, que o autor tem cultivado ao sabor do circunstancial, surge assim valorizada para o leitor comum pelo toque discreto do romanesco ou da realidade transportada ao estilo da fantasia literária que alimenta um interesse mais vivo. Augusto Ricardo escreve com elegancia, com sensibilidade e com a delicadeza de observador da vida que tem experimentado o contraditório das situações humanas. Por isso as suas narrativas neste volume breve são mais impressivas no seu significado de testemunho de uma vida em contacto com alheias vidas.

Escreve Augusto Ricardo numa página do livro: «Eu, que não sou dado a esboçar narrativas, sinto necessidade de relatar um dos muitos casos que conheci. A empresa pareceu-me, de princípio, extremamente fácil E, de facto, seria Quem não conhece histórias dos outros e não tem participado em farsas ou em dramas não deve ser deste mundo. Todos, é velho dizer-se, têm o seu romance. Alguns, porém, são tão vulgares que não vale a pena referi-los. Contràriamente, outros acontecimentos apresentam aspectos tão trágicos, tão extraordinários, que se aqui os viesse descrever ninguém me acreditaria. Seriam, decerto, considerados irreais, tal porção de desgraça encerram».

E' neste espírito sensível e com esta simplicidade eloquente que Augusto Ricardo vai tecendo as narrativas de «Histórias de Desencanto» — um livro que justifica o interesse do leitor.

DIÁRIO SECRETO DO PENSAMENTO

por OLIVEIRA E SILVA

11 de Setembro

A vida sonhada e a vida vivida. Felizmente, para os artistas, a vida real é a sonhada.

12 de Setembro, à noite

— Praia de San Sebastian! —
O céu e o mar, que inédita beleza!
Parece que se dissolvem
Na doçura da manhã.

Ah! gostaria, com certeza,
De levar, comigo,
Para outras terras, norte a sul,
Toda a alegria, toda a pureza,
A claridade deste azul!

14 de Setembro

Como a ficção científica, hoje, interessa ao mundo literário, no momento em que um foguete espacial fotografa aspectos de Marte, formulemos, no planeta vermelho, o possível diálogo seguinte:

1.º marciano: — Afinal, quais são os ultimos relatórios dos nossos astrónomos sobre a Terra?

2.º marciano: — Muito pessimistas. Desfizera todas as dúvidas sobre a hipótese de ser habitada a nossa pobre irmã.

1.º marciano: — Como assim? Os telescópios não nos davam conta de algumas explosões atómicas?

2.º marciano: — Foram desmentidas solenemente. A conclusão é a de que, nos ultimos anos, houve, apenas, algumas erupções vulcânicas.

1. marciano: — Então, a Terra, muito maior do que o nosso planeta, é apenas, um deserto?

2.º marciano: — Sim. Opinam os relatórios, unânimemente, que se assemelha muito á Lua, de vales e montanhas, sem ninguém, rios e mares congelados. Nos pólos, a abundância da neve impossibilita qualquer forma de vida. Aliás, os nossos maiores cientistas sempre afirmaram que não é possível ser habitada a Terra, pelo excesso de oxigénio e por uma absurda lei da gravidade. Se houvesse gente, por lá, teria de se arrastar como certos animais...

1.º marciano: — De acordo. Pelas fotografias inúmeras da Terra, colhidas pelos nossos discos voadores, a uma distância de dez a vinte mil quilómetros, é provável que, há muitos séculos, florescesse, ali, uma civilização, mas que se extinguiu por alguma catástrofe terrivel. E' verdade que alguns dos nossos pilotos, agora num manicómio, observados pelos psiquiatras, contam que há, na Terra, aviões, fortalezas, quartéis e navios. Deve ser efeito do delírio que acomete os viajantes espaciais...

2.º marciano: — A história de aviões, na Terra, tem sido sempre desmentida. Nenhuma raça, mesmo pouco inteligente, construiria aparelhos de voo tão curto e asas tão grandes... Além disso, a geografia desse planeta não permitiria qualquer desenvolvimento: três quartas partes de mares e rios congelados...

1.º marciano: — Tem razão. Como a nossa irmã — a Lua — deve ser um deserto. O que não compreendo é que os pilotos dos nossos discos voadores insistam tanto em investigar um planeta deserto...

15 de Setembro

De olhos cintilantes, fala-me um velho amigo, da poesia que encontrara no seguinte anúncio de jornal: «Vende-se um berço de criança, com três dias apenas de uso».

15 de Setembro, à noite

Inevitável, obrigatória, a opção do escritor, se quiser subsistir e realizar-se.

Dois caminhos defrontará: o do «bomocismo», com os salamaleques de salão, o falso elogio aos confrades e colunistas literários, as acomodações simultâneas com o céu e o inferno, o que lhe facilitará subir depressa na escadaria social, ou a do homem, quase solitário, que se contenta com um pequeno grupo íntimo, não corteja ninguém, preferindo a planície.

Esse opção deve fazer-se na juventude: ou constrói alguma coisa de belo e duradouro, ou se dispersa e futiliza em páginas ligeiras, satisfazendo-se com o aplauso efémero dos superficiais da literatura.

Em ALMADA o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se á venda na TABACARIA ARCADA — Praça de Renovação. 8-B.

MARIA PIMENTEL MONTENEGRO

«Carta de Prego»

– Poemas de Maria Pimentel Montenegro

Nossa colaboradora de longa data, Maria Pimentel Montenegro tem dado sinal assíduo, nestas páginas, da continuidade da sua criação poética, sempre inspirada num lirismo temperamental que imprime o cunho da sinceridade plena aos versos que vai escrevendo. O livro de poemas «Carta de Prego», agora publicado pela *Editora Lux*, revela a permanência dessa inspiração consubstancial que ficou testemunhada em «Asa Ferida» (Prémio dos Leitores do «Diário de Lisboa» em 1960), em «Pássaro de Fogo» e em «Concha Azul».

Como se escreveu aqui em outra oportunidade, a poesia de Maria Pimentel Montenegro mantém a linha sentimental e nostálgica da lírica portuguesa e é representação harmoniosa e clara de uma personalidade literária. Os poemas de «Carta de Prego», límpidos e musicais, impregnados de uma sensibilidade discreta mas comunicante, traduzem a largueza de direcção de uma alma que se volta aos mais diversos quadrantes da vida interior e do mundo que a envolve. O poema «Rosa Negra», que a seguir se transcreve, é um expoente dessa qualidade generosa da poesia de Maria Pimentel Montenegro:

Tinha uma rosa na mão.

Tinha uma rosa na mão,
duas estrelas nos olhos,
um cravo no coração.

(O orgulho da sua raça
e o Branco não entendeu).

Sua vida era poesia
lançada á espuma do mar,
que a maré levou um dia.

(Bebeu fel da sua taça
e o Branco não entendeu).

«Os Demónios» de Dostoiewski

em nova versão portuguesa

Os volumes 11.º e 12.º da edição portuguesa das Obras Completas de Dostoievski que vêm sendo publicadas pela editorial *Estudios Cor* são preenchidos com o célebre romance «Os Demónios», geralmente conhecidos entre nós (sob influência das versões francesas), por «Os Possessos». A tradução é de Maria Franco e é precedida por um estudo introdutório de Irving Howe, que situa o romance no quadro da cultura e da sociedade russas do terceiro quartel do século XIX e na trajectória inquieta e genial da obra de Dostoievski. Se pensarmos qual é a origem da grandeza deste escritor — diz Irving Howe — a resposta não pode ser uma só. Mas parte dela está em que nenhuma personagem consegue domínio indisputado no romance e todas são refreadas e vencidas quando se tornam muito impacientes na afirmação das suas verdades. Assim aparecem e se debatem em «Os Demónios» as mais complexas e cruciais figuras da galeria de Dostoievski, pondo em causa as questões mais transcendentes do destino humano.

A intenção inicial do escritor nesta obra parece ter sido a de prevenir contra os perigos do radicalismo ocidental e do ateísmo. Mas este desejo perturba-o, desperta tais memórias e sentimentos que ele nunca pode decidir o que é realmente o inimigo. Em certo aspecto, o radicalismo parece um veneno que escorre através das velas da sociedade; noutro, uma simples brincadeira de colegial, uma falsificação grosseira sem base social ou conteudo intelectual. Esta incerteza de reacção é típica de Dostoievski, ele próprio dividido entre a busca de Deus e a sua negação, reacção pan-eslava e radicalismo ocidental: e isso é motivo, também, das violentas mudanças que a sua ideia central — a ideia da salvação — sofre em «Os Demónios». Até quando ele adverte contra o radicalismo e zomba do liberalismo, um e outro repetidamente se lhe introduzem no pensamento; o problema da ideologia, que outros escritores apresentam numa acção imaginária, constituía para ele um tormento pessoal.

Como Irving Howe escreve no seu lucido e pertinente prefácio, as opiniões de Dostoievski, pela época em que escreveu «Os Demónios», aos cinquenta anos, haviam-se tornado reaccionárias, mas o seu temperamento permanecia inteiramente revolucionário.

Desenhos nas capas dos dois volumes por Luís Filipe de Abreu, que foi o ilustrador de algumas das ultimas obras de Aquilino tornam mais atractiva esta excelente edição de *Estudios Cor*.

ESCAPARATE

De 11 a 18 de Julho de 1966

Autores portugueses

Título — 4 Autores da Novela Portuguesa contemporânea: Sá Carneiro — Almada — Manuel Lima — Luís Pacheco
Autor — Fernando Ribeiro de Mello
Editora — Edições Afrodite
Colecção — Antologia de Vanguarda n.º 1
Número de páginas — 276
Preço — 50$00

Autores estrangeiros

Título — «O Muro»
Autor — John Hersey
Tradutor — Lopes d'Azevedo
Editora — Publicações Dom Quixote
Colecção — Romances Exemplares
Número de páginas — 801
Preço — 80$00

Título — «Moderna Teoria Económica»
Autor — J. Pen
Tradutora — Inês Brandão
Editora — Publicações Dom Quixote
Colecção — Pequena Biblioteca
Numero de páginas — 307
Preço — 40$00

Título — «A Grande Aventura das Baleias»
Autor — Georges Blond
Tradutor — Carlos Branco
Editora — Aster
Colecção — Aventura e Ciência n.º 12
Número de páginas — 220
Preço — 40$00

Título — «O Conhecimento do Homem do Século XX»
Autor — Marcel Griaule e outros
Editora — Publicações Europa-América
Colecção — Encontros Internacionais de Genebra
Número de páginas — 407
Preço — 65$00

Título — «O Castelo»
Autor — Franz Kafka
Tradutor — Vinga Martins
Editora — Livros do Brasil
Colecção — Dois Mundos n.º 91
Número de páginas — 407
Preço — 65$00

UM LIVRO QUE É UMA DUPLA REVELAÇÃO

Matar-se a si próprio

de

AIDAN HIGGINS

Um jovem autor irlandês que, fazendo lembrar Beckett, revela uma força interior capaz de tornar vivas as mais diferentes personagens e recriar os mais insólitos ambientes.

Uma literatura pràticamente desconhecida entre nós.

Seis novelas notáveis encadeadas por um elo de mistério e de estranha poesia.

Uma revelação de que se orgulha

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Apartado 8 Mem Martins
Rua das Flores, 45, 2.º, Lisboa, 2

Edições em fascículos

«A IGREJA DO PRESENTE E DO FUTURO»

Foi distribuído há pouco o 12.º fascículo desta realização da *Editorial Estampa*, em que se documenta exaustivamente a história do Concílio Ecuménico Vaticano II. Com este fascículo inicia-se o 2.º volume da obra, abrindo com a 4.ª Parte, «Diário do Concílio — 3.ª sessão», elaborada pelo padre A. Wenger, redactor-chefe do diário católico francês «La Croix», e traduzida pelo padre dr. Serafim Ferreira e Silva, assistente da Liga Escolar Católica.

A edição inclui numerosas fotogravuras alusivas ao desenrolar do Concílio.

«HISTÓRIA UNIVERSAL ILUSTRADA»

Aproxima-se do seu termo este empreendimento notável de divulgação cultural, promovido pela *Editora Arcádia*. Os fascículos 48 e 49, agora publicados, ilustram com excelente texto e com numerosas gravuras o período crítico da história contemporânea que vai desde a guerra da Abissínia á Segunda Guerra Mundial e ás suas imediatas consequências na política, na economia e na mentalidade dos povos. A edição, que havia sido prevista para 48 fascículos, será completada com 52, permitindo abranger os mais importantes acontecimentos da história dos nossos dias.

Evocação de José Júlio

Há três anos, que passam no próximo sábado, 23 de Julho, morreu José Júlio Andrade Santos. O artista de intensa e promissora personalidade, que tinha aberto na pintura e no desenho um caminho fortemente original; o pedagogo e o organizador, sempre ocupado intensamente nos interesses e rumos alheios; o amigo e companheiro de generosa e aberta lealdade, de sentimento solidário sempre vivo — continuam presentes nos que o recordam com saudade e com admiração inextinguíveis. O «Diário de Lisboa» associa a sua homenagem evocadora aos testemunhos que a seguir se publicam, no 3.º aniversário da morte de José Júlio.

ADRIANO DE GUSMÃO:

Porquê? Esta interrogação pode desdobrar-se em duas perguntas. A primeira, fundada nesta nossa pobre condição humana. O sabermos que somos de natureza mortal e sempre nos rebelarmos, todavia, no mais profundo de nós próprios, perante o fim das pessoas a que nos ligam laços afectivos, desde os mais brandos da amizade aos mais férreos do amor. Porquê, sobretudo, morrerem tão cedo? Um porquê que se perde sempre num silêncio obscuro e imenso...

A outra pergunta, a que nos leva justamente a fazê-la nesta data, tem uma resposta, essa positiva e consoladora. Porquê lembrarmo-nos ainda deste amigo, e deste artista? O tempo desvanece tanta coisa! Como resiste, porém, a essa destruição do tempo a memória de José Júlio! É que, na sua breve passagem terrena, fez aquela «toute petite chose» de que humildemente falava Claudel e que alguns dos melhores de entre nós devem cumprir dentro do seu destino. José Júlio realizou a sua obra de pintor, vasando-se inteiramente nela, não se recusando às suas mais terríveis exigências, com uma sinceridade tal que comprometia a própria vida. E soube e pôde elevar-se àquele nível de qualidade que o faz inserir-se na história da nossa arte, até pela sua identificação com a coordenada estética do seu tempo. Talvez se possa avançar, afirmando ter havido um feliz encontro entre o artista que nele germinava, e depois se realizou, e o espírito e a pesquisa que a arte atravessava no instante preciso do desabrochar da sua expressão pessoal.

As outras facetas da sua personalidade, como camarada e homem social, de rara consciência associativa e de inequívoca vocação pedagógica — as exposições de artistas universais que organizou são memoráveis — justificariam só por si uma palavra de justiça e de saudade. Mas é a sua obra de pintor que principalmente provoca e autoriza esta nossa evocação.

FERNANDO PERNES:

No estreito mundo artístico lisboeta permanece latente o vulto de José Júlio. E neste outro aniversário do seu desaparecimento, para os que, mais jovens, beneficiaram de tal convívio, a memória do artista ilumina-se de saudade desenha-se num rasto de comovida gratidão transbordante nos quadros que nos soube legar.

De certo é pois difícil falar do pintor quando nos domina a imagem do homem cujo sólido intelecto se aliou sempre a extrema simplicidade do trato e da palavra. Mas essa distância soldar-se-á, afinal, na sua própria obra, sempre válida como afirmação ética, actuante pedagògicamente (aqui no sentido sensível do termo) para além da exigência estética em que lhe vejam as telas quantos ignoraram o autor.

Fenómeno de cultura sentida em mil e uma leituras e constantes viagens, assumida depois no risco de cores e estruturas plásticas, assim foi a vida de José Júlio.

Assim melhor se nos justificam esses quadros onde, desde os primeiros «Arlequins» de recolhido sentimentalismo picassiano a sequentes trabalhos de redescoberta pós-cubista da visão paisagística cézanneana, José Júlio nos afirmou discreta e meticulosamente a necessidade de «resgaste do tempo perdido» na arte moderna nacional, predispondo-nos ao encontro dum pensar e agir europeus, lentamente crescente entre gestos falhados e no seio de tristes convites ao desistir.

Pleno de inibições, vincada e sempre sofrendo de vícios de formação livresca, o evoluir da pintura de José Júlio decorreu, porém, como uma conquista de clareza e serena alegria envolvente do seu sentir português de pintor de azuis de noite, de rios e do mar.

Com José Júlio poder-se-á ilustrar um aflitivo estágio da própria sensibilidade do País, procurando converter em lúcida vivência a informação de modernidade universal que vai conscencializando. Em José Júlio tal imperativo de acção teria sido antes duma estética, uma poética logo aparecida num raro exemplo moral. Vivendo as aspirações da sua geração, José Júlio agiu sobre a história que agora sobre nós passa. Isso o define como homem e como artista.

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA:

Lembrar José Júlio, três anos depois da sua desaparição, tem, é claro, um significado pessoal de amizade. E ainda bem que assim é — prova das suas grandes qualidades humanas, de lealdade, de generosidade, de entusiasmo...

Para além deste encontro de amizades, o nome de José Júlio ganha porém outro significado. O dum homem de talento e de curiosidade, aberto ao entendimento da arte do seu tempo, e praticando-a com uma dedicação e uma honestilade exemplares. Não o dum grande artista — que nunca ele supôs ser e que em volta dele não terá nascido também, na estreiteza do nosso meio... Ao olharmos para a sua obra, ao longo de quinze anos de trabalho, nós observamos todavia uma evolução profissional e estética seguramente processada, sem enganos nem fingimentos, por dentro dos caminhos coerentes da arte actual.

Isso sobretudo importa recordar aqui, e hoje, já com algum recuo histórico.

MÁRIO DIONÍSIO:

Custa a crer que tenham passado três anos já sobre o desaparecimento de José Júlio. Os longos e tão inesperados dias de aflição que os seus amigos então sofreram, na expectativa do momento fatal, estão ainda bem vivos na memória de todos eles. Dir-se-á isto com certeza de qualquer pessoa, cuja amizade e companhia dolorosamente nos faltam. Mas no caso dum homem que em toda a sua intensa actividade foi sempre, acima de tudo, um artista, este não dar pela passagem do tempo nada tem de incompreensível, pois, através da obra que nos lega e com que, no sentido mais profundo, nos enriquece, a sua ausência não cessa de ser uma presença que recusa todo o esquecimento e nessa mesma recusa se renova. Em cada pincelada dos seus tantos quadros, em cada escorrido, em cada transparência, em cada empasto, em cada harmonia ou dissonância de cores brilhantes ou foscas, de que tinha o segredo, as suas mãos e o seu acto de escolher, a sua maneira de ver e de sonhar, o seu deslumbramento e a sua generosidade, a sua ironia e a sua ternura, o gesto e a voz de José Júlio permanecem vivos ao nosso lado, connosco, dentro de nós. E assim permanecerão — rasto de alegria criadora no seio duma amargura e desespero, a que, sem ela, estaríamos para sempre condenados.

JOSÉ JÚLIO

MUSEU DA GRAVURA

A VIAGEM DE LINS

Jean Huyges van Linschoten foi um holandês vindo da Espanha, que a ocupação de Portugal trouxe a Lisboa ao serviço de um mercador alemão. Assiste ás festas em honra de Filipe II e consegue realizar o desejo de partir para o Oriente embarcando numa nau da Índia em 1582.

Descrevendo a viagem, terras, povos e costumes, e «historiando as coisas memoráveis que ali aconteceram no seu tempo», de tudo faz relato circunstanciado, e cheio de interesse. É de gravuras que nos ocupamos, mas não deixamos de assinalar a variada descrição da vida e costumes da Índia portuguesa.

As páginas sobre o «Mercado de Goa» não são só um documento curioso dos costumes lusitanos, mas a recordação da passada grandeza deste centro comercial do Oriente, onde convergiam muitos estrangeiros.

Os portugueses tinham numerosos criados, e destes, as mulheres ocupavam-se muito na confecção de roupa, que vinham vender ao mercado, tafuis e fáceis no comércio e nos amores. Vendiam-se drogas, especiarias e frutos. Afluiam as curiosidades de Cambaia, Sunda, Bengala, China, etc. Vendiam-se tapetes, cavalos da Arábia e escravos. Ali faziam praça os artesãos de chapelaria, sapataria e de carpinta-

ria de m
os canb
das de
rins» da
ra comp
Ali se
bens do
va a cal
Patan,
exemplo

Outra
diversas
dos, a
gueses,
familiar
sados t
nadas
mente
mudam

Na m
moráve
há epis
te perr
da met
rência
ke apre
torna-v
deixar
perador
Lisboa
«Reven
ses em
era es
naus d
das de
dra v
protegê
lha ce
ambiçã
carrega
te e qu
tório
-maritu
mesmo
terem
mentar

Mais
obra,
sitanos
pes, m
de Goa
ses, pa
portam
lhas de
barcos

Na r
episódi
desaire
num
Arábia
res em
de 12
na ilh

Lins
1592 e
o que
gem e

E' u
onde
feja,
são n
traduç
cês e

O poder do silêncio em Camilo

por ZACARIAS DA SILVA

Estão publicados dois volumes da *Colecção Portugália*, sobre «As Polémicas de Camilo», obra devida a Alexandre Cabral. Do que conhecemos sobre Camilo, esta é a obra que se nos afigura mais completa, e, para que tenhamos o melhor retrato do autor do «Amor de Perdição», muito contribuem as páginas de introdução que o autor lhe dedicou em cada um dos volumes da citada obra.

Mas, o nosso propósito não é o de criticar ou de aplaudir pura e simplesmente — e quem poderá aplaudir que um *escritor público* se expresse como se expressou *o maior de todos* (assim lhe chamou Silva Pinto), em algumas das suas polémicas, especialmente na travada com Alexandre da Conceição?

A defesa pertence á enorme legião dos afervorados camilianistas, dado que o nosso objectivo é diferente e cinge-se apenas á sua intervenção na célebre e já centenária *Questão do Bom Senso e do Bom Gosto.*

Íntimo de Camilo, António Feliciano de Castilho apelou para a sua intervenção, e é a esse propósito que Alexandre Cabral ilucida:

«O romancista, segundo os ditames decorrentes do seu individualismo, alheou-se a princípio da querela, desculpando-se com o facto de Antero nas *Odes Modernas*, lhe ter dedicado a *Ideia*, série de 7 sonetos. Castilho, que via fugir-lhe tão precioso apoio, insistiu quatro dias depois, procurando que a ira do polemista recaísse, á falta de melhor, sobre a cabeça de Teófilo:

Ainda mal que são tão fortes as razões que V. Ex.ª tem para não interpor desta vez a sua grande e reconhecida autoridade nesta pendência de quatro tunos de Coimbra contra a gente pacata da literatura.

O que vale é que se o agradecimento lhe ata as mãos a respeito do Quental, creio que as tem livres para o pior e mais perigoso dos dois co-réus, que é, sem nenhuma dúvida, o Teófilo.»

Camilo cedeu aos rogos do amigo e, a propósito dessa sua intervenção, Alexandre Cabral diz:

... ...

«Antero foi tratado com alguma deferência e até simpatia, de permeio com umas *amabilidades* mais rudes. Realmente, Teófilo foi quem pagou a despesa. A animosidade entre os dois homens de letras manteve-se inalterável pelos anos fora.»

... ...

Na sua formosa obra «Poetas», aparecida, em edição póstuma, em 1955, o nosso saudoso amigo dr. João de Deus Ramos, ao ocupar-se de Antero, revela existir na biblioteca do Museu Bibliográfico e Pedagógico João de Deus, o exemplar das «Odes Modernas», oferecido pelo autor a Camilo, e no qual o romancista fez diversas anotações e a propósito das quais elucida João de Deus Ramos.

... ...

«Citarei, apenas, dois comentários que servem para aquilatar o que foi o ironista imortal do «Cancioneiro Alegre» numa hora de azedume:

Tropel de reis sem fé, que se despedaça!
Tropel de deuses vãos, que o nada abraça!

Marginália de Camilo: «Tropeis

(Continua na 7.ª página)

Brevemente

1919

2.º VOLUME DA TRILOGIA

USA

ROMANCE DE JOHN DOS PASSOS
COLECÇÃO OS ROMANCES UNIVERSAIS

VOLUME ANTERIOR
PARALELO 42 · 55500

PRÓXIMO VOLUME
DINHEIRO GRAÚDO

PORTUGÁLIA EDITORA

NOVIDADES

O MURO
DE JOHN HERSEY
(Um documento inteiramente novo sobre o ghetto de Varsóvia)

MODERNA TEORIA ECONÓMICA
DE JAN PEN
(Uma introdução ás doutrinas de Keynes)

PUBLICAÇÕES D. QUIXOTE
R. da Misericórdia, 117-2.º

Costumes dos portugue

GRAVURA

DE LINSCHOTEN

Linschoten
da Espa-
Portugal
erviço de
Assiste ás
lipe II e
desejo de
embarcan
em 1582.
m, terras,
istoriando
e ali acon-
, de tudo
anciado, e
gravuras
não dei-
a variad
stumes

«Mercad
documen-
es lusita-
da passa-
tro comer-
onvergiam

am nume-
s, as mu-
muito na
ue vinham
fuis e fá-
os amores,
eciarias e
riosidades
ngala, Chi-
apetes, ca-
avos. Ali
os de cha-
e carpinta-

ria de móveis ou de embarcações, os cambistas que trocavam moedas de Veneza, da Turquia e «larins» da Pérsia que serviam para comprar pimenta em Cochim. Ali se fazia a nasta pública dos bens dos defuntos ou se mostrava a cabeça degolada do rei de Patan, exibida em público para exemplo das gentes.

Outras páginas descrevem as diversas classes sociais, os soldados, a vida ostentosa dos portugueses, a magnificência dos seus familiares, etc.; «Os que são casados têm as suas casas bem ornadas e guarnecidas, especialmente de roupas... todos os dias mudam de camisa e de tarpeia».

Na narrativa das «cousas memoráveis que ali aconteceram» há episódios mal conhecidos deste período da ocupação filipina da metrópole, a primeira interferência dos ingleses, quando Drake apresou a nau «S. Filipe» em torna-viagem da Índia, depois de deixar em Goa três filhos do imperador do Japão recebidos em Lisboa e Madrid; o ataque do «Revenge» e mais 16 navios ingleses em alturas dos Açores, onde era espreitado o regresso das naus da Índia, embora comboiadas desde a Terceira por esquadra vinda do continente para protegê-las. Perderam-se na batalha cerca de 20 navios; aquela ambição do ganho que levava a carregar as naus imoderadamente e que tanto avolumou o repertório da nossa história trágico-marítima: um barco voltou-se mesmo á saída do porto por lhe terem tirado o lastro para lhe aumentar o volume da carga.

Mais de 30 estampas ilustram a obra, com figuração de tipos lusitanos, canarins, árabes e etíopes, mapas, o celebrado Mercado de Goa, costumes dos portugueses, palanques em que se transportam, as almadias e as cangalhas de Goa e de Cochim, e outros barcos da China, Java, etc.

Na representação de alguns dos episódios descritos, há a de um desaire dos portugueses, batidos num desembarque na costa da Arábia, uma tempestade nos Açores em que se perdeu o melhor de 12 navios, um tremor de terra na ilha de S. Miguel, etc.

Linschoten volta a Lisboa em 1592 e regressa á Holanda, após o que é publicado o relato da viagem em holandês.

E' uma obra descritiva e crítica onde nem sempre a fama nos bafeja, mas que teve larga expansão na Europa com sucessivas traduções em inglês, latim, francês e alemão.

F. R.

milo

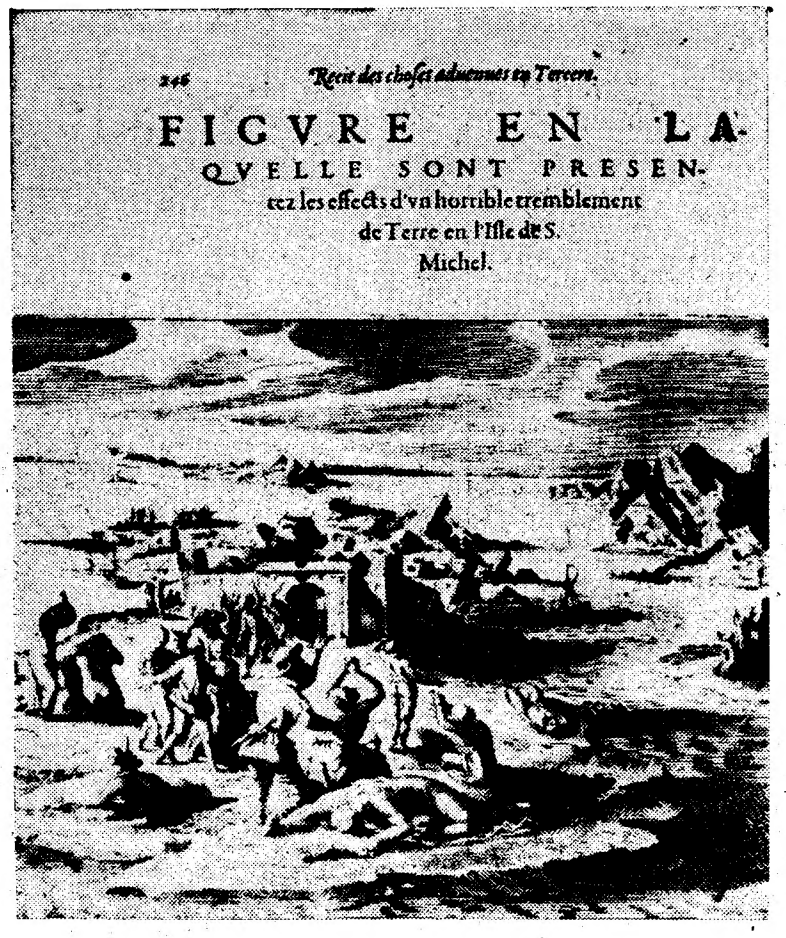
ILVA

existir na
ibliográfico
e Deus, e
Modernas»,
Camilo, e
ez diversas
das quais
Ramos.
... ...
s comentá-
aquilatar o
al do «Can-
a hora de

fé, que se
despedaça!
s, que o na-
da abraça!

o: «Tropeis
ágina)

Costumes dos portugueses



Os efeitos dum horrível tremor de terra na ilha de S. Miguel

OS GRANDES PRÉMIOS DE LITERATURA E POESIA DA ACADEMIA FRANCESA

Pierre-Jean Jouve, Grande Prémio de Poesia-1966 da Academia Francesa

A Academia Francesa atribuiu os Grandes Prémios de Literatura e de Poesia de 1966 respectivamente a Henri Gouhier e a Pierre Jean Jouve.

Catedrático de filosofia na Sorbonne, Henri Gouhier consagrou a maior parte da sua carreira ao estudo da experiência religiosa nos grandes pensadores franceses. É essa a orientação que se documenta brilhantemente em «La Vocation de Malebranche», «Les Conversions de Maine de Biran», «Bergson et le Christ des Évangiles», etc. Além de historiador da filosofia, Henri Gouhier é também crítico de teatro, tendo publicado dois livros de muito interesse no género: «L'Essence du Théatre» e «Le Théatre et l'Existence».

O poeta Pierre-Jean Jouve, Grande Prémio de Poesia, nasceu em Arras em 1887. Publicou «Présences» em 1912, «Le Livre de la Grâce» em 1920, o romance «Paulina 1880» em 1924. Regressando á poesia, que considera «um domínio sagrado, como a religião», publicou «Sueurs de Sang em 1935, «La Vierge de Paris» em 1945 e «Moires» em 1962. É ainda autor de ensaios sobre o «D. João» de Mozart e Baudelaire e tradutor de obras de Shakespeare. Em 1962 foi-lhe atribuido o Grande Prémio Nacional das Letras, em França.

Editores e livreiros na Alemanha Ocidental

Informa o Anuário do Comércio Livreiro da Língua Alemã, há pouco distribuído em décima edição, que existem actualmente na Republica Federal da Alemanha 1758 editoras e 3435 livrarias. A lista contém informações sobre o numero, a estrutura e a sede das editoras e livrarias na Alemanha, na Áustria e na Suíça, desde que estejam filiadas na Associação do Comércio Livreiro Alemão ou nas organizações correspondentes na Áustria e na Suíça. As 1758 editoras alemãs estão distribuídas por 440 localidades. Cerca de dois terços de todas as editoras alemãs estão concentradas em seis grandes cidades. Figura em primeiro lugar Munique com 300 editoras, seguida por Berlim Ocidental com 292 editoras, Hamburgo com 216, Stuttgart com 198, Francfort com 128 e Colónia com 100. Quanto ás 3435 livrarias distribuídas por 1700 localidades, está em primeiro lugar Berlim Ocidental com 379 livrarias, seguindo-se Munique com 280, Hamburgo com 274, Stuttgart com 203, Francfort com 160 e Colónia com 135, para só indicar as cidades mais importantes.

O FUNDO E A FORMA

(Continuação da 1.ª página)

vieram já à baila neste ensaio como exemplares de um desajuste entre fundo e forma: Junqueiro, Eugénio de Castro, Castilho, Teixeira Gomes, Manuel Laranjeira, e, com grandes reservas, Pascoais. Precisemos que o desajuste aqui denunciado se reporta a uma riqueza de forma em oposição com a mediocridade do fundo, ou, ao invés, riqueza de fundo pressentida através da relativa deficiência da forma. Ora nem esses são artistas do primeiro plano de um Tolstoi, um Camões, um Dante, nem as nossas observações aplicáveis aos supremos instantes da sua criação e realização. Aí, perante esses seus mais altos triunfos, nos esquecemos nós outros de lhes distinguir fundo e forma. Então sentimos, e até sem o conscienciarmos, que não podia *aquilo ser dito* de *outra maneira*, ou que essa é a melhor *maneira* de dizer *aquilo*.

Qual a conclusão do que temos estado dizendo, se é que é tempo de algo concluirmos? Pelo menos, a que nos temos vindo encaminhando? A três observações fundamentais, contudo não oferecidas aqui senão como hipóteses: A obra de arte ideal é uma unidade que nos não permitiria de compô-la em expressão e expresso. Na medida em que se aproxima de essa realidade ideal, esquiva-se a obra de arte à decomposição. Só os maiores realizadores artísticos *se aproximam* de essa realidade ideal — ou qualquer realizador artístico nos seus instantes supremos.

Chegar a tal aproximação, (já que não à própria idealidade) eis o sonho de todos os artistas. E como? Pela inspiração, dizem alguns, e a esta resposta chamam hoje romântica. Pela técnica, dizem outros, (ou o trabalho, o esforço, a experiência e a experimentação, a cultura, a vontade aplicada) e esta resposta é hoje tida por *moderna*. Assim a inspiração é objecto do desdém e da ironia de uns, como o é de outros a técnica. Tentarmos definir aqui a *inspiração*, seria desviarmo-nos para novo atalho. Todavia, a inspiração é um fenómeno de que, por diversos modos, muitos e muitos artistas têm dado testemunho, e que não pode ser negado. Perfeitamente admissível é que bem o conheçam vários que, por uma espécie de dandismo, se comprazem em mascará-lo ou negá-lo. Ser poeta — ou, por outras palavras, ter génio — é possuir continua, muitas vezes latente, muitas vezes manifesta, a capacidade da inspiração. Por ausência ou deficiência de inspiração falham (onde esta falhe) todos os experimentalismos que pretendem renovar as formas estéticas, e ficarão registados na História da Literatura como pequenos movimentos efémeros. De igual modo não pode ser negada, nem obscurecida, a colaboração da técnica na realização artística, e todos os artistas sabem que também são artífices, todos os criadores que também são experimentalistas. Do perfeito equilíbrio entre esses dois agentes — a inspiração e a técnica — nasceria a obra perfeita. Da aproximação de esse equilíbrio nasce a obra mais cedo ou mais tarde clássica.

Pendem certos temperamentos para a confiança excessiva na inspiração, menosprezando o trabalho de experimentação, correcção, apuramento, e confundindo frequentemente a facilidade retórica ou o substituto *verbal* com a inspiração autêntica. De estes é costume dizer que dão predomínio ao fundo sobre a forma (o que aliás é falar sem propriedade) e no desequilíbrio de estes se baseiam, e acham razão aparente, os que desdenham da inspiração: dos seus acasos, da sua arbitrariedade, dos seus bons êxitos superficiais. Outros temperamentos se inclinam para o *trabalho* na realização artística, tudo ou quase tudo fiando da vontade, do cálculo, do gosto, da escolha. Nas mãos destoutros se desequilibra a obra no sentido oposto: no do formalismo de todos os tempos e modalidades. Se os primeiros têm vindo rareando na arte contemporânea, (não lhes sopram favoráveis os ventos) pelo contrário tem esta vindo a abrir portas aos segundos. Já escritores escrevem sem nada terem que dizer, ou pouco lhes interessando dizerem seja o que for; já a linguagem se transformou de meio em fim; já as obras desistem do seu acabamento para se vangloriarem de experiências; já, em suma, se implantou na arte o intelectualismo sob todas as formas, incluindo a de um neogongorismo, e até sob a aparente negação do mesmo intelectualismo: como, por exemplo, em certas fabricações de um surrealismo voluntarioso. Se no período chamado gongórico subiu ao mais alto grau o gosto das esquisitices formais em desfavor do fundo humano das obras, (o que não deve desinteressar-nos de toda a poesia de esse período) por certo se pode falar hoje num neogongorismo apresentando as mais variadas modalidades. Nisto pensávamos quando, atrás, afirmávamos a importância para a arte moderna de quaisquer especulações sobre fundo e forma.

Dizer, no meio de tudo isto, que a forma cria o fundo ou o fundo cria a forma — não é senão tapar com uma das tais soluções verbais (ou respostas retóricas, um alçapão que permanece aberto. Se algum sentido oferece a frase, reduz-se ao de que fundo e forma se co-exigem e interpenetram, o que já sabemos. E voltamos sempre ao mesmo: Na obra ideal — na obra perfeita — o fundo e a forma são um só substantivo. Eis do que se aproximam as obras-primas (que não são perfeitas, mas nos sugerem a perfeição) e os fragmentos supremos de qualquer verdadeira obra. No facto de não serem possíveis à obra de arte senão tais aproximações — e assim se manter na obra de arte a distinção fundo e forma — se manifesta mais uma vez a imperfeição das obras humanas. Substituindo pelo de impureza o termo de imperfeição, agora passaremos a ensaiar algumas observações e reflexões sobre aquilo porque principiámos: Se a arte é expressão, que pode importar na obra de arte o carácter ou qualidade da coisa expressa?

JOSÉ RÉGIO

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

anuncia

O 3.º VOLUME DA

História Universal

de CARL GRIMBERG

«Do Apogeu da Grécia Clássica á Civilização Helenística»

A história maravilhosa da antiga Grécia estudada por um grande historiador do nosso tempo.

Milhões de exemplares vendidos no mundo inteiro.

Uma história da humanidade apresentada em pequenos volumes profusamente ilustrados a cores e a preto e branco

252 págs. 35$

A sair em breve:

4.º volume: «A Grécia e as Origens do Poderio Romano».

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Apartado 8 — MEM MARTINS

Rua dos Flores, 45-2.º — LISBOA - 2

AS «MEMÓRIAS» DE MADAME ROLAND

Na colecção *Le Temps Retrouvé*, da editora «Mercure de France» foram agora publicadas, com um estudo de Paul de Roux, as anotações diárias de Madame Roland, que foi a inspiradora dos girondinos durante a Revolução Francesa. O documentário abrange mais de quatrocentas páginas e é um depoimento apaixonante sobre os primeiros tempos da Revolução e o Terror.

PEQUENO MAGAZINE

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 21 de Julho de 1936 publicava:

«MADRID, 21. — Para cortar a passagem aos rebeldes que deviam vir de Segóvia em direcção á capital, as tropas fiéis fizeram saltar a ponte entre Vilalva e Torrelodones.

«As milicias populares ocupam a estrada a norte, desde Madrid até 60 quilómetros da capital.

«Todos os automóveis que se dirigem a Madrid são cuidadosamente revistados e verificada a identidade dos seus passageiros.

«Pela estação Rádio de Sevilha, o general Queipo de Llano proclamou em nome do general Franco, a ditadura militar em toda a Espanha.»

CURIOSIDADES

● Estudantes estrangeiros na Alemanha

No segundo semestre do ano lectivo de 1965/66 o número de estudantes estrangeiros na Alemanha chegou a ser aproximadamente de 26 400 (mais de oito porcento do total da juventude estudantil alemã).

Cerca de 2800 estudantes, isto é, cada décimo estudante estrangeiro e uns 500 cientistas do exterior, receberam bolsas de estudo do Ministério das Relações Exteriores.

● O acidente salvou-o da tragédia!

O destino é caprichoso e pode fazer até que um desastre, de tão trágicas consequências, salve a vida ao protagonista afortunado...

Um francês de Alençon, Emile Fauguet, militar reformado, fora ao campo apanhar cogumelos para uma deliciosa iguaria. Quando regressava a casa, por precipitação ao fazer uma curva, caiu desastradamente da bicicleta. Conduzido ao hospital, um dos médicos reparou nos cogumelos. e informou-o de que a queda lhe salvara a vida — os cogumelos eram venenosos.

● Os perturbadores ruídos nas cidades modernas

Há, por toda a parte, a preocupação de banir os perturbadores ruídos das cidades. Agora, por iniciativa do «Ente Provinciale per il Turismo» desenvolve-se larga campanha publicitária com tal objectivo em Roma.

Foi lançado um concurso de cartazes sobre motivos que despertem o espírito de autodisciplina conducente a abafar o barulho provocador de grandes e perigosas nevroses colectivas. A «Campanha publicitária de 1766, contra os ruídos» é considerada de tão delicada importancia que o juri na sua severidade não atribuiu qualquer primeiro prémio, mas sim um 2.º e um 3.º. Admitiu, contudo, outros motivos extraconcurso, distinguindo a sensibilidade artística e a eficiência dos realizadores.

—As férias foram boas, Isaura, mas não há nada como a nossa casinha...

EFEMÉRIDES
Julho

- 1597 — Dia 21 — *Desmoronamento parcial e volumoso do morro de Santa Catarina, umas das sete colinas clássicas de Lisboa.*
- 1704 — *Tomada de Gibraltar pelos Ingleses.*

ANEDOTAS

■ **Dizem que as morenas são mais dadas que as louras.**

— Dizem, pois dizem. Mas a minha mulher já foi três vezes loura e duas morena, e não lhe achei nunca a mínima diferença.

★

■ Um sexagenário apaixonou-se perdidamente por uma jovem empregada. Convida-a a passear com ele: a empregada recusa. Novos convites: teatro, restaurantes, férias na Suíça. Nada feito. Até que um dia o nosso D. Juan, já irritado, pergunta:

— E' capaz de me explicar o que espera de mim?

— Que tenha menos quarenta anos — responde a jovem.

■ **Frank Sinatra é abordado por um senhor de meia idade:**

— Conheço-o de qualquer lado. Como se chama?

— Sinatra — responde o actor.

— Tem piada, a sua cara não me é estranha.

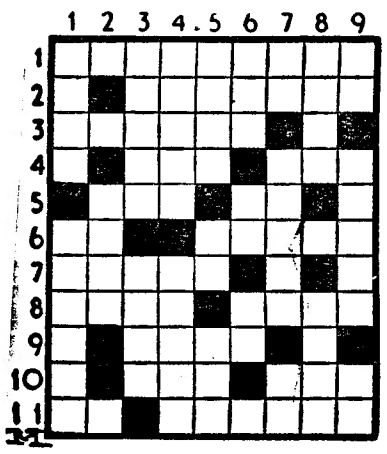
— Talvez do cinema — lembra Frank Sinatra.

— Talvez. O senhor não costuma ir para o primeiro balcão do «Empire»?

★

■ As mulheres de trinta anos parecem sempre mais velhas que os homens da mesma idade. A razão é simples: todas as mulheres de trinta anos têm mais de quarenta.

PALAVRAS CRUZADAS



(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA, N.º 4169

HORIZONTAIS: 1 — Expandir. 2 — Obriga-se a. 3 — Arrancado. 4 — Ena! Dirigi-me. 5 — Andes. Senhor (abrev.). 6 — Aqui. Escasso. 7 — Doutor da lei, entre os muçulmanos. 8 — Dividiu ao meio. Emperre. 9 — Convivo. 10 — Prefixo que designa ouvido. Relação. 11 — Fazes parte. Não mencionada.

VERTICAIS: 1 — Grande quantidade. Satisfaz. 2 — Significa. 3 — Rio da Alemanha, que passa em Berlim. Deus dos ventos. 4 — Lavrais. Demasiadamente. 5 — Banquete de casamento. Utensílio de padejar. Privilégio. 6 — Potrão. Solitário. Preposição e artigo. 7 — Crença. Desfrutam. Réis (abrev.). 8 — Que não crê em Deus. Hábitos 9 — Arguida. Separe. Além.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4168

HORIZONTAIS: 1 — LINDA. Ia. 2 — Muezins. 3 — Cão. Poros. 4 — Ró. Fu. 5 — CARA. Ai. 6 — Pesar. Fá. 7 — Cá. Tragam. 8 — Aleia. Rs. 9 — MEIO. DOTE. 10 — Par. Tosar. 11 — Orem. Rara.

VERTICAIS: 1 — Acre. Campo. 2 — Ão. Palear. 3 — Imo. Ce. Eire. 4 — Nu. Fastio. 5 — Depurara. 6 — Azo. Ara. Dor. 7 — Irá. Grosa. 8 — Ino. Afastar. 9 — Asseiam. Era.

(Provérbio: LINDA CARA, MEIO DOTE).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8014

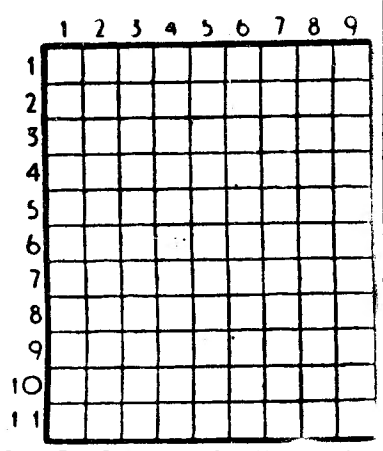
HORIZONTAS: 1 — Vila e concelho do distrito de Santarém. 2 — Esteiro. Rezo. 3 — Cobalto (s. q.). Senhor em inglês. Pedra de moinho. 4 — Pesquisaram. 5 — Rio de Itália. Edaz. 6 — Vagueia. Rezem. 7 — Regulava. Artigo definido. 8 — Apanhas. 9 — Nota musical. Patrão. Porco. 10 — Nome de mulher. Acreditei. 11 — Disporia em camadas.

VERTICAIS: 1 — Qualquer porção de uma curva. Mete em mala. 2 — Atilho. Ruga. 3 — Aqui. Peça de fios torcidos uns sobre os outros. Antes de Cristo. 4 — Apelido. Desvairada. 5 — Escuridão. Equipam. 6 — Enganado. Preposição e artigo definido. 7 — Laço. Invulgares? Símbolo químico do crómio. 8 — Importunes. Prefixo que designa três. 9 — Adicionem. Corpo flutuante, preso a uma corrente, para indicar ancoradouro ou o caminho a seguir pelos navios.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8013

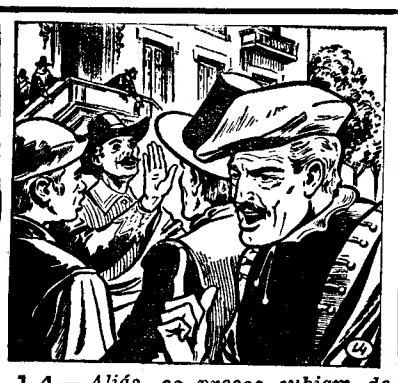
HORIZONTAIS: 1 — Fada. Arão. 2 — Amei. Peco. 3 — Amo. Ama. 4 — Aro. Ota. 5 — Carapuças. 6 — Al. Na. 7 — Ema. Tré. 8 — Sr. Rua. Im. 9 — Agog. Rirá. 10 — Ou. Aba. Ag. 11 — Siar. Mosa.

VERTICAIS: 1 — Fa. Aca. Sãos. 2 — Amarara. Ergui. 3 — Demoram. 4 — Aio. Alargar. 5 — Op. 6 — Apa. Untaram. 7 — Remoçar. 8 — Acata. Eiras. 9 — Oó. Aso. Maga.



FACTOS REAIS «A AVENTURA DAS TULIPAS»

13 — *Um dos raros fenómenos da História comparável a esta paixão provocada pelas tulipas na Holanda do século XVIII é a corrida ao ouro na Califórnia do século passado: o mesmo clima de paixão azsurda, de loucura colectiva, inspirado pela oportunidade quase unica de fazer fortuna em poucos dias. Por vezes um concurso de circunstancias acidentais fazia sair da terra, entre muitas tulipas vulgares, um exemplar dotado de cores imprevistas. Era o resultado do que hoje chamamos «mutação». Estes acidentes da Natureza receberam, na Holanda, a designação de «sport». Para muita gente o «sport» tornou-se uma obsessão: valia imenso dinheiro.*



14 — *Aliás, os preços subiam de forma astronómica. Os bolbos, agora transportados com extremo cuidado, cresciam sob a guarda vigilante dos jardineiros armados. Valiam o seu peso em ouro, o que de nenhum modo é uma fórmula estilística: eram vendidos de facto ao peso. A unidade de peso utilizada era o «grão» (5 centigramas). Os bolbos serviam de termo de comparação para o cálculo do valor da moeda. Por um bolbo da espécie «Vice-rei» um amador deu dois carregamentos de trigo, quatro de cevada, quatro bois, doze carneiros, oito porcos, 125 galões de vinho, 144 galões de cerveja, dois barris de manteiga e mil libras de queijo — o equivalente a 2500 florins. Um «Admiral Liefken» atingiu 4400 florins e um «Semper Augustus» 5500!*

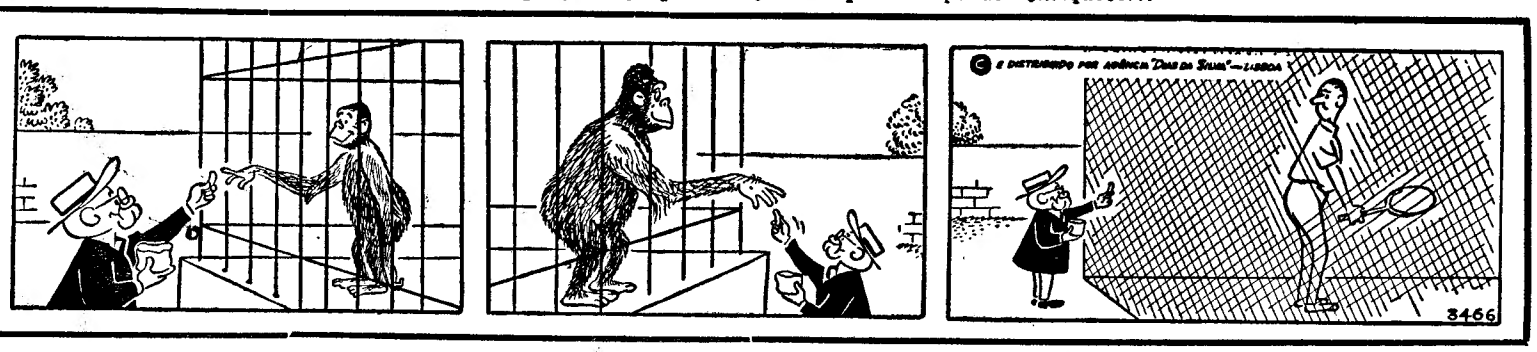
15 — *Em certos indivíduos chegou mesmo a produzir-se uma espécie de mística da tulipa. Havia quem se apaixonasse tanto por uma flor rara que já não queria desfazer-se dela. Cita-se o caso de um amador de tulipas que conseguiu produzir uma variedade absolutamente excepcional. Não se resignava a vender um só exemplar que fosse. Acabou por espezinhar e destruir os seus bolbos (afinal sem preço), preferindo esse acto de desspero á tentação de vendê-los.*

16 — *Mas a maioria das pessoas queria apenas enriquecer.*

Simples jardineiros tinham juntado em pouco tempo grandes fortunas. Alguns intermediários, absolutamente ignorante sobre o que fosse uma tulipa, enriqueciam em poucas horas. Perante tais exemplos toda a gente queria entrar no «jogo das tulipas». Pais de família, magistrados, professores e funcionários abandonavam a clientela, o cargo, a profissão, vendiam a casa, hipotecavam os seus bens, sacrificavam as suas economias para as enterrarem sob a forma de bolbos de tulipas. Tudo isto acabaria mal...

(Continua)

AVENTURAS DO TIO CARLOS



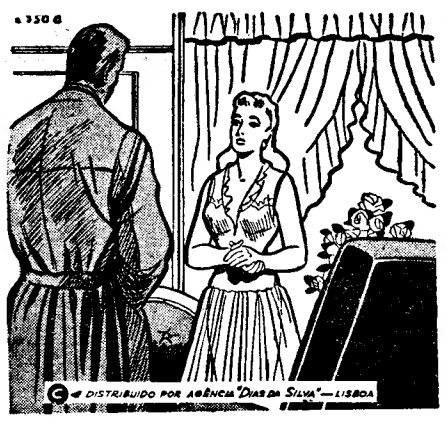
«Testemunha inesperada»

por CLAUDE DUPRÉ

RESUMO — Gisèle Mercier apaixonou-se por Bernard Larivière, que conheceu num «cocktail» em casa de uns amigos comuns, mas vem a saber pouco depois que a mulher de Bernard, Claire, apareceu afogada no Sena. Pela fotografia que os jornais publicam Gisèle repara num pormenor estranho: a mulher que ela viu em companhia de Bernard no dia do «cocktail» não era Claire, embora estivesse vestida como ela. Teria Bernard procurado estabelecer um alibi? Dias depois Gisèle é assassinada.

13 — Após algumas horas de resistência, Bernard entrega-se inesperadamente. Parece ter perdido toda a coragem. «Vou confessar a verdade», exclama. «É a unica maneira de me safar...». O viuvo de Claire inicia um longo relato. Há muito que não se entendia com a mulher. Uma discussão mais acesa levou esta a afastar-se de Paris. «Foi no dia 27, pouco antes do meió-dia», precisa Bernard. «Não sei a que horas apanhou Claire o comboio, mas saiu de casa ás onze. Eu sentia-me tão cansado e tão desanimado que resolvi telefonar a uma amiga. Uma rapariga nova e encantadora. Chama-se Laura Desprès e mora na Rua Pompe». Acrescenta com um certo cansaço: «Laura adorou instalar-se em minha casa, sentia-se vingada da sua posição subalterna. Que tolice! tão perto do divórcio, e meter a amante em casa! Nem pensei em ser prudente... Mas de qualquer modo foi para não exagerar que Laura vestiu uma gabardina de Claire. Tinham mais ou menos o mesmo corpo. Assim enganaríamos os vizinhos...».

14 — O comissário Pariot ouve atentamente o relato feito por Bernard. Este descreve agora a chegada apressada de Laura, a sua passagem meteórica junto á porta da casa da porteira. «Ficou comigo até ás seis e meia», acrescenta Bernard. «Depois tive de ir a um «cocktail», de modo que deixei Laura no centro». «Porque mentiu a Gisèle Mercier?», pergunta Pariot em tom incisivo. «Bem vê, senhor inspector, eu estava preocupado com os rompantes de Laura... Gisèle pensava que me tinha visto com Claire. Era melhor concordar. Uma mentira sem importancia». «E não se preocupou em saber notícias de sua mulher?», insiste Pariot. «Claire pretendia fazer uma cura de silêncio e de repouso. Bastava-me saber isso». Larivière parece ter recuperado a calma. Explica então porque razão achou melhor trocar a hora da partida de Claire quando interrogado pela Polícia. «Na opinião de toda a gente Claire estivera comigo até ás seis e meia... Agarrei-me a esta mentira com unhas e dentes. Dizer outra coisa seria o mesmo que confessar a comédia...». Conta depois a sua aventura com Gisèle, mas afirma que não a viu na noite do crime. Tocou á campainha, sim, porém, Gisèle não veio abrir



15 — «As histórias deste patife cheiram-me a esturro», comenta Pariot para o adjunto. «Não pode negar que parou o carro diante da casa de Gisèle Mercier mais ou menos á hora do crime. Diz-me agora que andou a cirandar pelo bairro, á procura de cigarros... Bem, veremos se a tal Laura confirma isto». Pariot dirige-se á Rua Pompe. Gosta de interrogar as pessoas no seu ambiente próprio. Laura Desprès recebe-o num apartamento luxuoso. É uma rapariga loura, de aspecto frágil, muito bonita. Está pálida e sente-se desamparada. As suas palavras assemelham-se á confissão de uma menina que não estudou a lição. Confirma as declarações de Bernard. «Que diabo», pensa Pariot, «se ela e o amante organizaram de facto esta comédia, não há nada a fazer».

16 — Nessa noite Pariot está muito cansado, mas apesar de tudo mastiga os pormenores do caso com o adjunto. «Esta malta mente com quantos dentes tem na boca. São mentiras de bom tom, elegantes, mundanas, quase delicadas. Temos de os tratar de luva branca e com caldinhos de galinha. Prefiro a minha clientela habitual da choldra. Ao menos esses não têm papas na língua, é tudo a sério. E podemos contar com os informadores...». Pariot conclui: «Em todo o caso uma coisa é certa — Bernard traz as mulheres pelo beicinho. Se visses o ardor com que a loura o defende... E Christine também já estava emocionada durante a acareação. Comia-o com os olhos. Um tipo de mulher que é preciso ter debaixo de olho. Cautela! Veemente, desengraçada... recalcamentos em série». «O senhor inspector acha que Christine matou a amiga?», exclama Gérard. «Porque não?», murmura Pariot. «Gisèle era bonita, talvez Christine tivesse ciumes... Amanhã vais-lhe na peugada».

(Continua)

O poder do silêncio em Camilo

(Continuação da página central)

que se despedaçam! Credo!»

«E outra, mais extensa, em final de capítulo: *Este poema é um acervo de disparates. Não há ahi idea aproveitável que não surda em verso vêsgo ou derreado. Confirma-se a mª. suspeita de que este bardo dispara em sandeu, mais dia menos dia; e, quando isso acontecer, não quizera eu estar á beira delle! há-de ser demência furiosa*».

... ...

No aludido volume — «Odes Modernas» — composto em Coimbra, na Imprensa da Universidade, em 1865, 1.ª edição, escreveu ao alto da contracapa, o poeta dos *Sonetos:*

Ao Ex.mo Sr. Camillo Castello Branco
off.
Anthero de Quental

Até á página 51, as anotações sucedem-se, algumas mais contundentes do que as já transcritas, mas... é nessa página — sensivelmente a um terço do volume — que surge *Ideia*, a série dos sete sonetos, e onde se lê, em letra de forma:

Ao Sr. Camillo Castello Branco

Ao deparar com tal dedicatória, Camilo parou com os comentários!...

Cremos que Alexandre Cabral desconhece tão *revelador silêncio*, e, sem que isso em nada afecte o valor da sua obra, afigura-se-nos de interesse revelar o facto por o considerarmos uma faceta curiosa de tão complexa personalidade.

Foi, afinal, o efeito produzido por essa deferência de Antero que levou Camilo a tomar como alvo Teófilo Braga, animosidade que jamais cessou, como o comprovam as polémicas seguintes, com Silva Pinto, em 1874, e com Alexandre da Conceição, em 1881.

No entanto, é inegável que existia um fundo humano em Camilo, que o infortúnio, próprio ou alheio, fazia aflorar fàcilmente.

João de Deus Ramos, ocupando-se de Camilo na sua já referenciada obra, recorda que, quando da morte dos dois filhos de Teófilo Braga, com o intervalo de três meses, o poeta-educador da *Cartilha Maternal* convidou Camilo a colaborar numa «Coroa de Saudades» destinada a suavizar tão profundo desgosto.

Camilo respondeu:

Meu prezado João de Deus
Nas onze duzias de livros que fabriquei, não há uma alegria. As minhas elegias são tristezas incomunicáveis.
Lida a sua estimada carta, escrevi isso que remeto. Consulte T. Braga. Fomos inveterados inimigos em letras. Que não vá a minha intervenção na sua dôr causar-lhe desgosto.
Aqui estou quase cego, paralítico, ao lado de um filho querido e mentecapto que já tentou matar-me. Haverá grandes desgraçados, que comparados comigo, se considerem quase felizes.

Abraça-o o seu velho amigo
C. Castello Branco.

O soneto «A maior dor humana», que acompanha a carta, era datado de Junho de 1886, e foi incluído no livro «Nas Trevas», a última obra de Camilo, editada em 1890, ano em que pôs termo á sua amargurada existência.

ZACARIAS DA SILVA

CONCURSO FOTOGRÁFICO FERROVIÁRIO

Assinalando a conclusão próxima da electrificação da linha do Norte até Campanhã e simultâneamente os 50 anos da estação de Porto-S. Bento, o «Boletim da C. P.» promove um grandioso concurso fotográfico, válido até 31 de Agosto, com produções a preto e branco que serão expostas na estação principal da capital nortenha, em Outubro.

Temas admitidos: «A estação de S. Bento, em qualquer dos seus aspectos», Locomotivas anteriores á época da inauguração de Porto-S. Bento (1916)» e «Electrificação da linha do Norte».

Serão atribuídos numerosos e valiosos prémios.

O «Boletim da C. P.» — Estação de Santa Apolónia — Lisboa, enviará gratuitamente o Regulamento do concurso a quem o solicite.

ALÉM DA QUALIDADE

PHILIPS

75 ANOS DE PROGRESSO — PHILIPS — 1891-1966

COMPRE MAIS BARATO
A PRONTO OU A PRESTAÇÕES
...MAS SEMPRE COM
GRANDES FACILIDADES

AOS COMPRADORES DE TELE-RECEPTORES, FRIGORÍFICOS, RADIOGRAMOFONES DE MÓVEL, MÁQUINAS DE LAVAR E GRAVADORES
OFERECEMOS UM RÁDIO TRANSISTORIZADO
QUE PODE UTILIZAR EM CASA, NA PRAIA OU NO CAMPO
VISITE-NOS E BENEFICIE DAS VANTAGENS DESTA SENSACIONAL

CAMPANHA DA PRIMAVERA

CASA FIGUEIROA
Rua Macau, 8-B — LISBOA — Telefs. 847835/832556

FRIGORÍFICOS

QUEM PRECISA PROCURA
QUEM PROCURA ESCOLHE
QUEM ESCOLHE COMPARA
QUEM COMPARA DECIDE-SE

NA GRANDE EXPOSIÇÃO
do Largo de Santa Bárbara, 13-1.º — LISBOA
ONDE SÃO REALMENTE MAIS BARATOS

A FORJA?

AUTOMOTORAS DE FIM-DE-SEMANA PARA O ALGARVE

Comunica-nos a C. P. que no sábado, dia 23, efectuar-se-á novamente a automotora para serviço publico, entre Barreiro e Vila Real de Santo António-Guadiana, servindo o ramal de Lagos, com partida da estação de Lisboa (Terreiro do Paço) ás 13-40 h. e chegada ás 8-55 h; a Vila Real de Santo António-Guadiana ás 19-55 h; a Portimão ás 19-06 h e a Lagos ás 19-32. O regresso efectua-se no domingo, dia 24, com partida do apeadeiro de Vila Real de Santo António-Guadiana ás 19-35 h; de Faro ás 20-31; de Lagos ás 19-48 e de Portimão ás 20-13 h, com chegada a Lisboa (Terreiro do Paço) á 1-30 h.

AUTOMÓVEIS
ALUGUER
SEM CONDUTOR
BRUNAUTO, L.DA
MAIS DE 100 VIATURAS À ESCOLHA
Especialistas em alugueres mensais
Rua Joaquim Bonifácio, 10-A
Telefones 539168 e 539345

A FORJA?

A FORJA?

LAVOURA

Grande, distrito de Évora, conselho de Arraiolos, dá-se de parceria á percentagem óptimas terras de semeadura, para temporão e serôdios, a começar em 1 de Setembro de 1966, com alqueives e relvas para oitenta moios, apròximadamente, já feitos.

Dá informações em Évora, e mostra condições, o Senhor Cid da Silva, Rua do Cano, n.º 9 (ás terças e sextas-feiras).

CAMINHOS DE FERRO

Comunica-nos a C. P. que a partir de 15 do corrente são feitas diversas alterações ao Horário em vigor nas seguintes linhas:

LINHA DO NORTE
(circulações ascendentes)

TRANVIAS — PORTO-AVEIRO

Os pormenores destas alterações constam de Cartazes afixados nas estações para consulta do Publico que também pode obter outros esclarecimentos nas Secções de Informação.

SILENCIOSOS E PORTA-BAGAGENS
Montagem rápida

Silenciosos para todas as marcas de carros e tubos de escape, temos em «stock», fazemos todos os modelos assim como para camions e tractores

VIANA & FILHOS, LDA.
Rua Actor Tàborda, 20
Telef. 734688
(ao Saldanha)

LIVROS & AUTORES

APRECIAÇÕES CRÍTICAS DE MÁRIO SACRAMENTO E GASTÃO CRUZ

«CONDENADOS A VIDA», sequência dramática de LUIZ FRANCISCO REBELLO, 2.ª edição (Presença)

«TEATRO MODERNO, caminhos e figuras», por LUIZ FRANCISCO REBELLO, 2.ª edição (Prelo)

Há no teatro de Luiz Francisco Rebello um contraponto sobrenatural que não tem uma função interpretativa da realidade, mas explicativa ou realçante da frustração que a morte representa e da inconsciência com que o homem se comporta perante esse desfecho iminente de todas as suas canseiras e projectos. O que ele próprio implicitamente filia em Strindberg; parece-me, quando escreve no seu livro de introdução ao «Teatro Moderno»: «O verdadeiro caminho era o de um Strindberg, que de uma realidade literal e minuciosamente transcrita soube elevar-se ao plano de uma sobre-realidade que veio projectar uma nova luz sobre a condição humana».

Simplesmente, a sobre-realidade correspondeu, em Strindberg, a uma interpretação mística do real, mais evidente nas peças da sua ultima fase mas presente em todas elas, que a misoginia do

LUÍS FRANCISCO REBELLO

autor — como pode verificar-se pelos escritos que as crises de depressão lhe inspiraram, do mesmo passo que o levavam ao ocultismo, à alquimia, ao delírio persecutório — transpôs em «indistinção entre a arte e a existência», como escreve Robert André. E em Rebello ela é uma convenção estética que o aproxima do teatro do absurdo, como pode ver-se por esta peça que interpreta a vida como condenação transcendente mas reduz a morte a esquecimento, a nada.

A função da transcendência era convencional também, nas obras anteriores, mas mais indirecta, mais alegórica: ela buscava desvalorizar, sobretudo, a suficiência acrítica com que confiamos num real que é tão precário, em sua representação, quanto o é a duração da nossa própria vida. Pelo que propunham que revertêssemos dessa contingência à verdade essencial da condição humana, arancando a *«pele de empréstimo»* que as circunstâncias nos apensaram. Que verdade possa ser essa, em sentido temático, não o disse nem o dirá nunca Rebello, evidentemente. Nem o problema é esse, que sim o de reconhermos qu é nossa condição mditarmos nisso, pois só desse modo podemos libertar-nos do que nos tolhe, nos mistifica e nos aliena. Mas já em tempos notei que tal libertação só tera sentido se tiver um significado concreto, pois arrancar a pele, a máscara da mentira social tem de implicar um devir humano, já que o homem absoluto e eterno é um puro limite da especulação abstracta.

É nesse contexto que «Condenados à Vida», representa um entroncamento, quero crê-lo, entre a obra realizada e a obra a haver de Luiz Francisco Rebello. A morte já não nos concita, apenas, a *«esquecermos o papel que aprendemos, para vermos o que realmente somos»*, como anteriormente fazia. Ela funciona como uma máquina de absurdo que desvaloriza metafisicamente a vida, assumindo as funções do destino na tragédia clássica, cuja arbitrariedade era tão implacável como o é um desastre de avião.

Em contrapartida disso, a vida é transcrita com mais íntima precisão. Os problemas já não aparecem enredados nas malhas de designações tão vagas como as de «dinheiro» e «mundo». Os conflitos concretizam-se, interligam-se, iluminam-se em termos de análise social que os despe, os disseca, os expõe com lucidez específica e apropriante. A linguagem teatral atinge o seu máximo de pureza. O estilo, uma unidade sem quebras.

Mas, se a vida não tem sentido senão em termos de uma transcendência que é em si mesma absurda, que futuro poderá ter a dramaturgia de Rebello? E aqui descobrimos nós que a leitura estava incompleta, pois todas as leituras são sempre incompletas e por isso é preciso retomá-las dum ponto de vista crítico. Com efeito, se a morte desvaloriza metafisicamente a vida, é ela, afinal, a mais desvalorizada, uma vez que conduz ao esquecimento, ao nada e nem sequer reganha a vida como contraste crítico dela, ao contrário do que ocorria anteriormente.

Retomo assim o que escrevi em 1959 (como o tempo passa!) sobre os dois volumes de «Teatro» de Rebello: «Diz Branca que, no limiar da morte, *as mentiras desfazem-se como bolas de sabão*. E, desfazendo-se, que deixam? Será a consciência do homem algo de substancial que as mentiras só recobrem? Ou terá o que chamamos mentira um valor inseparável do que chamamos verdade e do que chamamos consciência? Não obrigará a superação dum tipo de consciência a criar, acto contínuo, uma nova consciência, mediante um conflito em que as mentiras da primeira, longe de constituírem um verniz, são factores preponderantes no processo de eclosão da segunda?». E confrontô-lhe o que Luciana diz nesta peça: «*Nada é mentira... A mentira é apenas uma verdade que ainda não aconteceu... Ou que não chegou a acontecer*». Mas isto di-lo ela no plano do sobrenatural, plano esse em que «morrer não é mais do que voltar / a antes de nascer» — segundo a epígrafe de Teixeira de Pascoaes, aposta no átrio do volume — e, nesse plano, o esquecimento, o nada da morte pode ser também a transição para um renascimento, uma metempsicose. Em conformidade com isso, o Afonso-ainda-nascituro diz: «*a vida talvez seja isso mesmo: um sonho absurdo e sem sentido;* e o Afonso-já-nascido completa: «*ás vezes penso que podíamos não ter nascido. Que é só por acaso que estamos no mundo. Porque há-de então ter sentido a vida, se depende apenas dum acaso? Viver é tão absurdo como nascer e morrer...*»

Este absurdo não invalida, todavia, a realidade das vivências, o seu sentido de luta e transformação constantes que a peça, no plano da vida, transmite. O absurdo não está neste plano, portanto, senão na medida em que o confrontarmos com o da morte — que deixa de ser um *plus ultra* ou até um *non plus* para se tornar um a mais. Um parêntesis da imaginação. Um arrepio de medo ancestral. Um acidente (no sentido exacto da palavra) que não amplia nem explica a vida. E não suprime, sequer, o que há nela de mais essencial, pois o que estava truncado estava-o já antes dela (Luciana e Afonso não chegaram a ligar-se em vida).

A morte completou assim um ciclo na obra de Rebello. De acusadora passou a ré. Não é a vida que desvaloriza, mas ela própria, pois aquela é a única realidade expressa com coerência interna.

Por outro lado, o absurdo esvai-se de sem-sentido, pois podendo tê-los todos não tem esse. A própria cena da conversa absurda entre os dois frequentadores do café seria possível encontrar múltiplas chaves, mas nunca a do sem-sentido.

Que vai seguir-se então na obra de Luiz Francisco Rebello? Inútil e descabido seria querer adivinhá-lo. Mas note-se que todas as suas peças transpõem para o sobre-real a dramatização dos conflitos humanos. É Rebello quem diz, nesse longo e admirável ensaio que é o seu «Teatro Moderno» (há pouco republicado em edição ampliada), que «*o mundo incongruente e absurdo em que estamos não o é por fatalidade metafísica, mas sim por implicação histórica*».

Resta dizer que teatro quer palco e que todos nós ansiamos pela representação desta peça.

MÁRIO SACRAMENTO

«BOCA BILINGUE» por RUY BELO (Ática)

Embora a publicação do primeiro livro de Ruy Belo, «Aquele Grande Rio Eufrates», date de 1961, as características da sua poesia levam-nos a integrá-la no ciclo de produção da década de 50 — mais uma prova de como estas separações da evolução artística em gerações, décadas, etc., são necessáriamente imperfeitas e devem estar sujeitas a correcção constante. O mesmo acontece com um Fernando Echevarria, um Herberto Helder, um João Rui de Sousa, todos estes, aliás, estreados, em volume, mais cedo que Ruy Belo.

São estes quatro, parece-me, os mais notáveis representantes do que poderemos chamar uma *segunda camada da geração de 50*. Na verdade, os primeiros indícios da actividade destes poetas não são anteriores a 1955, ano em

RUY BELO

que os principais órgãos da geração de 50, «Távola Redonda» e «Árvore», estavam extintos, e o movimento de maiores consequências para essa geração, o surrealismo, estava já práticamente esgotado. Por outro lado, enquanto que as datas do nascimento dos principais poetas da *primeira camada da geração de 50* oscilam entre 1920 (Raul de Carvalho) e 1927 (David Mourão-Ferreira), as dos citados, da segunda, vão de 1928 (João Rui de Sousa) a 1933 (Ruy Belo). Os nascimentos dos poetas da *geração de 60*, por sua vez, são todos posteriores a 1936, isto é, nenhum destes atingiu ainda os trinta anos.

Estes dados não possuem (pelo menos, as datas dos nascimentos), evidentemente, um grande significado, mas poderão ajudar o leitor destas notas, acaso não muito familiarizado com o panorama da poesia portuguesa mais recente, a estabelecer perspectivas ou a melhor compreender algumas relacionações aqui tentadas.

Disse atrás que, pelas suas características, a poesia de Ruy Belo se integra no ciclo de produção da década de 50. Convirá determo-nos, pois, algum tempo, no exame dessas características.

A que mais imediatamente se nos impõe é porventura a sua fecundíssima imaginação discursiva. Ela bastaria para determinar o referido vínculo com a poesia de 50. Apesar de o primeiro livro de Ruy Belo ser de 1961, a arte deste poeta é nitidamente *anterior* ás experiências de dissolução do discurso que, nesse mesmo ano, alguns poetas mais novos realizavam. Note-se que o uso do qualificativo *anterior* não possui qualquer sentido limitativo. Ruy Belo e Herberto Helder são talvez os derradeiros representantes, de grande envergadura, de um tipo de discursivismo que vinha de Álvaro de Campos a Raul de Carvalho. O autor de «Mesa da Solidão» é, na verdade, o legítimo antecessor daqueles dois poetas, no âmbito da poesia portuguesa. Mas não seria igualmente possível compreender a poesia de Ruy Belo, sem ter em conta a de T. S. Eliot, ou compreender a de Helder, sem a de Rilke.

Qualquer poeta é necessáriamente, parece-me, uma encruzilhada de diferentes vias. O que distingue, pois, um verdadeiro poeta não é o facto de ter ou não sofrido influências (é inteiramente desejável que as sofra), mas sim a capacidade de criar a *sua* síntese.

As afinidades de Herberto Helder com Raul de Carvalho manifestam-se, sobretudo, num certo dinamismo da linguagem, especialmente na acumulação das imagens. Todavia, as imagens de Raul de Carvalho são predominantemente concretas e retiradas do quotidiano. As de Herberto Helder, na linha de Sophia de Mello Breyner Andresen, á escala nacional, — e ambos integrados na tradição de um Rilke, um Hölderlin ou, mais longínquamente, um Klopstock lírico — mais abstractas.

A poesia de Ruy Belo tem, exactamente, de comum com a de Raul de Carvalho esse enraizamento no real de todos os dias, assim como um contraponto constante entre o sagrado e o profano, ainda agora bem documentado na série «Portugal Sacro-Profano», do livro «Boca Bilingue».

Mas, acima de tudo, não quereria deixar de salientar, no último livro de Ruy Belo, a sua referência cada vez mais inequívoca á realidade portuguesa e o alcance da crítica empreendida pelo poeta a essa realidade, quer no plano do sagrado:

Nem palavras nem coisas tenho para o teu altar
e é hoje a tua festa, agora é que me lembra, ó Senhora da Assunção
Estás muito bonita; estiveram a teus pés alguns momentos
brilhantes de fervor as presidentes de importantes movimentos
Mas tens a fronte fria e dois olhos brilhantes
Estava distraído. Não te sentes feliz
se o povo reza livremente o terço no país
e são muito cristãos os nossos governantes?
... ...

quer no do profano:

No meu país não acontece nada
à terra vai-se pela estrada em frente
Novembro é quanta cor o céu consente
às casas com que o frio abre a praça
... ...

E juntam-se na casa portuguesa
a saudade e o transistor sob o céu azul
A indústria prospera e fazem-se ao abrigo
da velha lei mental pastilhas de mentol
... ...

Há neste mundo seres para quem
a vida não contém contentamento
E a nação faz um apelo à mãe,
atenta a gravidade do momento

O meu país é o que o mar não quer
é o pescador cuspido à praia à luz do dia
pois a areia cresceu e a gente em vão requer
curvada o que de fronte erguida já lhe pertencia

A minha terra é uma grande estrada
que põe a pedra entre o homem e a mulher
O homem vende a vida e verga sob a enxada
O meu país é o que o mar não quer.

Assim conferiu Ruy Belo á sua poesia uma dimensão realista de feição particularmente aguda, juntando o seu testemunho de homem virado para *este mundo* a um ofício poético, cuja exemplaridade as sete *Variações sobre «O Jogador do Pião»* bastariam para comprovar, e, de novo no nível temático, á problemática da mudança, da passagem do tempo, da perda da juventude, da morte, que tem estado presente em todos os seus livros, em inúmeros poemas, como, por exemplo, no «Relatório e Contas», de «Boca Bilingue»:

Setembro é o teu mês, homem da tarde
anunciada em folhas como uma ameaça
Ninguém morreu ainda e tudo treme já
Ventos e chuvas rondam pelos côncavos dos céus
e brilhas como quem no próprio brilho se consome
Tens retiradas hábeis, sabes como
a maçã se arredonda e se rebola à volta do que a rói
Há uvas há o trigo e o búzio da azeitona asperge em leque o som
[inabalável
nos leves ondulados e restritos renques das mais longínquas oliveiras
[conhecidas
Poisas sólidos pés sobre tantas traições e no entanto foste jovem
e tinhas quem sinceramente acreditasse em ti
... ...

Setembro na verdade é mês para voltar
Podes tentar ainda alguns expedientes respeitáveis
multiplicar diversas diligências nos ameaçados cumes dos outeiros
ser e não ser fugir do rótulo aceitar e esquivar o nome fixo
E no entanto é inevitável: a temperatura descerá mais dia menos dia
Calas-te então cumprido como um rosto e puxas toda a tarde
sobre esse corpo que se estende e jaz
... ...

GASTÃO CRUZ

poema

por vasconcelos sobral

ternura quarto furor serpente
a densidade do mesmo amor
noutra vida afinal por um fio
já podre
ó isso ó sexo condutor

novo silêncio de lábios confundidos
toca a maçã preciosa por dentro
porém tudo é contudo perigo
incêndio cinza protoplasmas ventre

o amor
essa centopeia de loucura